Diário de Lisboa

Maio 1977
Terça-feira
17

ANO 57.º
N.º 19 355
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

PONTA DELGADA

Calma no "terreno" mas agitação nos "bastidores"

Nos Açores, a situação foi esta manhã descrita como calma por um porta-voz do Ministério da República, contactado telefonicamente pelo «DL». Em Lisboa, contudo, as questões políticas que os incidentes dos últimos dois dias suscitaram não parecem poder ser dadas como encerradas.

Nos «bastidores políticos» da capital manifesta-se a opinião de que a Presidência da República não poderá ficar indiferente à «guerra de comunicados» desencadeada pelas autoridades regionais açorianas dado que naqueles textos não só se contesta a posição assumida por Belém, como se fazem veladas acusações de manipulação por «forças políticas» não especificadas.

Acresce-se que, 48 horas depois dos primeiros incidentes em Ponta Delgada, uma clara demarcação das provocações separatistas e da muito dúbia atitude das autoridades governativas regionais ainda não surgiu por parte do partido maioritário no arquipélago, o PSD/PPD.

Na «calma» açoriana não deixam, contudo, de pesar ainda algumas ameaças, tais como as de uma alegada manifestação que teria sido convocada pela FLA e de que um jornal matutino de direita faz hoje eco (em Ponta Delgada, as fontes contactadas esta manhã pelo «DL» desconheciam tal convocatória).

Não se confirma, entretanto, que o Presidente da República tenha chamado a Lisboa os ministros da República dos Açores e da Madeira, não tendo a próxima deslocação deste último à capital nada a ver com os acontecimentos. Não se confirma igualmente (segundo desmentido do Comando da PSP em Ponta Delgada) que o tenente-coronel Albergaria Pacheco, responsável por aquela corporação, tivesse solicitado a sua demissão. Um e outro rumor são classificados por fontes oficiais como fazendo parte das movimentações da direita em torno do caso, nomeadamente quanto às intervenções que no decurso dos incidentes partiram do general Galvão de Figueiredo e do tenente-coronel Pacheco.

Entretanto, dois dos quatro agentes da PSP feridos nos recontros com grupos separatistas que tentaram o assalto a uma esquadra da Polícia, ainda se encontram hospitalizados, juntamente com um civil, não sendo o seu estado considerado grave.

(Pág. 2)

Carga policial no Porto: esta foto foi-nos enviada por um leitor e documenta a violência do passado dia 11

UNIVERSIDADES SOLIDÁRIAS CONTRA MEIC

Greve em Coimbra e Porto paralisações em Lisboa

As três academias do País mantêm-se solidárias contra as medidas do MEIC, como demonstra a greve de hoje, que é total em Coimbra, quase total no Porto (são excepções Medicina e Farmácia) e com carácter de greve por um dia e algumas paralisações simbólicas em Lisboa, que no entanto pode vir a uniformizar a sua solidariedade em relação à Academia de Coimbra no plenário da próxima quinta-feira, de todos os estudantes universitários de Lisboa. Como factor relevante aponte-se a reunião de 156 docentes da Universidade de Coimbra, entre os quais o professor jubilado e militante do PS, Paulo Quintela, que repudiam vivamente as medidas do MEIC em relação à Universidade: o seu encerramento e a consulta domiciliária para saber se os estudantes querem ou não manter em greve. O MEIC dizem, estudantes e professores, além de não considerar como representativa a Associação de Estudantes, consulta (individualidaalmente) os alunos para uma abertura das aulas — não aceitando contudo nenhuma das suas reivindicações quando para o encerramento da Universidade, nem professores nem alunos foram consultados.

Os estudantes mantêm-se abertos ao diálogo — várias vezes o têm manifestado. O MEIC não.

A greve de hoje, manifestando a unidade dos estudantes em relação ao MEIC, mostra porém, que há divergências no movimento associativo quanto aos métodos a utilizar. Se de um lado há quem defenda uma greve nacional mais prooongada, até que o MEIC ceda, por outro há estudantes e organizações juvenis que defendem que o prolongamento da greve pode levar ao impasse.

Registe-se também como factor positivo o apoio e a compreensão que os estudantes de Coimbra e do curso de Psicologia do Porto têm recebido da população em geral e especialmente das comissões de moradores e trabalhadores. Ao contrário do que Sottomayor Cardia afirmou na TV, a luta dos estudantes não está isolada nos muros da Universidade. Os estudantes não querem que a Universidade seja um «ghetto».

(Pág. 8)

Walter Mondale partiu para Madrid

Walter Mondale já está em Madrid, depois de três dias em Portugal, dois dos quais para conversações. Ontem, jornada particularmente activa da sua estada em Lisboa, foi recebido pelo Presidente da República e pelo Primeiro Ministro, antes de almoçar com o Cardeal-Patriarca e visitar a Assembleia da República. À noite foi obsquiado no Palácio da Ajuda com um jantar em sua honra oferecido pelo general Ramalho Eannes.

Durante a permanência na capitalespanhola (hoje), o vice-presidente dos EUA tratará com o rei Juan Carlos e com Adolfo Suárez das possibilidades da Espanha na CEE e da sua evolução rumo à NATO.

(Pág. 8)

Waldheim pede fim dos Bantustões
(Pág. 9)

Publicidade hoje **(Pág. 5)**

O problema da existência de quinze milhões de desempregados nos «países ricos» e a «cimeira» de Londres e a conclusão dasérie sobre a Rodésia «A Última Cartada» figuram no nosso suplemento de hoje. «Exclusivo» de hoje publica ainda «O Vietname dois anos depois», «A tortura no Uruguai» «A Importância Política do Conselho da Europa», etc., além de muitos outros temas de actualidade

País Basco parou ontem com greve de meio milhão

Meio milhão de grevistas mantiveram ontem o País Basco, uma das áreas mais industrializadas de Espanha, quase totalmente paralisado, como protesto pela brutalidade da Polícia e a favor da completa amnistia para os presos políticos. Apesar disso, novos recontros foram registados nas províncias da Guipuzcoa, Alava e Navarra. Os mais graves ocorreram novamente em Renteria (Guipuzcoa) com um saldo de 8 feridos, no choque entre manifestantes e a Guardia Civil. Os ferimentos foram provocados por coronhas de armas.Os incidentes em Renteria ocorreram depois dos funerais, em San Sebastian das últimas cinco vítimas da violência policial durante o passado fim-de-semana. Vinte e cinco mil pessoas participaram dos funerais e 11.000 na manifestação que se seguiu.

Na Biscaia também ocorreram choques, nomeadamente em Portugalete, Santurce e Bilbau. Nesta última, os manifestantes levantaram barricadas para resistir à polícia. Ao mesmo tempo, 60 presidentes de municípios de Guipuzcoa anunciavam que se demitiriam se, no próximo dia 24, data do início da campanha eleitoral, o governo não esvaziasse completamente as prisões dos acusados por «delitos políticos».

Entretanto esta madrugada, em Madrid, algumas horas antes da chegada a Madrid do vice-presidente norte-americano Walter Mondale, uma potente bomba destruiu parte do Centro Cultural dos Estados Unidos. O artefato foi colocado numa máquina de refrigerantes, estraçalhou salas de aula, arquivos bibliotecários, canalizações, feriu um guarda de um bloco de apartamentos vizinho e abriu um buraco de 1 metro no pavimento construído com 30 centímetros de cimento armado.

Solidariedade com empresa J. Pimenta

Como manifestação simbólica de solidariedade para com os trabalhadores da J. Pimenta e de outras empresas intervencionadas em idêntica situação, os delegados sindicais e as comissões de trabalhadores das empresas dos concelhos de Sintra, Cascais, Oeiras (incluindo a Amadora) decretaram uma paralisação simbólica de um quarto de hora, a observar amanhã, a partir das 11 horas.

A J. Pimenta é uma das empresas intervencionadas onde se verificaram recentes intervenções policiais contra os trabalhadores, que pretendem ver assegurado o seu direito ao trabalho.

Política de A a Z

CRISE NA UNIVERSIDADE

As convicções socialistas do professor Paulo Quintela não o impediram, antes o obrigaram, a dizer em público que não podia aceitar «as medidas antidemocráticas provenientes de ministérios do Governo Socialista». E com a autoridade que todos lhe reconhecem, Paulo Quintela recordou:: «A Constituição permite a greve, mas baniu definitivamente o *lock-out*. Estamos agora numa situação muito curiosa: os alunos fizeram greve e o Governo faz *lock-out* aos professores e funcionários da Universidade».

Com efeito, o encerramento da Universidade de Coimbra, é uma medida que, destinada a reprimir o movimento de protesto dos estudantes, impede aos docentes o acesso ao seu local de trabalho. E não só às aulas, como aos gabinetes, aos laboratórios, às bibliotecas. A drástica medida atinge os professores, ofende os professores na sua dignidade, na sua liberdade.

Razão teve Paulo Quintela para afirmar com sinceridade e tristeza: «Lamento profundamente o passo dado pelo ministro da Educação, cujo passado académico fazia esperar uma actuação bem diferente». São palavras ditadas por uma generosidade que voluntariamente ignora as malhas que o Poder tece. A experiência da democracia portuguesa mostra, porém, que o Poder não pode furtar-se a opções claras. A «afirmação da Autoridade» exclui a participação democrática e encaminha para as soluções autoritárias.

A crise de Coimbra resulta de um exercício cego da autoridade que resvalou já para uma exibição de autoritarismo. E o Porto? Do Porto falam as imagens recordando o «antigamente».

O Governo socialista não poderá correr o risco de perder a capacidade de diálogo com a juventude universitária, cortando pontes com as novas gerações, interpondo entre o Governo e os estudantes as formações pretorianas da «Ordem».

Todos aprendemos, nos anos de apagada e vil tristeza, de opressão e de silêncio, que a «Ordem» era um mito fascista. O Professor Mário de Azevedo Gomes, num discurso que Mário Soares não terá esquecido, comparou essa falsa «ordem das ruas» à «paz dos cemitérios». E será uma «paz de cemitério», essa que se alcançará na Universidade reprimindo à bastonada o protesto estudantil ou encerrando as escolas num alarde de autoritarismo repressivo. Lamentável incapacidade de dialogar com os estudantes, de assegurar a participação dos estudantes no governo e na defesa da Universidade, é esta a que nos é dado assistir. Triste espectáculo que para muitos de nós evoca crises anteriores e, irremediavelmente, nas próprias explicações ao País oferecidas, recorda outro tempo, outro discurso, outros homens.

CRISE NOS AÇORES

As explicações embrulhadas e arrogantes do Presidente do Partido Social-Democrata, partido que governa os Açores, o que dá cobertura «democrática» à reacção local e ao separatismo equivocado ou mercenário, não podem ser recebidas pela opinião pública como explicações aceitáveis e responsáveis. A guerrilha de Sá Carneiro contra o Governo Socialista converteu-se, nos últimos meses, numa ofensiva sistemática e de grande duplicidade nos métodos de actuação adoptados. Hesitamos em ir tão longe como alguns responsáveis socialistas que falam de «conspiração» contra o Governo socialista. A palavra «conspiração» tem diversos significados e poderá ser utilizada na linguagem política com diversa carga. Mas dos Açores a Lisboa, na Madeira e no Porto, o grupo do PSD que segue de perto o Dr. Francisco Sá Carneiro multiplica-se em jogadas que visam a conquista do «Poder», ou de posições no «Poder», sem aguardar que o Partido Socialista esgote o exercício de «um Governo de legislatura».

E se o partido do Dr. Freitas do Amaral se esforça na demonstração das suas capacidades gestionárias, oferecendo-se ao Presidente da República como um alfobre de competências; o jogo do partido do Dr. Sá Carneiro é muito diferente pela obstinação, pela continuidade ofensiva, pelos métodos. A «confiança» que vem sendo reafirmada ao Presidente da República é, da parte de Freitas do Amaral, um pressuposto estratégico da parte de Sá Carneiro é, apenas, condicional e táctica.

Qualquer tentativa de dramatização dos problemas dos Açores deverá ser combatida; mas também deverá ser denunciada qualquer tentativa de banalização de um problema grave que envolve delicados aspectos nacionais e internacionais. Inaceitável, igualmente, nos parece ser o propósito de atribuir ao Governo socialista, e à «crise latente», a responsabilidade dos «acontecimentos intoleráveis».

E porque são «intoleráveis» é necessário dar-lhes solução e não consentir que um «partido político» possa, à sombra de um equívoco, manter uma atitude de jogo duplo entre Ponta Delgada e Lisboa, entre os Estados Unidos e Portugal.

AÇORES E SEPARATISMO

Em Boston, USA, o Movimento de Apoio aos Estudantes Separatistas dos Açores distribuiu uma folha volante com o retrato do Dr. Mota Amaral, Chefe do Governo dos Açores. A folha volante dizia: «Temos a honra de convidar toda a comunidade açoriana a comparecer no Aeroporto de Boston (Terminal Internacional), no dia 4 de Maio de 1977, pelas 5 horas da tarde (chegada do avião da TWA), a fim de receber o Chefe do Governo dos Açores e prestar-lhe a homenagem a que tem direito.»

Não consta que o Partido Social Democrata tivesse aconselhado o Dr. João Bosco Mota Amaral a desencoraiar as homenagens e as actividades do MAESA. Que tal é a sigla do Movimento de Apoio aos Estudantes Separatistas dos Açores. Não parece legítimo ser «constitucional» em Lisboa, governo regional democrático em Ponta Delgada, «separatista» em Boston.

A política do PSD carece de ser clarificada. No partido militam democratas que não quererão ficar ligados a uma ambição (pessoal) e a uma aventura (antinacional).

Situação está calma nos Açores mas diferendo político mantém-se

. Em Ponta Delgada, onde se não registaram quaisquer incidentes durante o dia de ontem sendo esta manhã a situação descrita por um porta-voz do Ministério da República como «calma», o general Galvão de Figueiredo lançou ontem um apelo à população no qual exprimiu «um voto de serenidade que apague por completo as sequelas dos factos verificados» e sublinhou que «tudo se fará para garantir a paz e a segurança dos cidadãos na consolidação da autonomia no quadro constitucional».

Ontem também o ministro da República convocou uma reunião com o presidente do Governo Regional, o comandante-chefe das Forças Armadas nos Açores e os comandantes militar e naval no qual foi feito o ponto da situação e abordado um conjunto de medidas de emergência que poderiam ser tomadas caso se registasse nova deterioração da situação. A hipótese do envio de forças policiais do Continente, que segundo certas fontes terá sido prevista, foi posta de parte face à acalmia verificada entretanto.

O correspondente nos Açores de um matutino anunciou também que Mota Amaral chegou a ter preparada uma moção de confiança no seu Governo a apresentar na Assembleia Regional, mas terá desistido dela face ao desenrolar dos acontecimentos.

SÁ CARNEIRO DE NOVO EM BELÉM

Insistindo em que os incidentes ocorridos em Ponta Delgada são «problemas menores», o presidente do PSD/PPD, partido que domina o Governo Regional dos Açores, voltou ontem a Belém, convocado pelo Presidente da República, depois de novo surto de violência ter conduzido a graves confrontos com forças da PSP local, incluindo a tentativa de assalto a uma esquadra.

Mantendo que, sob a sua óptica, terá havido um «empolamento excessivo» dos factos, Sá Carneiro voltou a aludir a «forças» que «quiseram avolumar um pequeno problema», não especificando no entanto a que forças se referia concretamente, embora do tom geral das suas declarações se deduza que pretendia visar o Partido Socialista.

Uma das características das declarações proferidas após abandonar Belém, na continuidade das prestadas na véspera depois de idêntica audiência com o Chefe do Estado, continua a ser a ambiguidade do líder social-democrata na condenação do separatismo açoriano a par da defesa das posições do Governo Regional largamente implicado nas ocorrências.

Ataques ao Governo Central foram outra das constantes das declarações de Sá Carneiro, comparando aquilo que classifica como eficiência do Governo Regional com a incapacidade governativa do Governo PS. Apesar de tudo, porém, manteve que «não via qualquer problema específico» nas futuras relações entre o seu partido e o do dr. Mário Soares.

COMUNICADO DO PS

O Partido Socialista, em comunicado emitido ontem à tarde (o segundo referente aos acontecimentos em Ponta Delgada), insere os atentados cometidos «numa estratégia separatista» que beneficia «da inacção e complacência do Governo Regional dos Açores» acrescentando que «tal situação constitui um desafio frontal à democracia e exige da parte dos órgãos de soberania medidas rápidas e firmes».

O comunicado, que refere que o presidente do PSD/PPD interpretou «abusivamente o discurso proferido pelo Presidente da República a 25 de Abril para daí tirar ilações contra o Governo Central», afirma que Sá Carneiro se coloca agora em «oposição frontal ao comunicado da Presidência», «a fim de salvar a face ao Governo Regional».

«O PSD é um partido nacional. Não pode ser um partido constitucional no Continente e uma fracção anticonstitucional e separatista nos Açores» — diz o comunicado acrescentando que «se impõe que o PSD e o seu presidente condenem sem equívocos o separatismo e obriguem o Governo Regional do seu partido a respeitar a Constituição da República».

GOVERNO REGIONAL

O Governo Regional açoriano continua a manter o confronto com as autoridades do Continente, nomeadamente com a Presidência da República, não admitindo as suas muitas responsabilidades no sucedido e não se retratando face às críticas que lhe foram formuladas.

Para o Governo Regional, a bandeira separatista continua a ser o «símbolo da autonomia» e a posição assumida por Belém um «acto de consequências previsíveis».

Num comunicado também ontem emitido, mantem as acusações a Lisboa de «deturpação de sentido e empolamento» dos incidentes, englobando tudo numa «manobra diversória.

Dos dois comunicados publicados pelo Governo Regional desde os primeiros confrontos inferem-se respostas indirectas às severas críticas formuladas oportunamente por Belém e transparece um confronto que não poderá deixar de merecer firme resposta por parte da Presidência da República.

AUTARQUIAS DO PSD INSISTEM NO CONFRONTO

Na linha, aliás, do Governo Regional, também diversas autarquias de S. Miguel reincidem em posições provocatórias.

Enquanto a Câmara Municipal de Ponta Delgada reconhece que «não foi irrefectidamente que na tarde de 12 do corrente decidiu se intercalassem nas ornamentações respectivas (...) algumas bandeiras e galhardetes indicativos da autonomia açoriana» (leia-se: os símbolos do separatismo) e «lamenta profundamente que houvesse sido neutralizada uma deliberação legalmente tomada», a Câmara Municipal de Vila do Porto, que na mesma ocasião (nas festas do Senhor Santo Cristo) mandou colocar «e em pé de igualdade com a Bandeira Nacional» (confessa) «várias bandeiras da autonomia», solidariza-se com a primeira, acusando por sua vez «diversas forças políticas e autoridades da República» de terem empolado a situação.

Em apoio da Câmara de Ponta Delgada vieram também as Juntas de Freguesia de S. Pedro e S. Sebastião, demarcando-se, em comunicado conjunto, da Presidência da República, nomeadamente considerando como «festa regional» as comemorações em torno do Senhor Santo Cristo e não «uma festa nacional», conforme opinião de Belém.

JUVENTUDE CENTRISTA TAMBÉM SE ENVOLVE

Um comunicado ontem distribuído em Ponta Delgada e assinado pela Juventude Centrista (CDS) apoia as posições do Governo Regional e do município.

Em Lisboa, o CDS, alegando desconhecer a origem exacta de tal comunicado, informou, no entanto, que iria investigar as condições em que o mesmo foi emitido e eventualmente suspender os órgãos regionais da JC, caso se confirmem as acusações contra eles feitas.

POSIÇÃO DO PCP

«O PCP, partilhando das justas preocupações e do firme repúdio expresso na nota da Presidência da República, considera que os acontecimentos registados em Ponta Delgada ofendem a consciência e a dignidade nacionais e são uma clara provocação contra o regime democrático consagrado na Constituição» — afirma uma nota da SIP daquele partido.

«O PCP tem advertido persistentemente para o facto de, nos arquipélagos, as duas características fundamentia da reacção — ser fascista e ser antinacional — aparecerem claramente associadas.

Nas regiões autónomas, a instauração de poderes locais reaccionários as limitações ao exercício das liberdades, a instalação de um clima de ódio e intolerância, o esmagamento da oposição pela violência e o terrorismo, são inseparáveis das manifestações e propaganda do separatismo, das pretensões de quebrar a unidade nacional e de alienar ao imperialismo uma parte do território nacional» — prossegue o comunicado, que remata: Na situação presente, depois da firme tomada de posição assumida por alto órgão de soberania, se a impunidade e a complacência viessem novamente premiar este atentado contra os sentimentos patrióticos do povo português, é seguro e certo que as forças reaccionárias se aproveitariam do facto para intensificar a sua campanha de desprestígio das instituições democráticas, procurando minar a confiança popular na capacidade do regime democrático se defender dos inimigos da liberdade e da unidade e integridade nacionais».

Governo da Madeira quer convidar Eanes para visita

O Governo Regional da Madeira vai convidar o Presidente da República, general Ramalho Eanes, a visitar oficialmente aquela região autónoma no próximo mês de Junho. A informação é da ANOP, colhida no Funchal junto do presidente do GR, Ornelas Camacho. A agência dá a notícia nos termos em que a reproduzimos.

O general Ramalho Eanes iria inaugurar o primeiro grande encontro de emigrantes madeirenses. Lembra a ANOP que neste encontro estarão presentes o presidente do PSD, Francisco Sá Carneiro, e o presidente do Governo dos Açores, Mota Amaral. Se o Presidente da República aceitar o convite que o GR da Madeira tenciona dirigir-lhe, será a sua primeira visita oficial ao arquipélago.

Entretanto falando à ANOP a propósito dos graves incidentes que este fim-de-semana se registaram em Ponta Delgada e Angra do Heroísmo (Açores) o presidente do GR da Madeira, Ornelas Camacho, disse que não tem ainda uma opinião formada sobre o assunto, aguardando «informações concretas sobre o que por lá se passou».

Por outro lado chega hoje a Lisboa o ministro da República na Região Autónoma da Madeira, coronel Lino Miguel, que vem para contactos com o Governo Central.

Novos governadores

A hora de fecho desta edição decorre no Ministério da Administração Interna o acto de posse do novo governador civil de Beja, dr. José Manuel Pereira Bastos, e vice-governador civil de Setúbal, Fausto Lucas Martins.

Interrupção de trânsito

Em comunicação à Imprensa o Ministério das Obras Públicas informou que na próxima quinta-feira vai ser interrompido o trânsito na passagem de nível da EN 118, em Rossio de Abrantes, no período das 11 às 17.30 horas.

MOBÍLIAS
MODERNAS OU DE ESTILO
COMPRE NO FABRICANTE
GRANDE VARIEDADE EM EXPOSIÇÃO
FÁBRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO
RUA MARIA ANDRADE, 64
(perto Igreja dos Anjos)

AUSTRIA
Belo circuito visitando INNSBRUCK, ST. JOHANN, KITZBUHEL, ZELL AM SEE, SALZBURG, GARMISCH, e ainda ZURIQUE
Partidas:
14 de Maio
18 de Junho
09 e 30 de Julho
13 e 27 de Agosto
17 de Setembro
08 de Outubro
Somente Esc. 13 750$00
Consulte-nos
JR
Europeia
• a experiência ao serviço do turismo •
Av. da Liberdade 233 Telef 536121 Lisboa

post-scriptum

Quando o capitalismo atinge o seu auge de expressão

Quando o capitalismo atinge o seu auge de expansão... surge a crise. Crise cíclica inevitável, gerada no seu próprio ventre. E é o desemprego, é a fome é a guerra!

Assim sucedeu nas crises que precederam as duas últimas Grandes Guerras, mas que a bomba atómica desaconselha na crise actual. E Nuremberga ainda está na memória de muita gente...

Sempre que tais crises surgem, as fábricas, o campo, a pesca, as minas, sofrem os seus reflexos. Instala-se a inflação. Há desemprego aos milhões. Diminui a procura dos produtos por abaixamento do poder de compra. A fome instala-se nos lares dos trabalhadores.

Os vários povos vão fechando as suas fronteiras à entrada de produtos de outros países e as fontes de arrecadação de divisas enfraquecem. Afrouxa a emigração e os emigrados retornam ao país de origem, agravando ainda mais a situação dos povos pequenos e fracos.

Há conferências, mesas-redondas, comunidades económicas, viagens diplomáticas de circum-navegação...ao mundo capitalista e...nada. Cria-se a EFTA. Forma-se a CEE.

Procura-se uma tábua de salvação para o regime económico-político em decomposição, sem ferir o sistema de economia de mercado; mas o problema não se resolve sem estruturas planificadas em que os meios de produção se encontrem ao serviço de todo o povo e não apenas ao serviço e benefício duma minoria possidente, que não abdica nem aceita discutir uma melhor distribuição das mais-valias extraídas daqueles que as produzem.

Pergunta-se:

Como vai ser resolvido o problema económico-social no nosso país? Se em Portugal, além das centenas de milhares de retornados das ex-colónias e dos muitos milhares de desempregados se juntarem mais algumas dezenas de milhares de emigrantes «devolvidos» pelos países que os haviam acolhido, que será de nós? Oue será deles?...

Pedem-se empréstimos ao imperialismo internacional?

Exporta-se carne humana com o rótulo de «emigrantes», para depois nos fazerem as suas remessas de divisas?

Promove-se a entrada maciça de emigrantes, cujas divisas, em grande parte, são por eles próprios absorvidas com a sua alimentação, visto provocarem maior importação de artigos alimentares?

Ou vamos entrar a fundo na produção nacional, activando em ritmo aceleradíssimo o trabalho no campo e nas fábricas, nas minas e no mar, tendo o Estado como motor principal na sua dinamização e orientação, com a ajuda de todos os trabalhadores e pequenos e médios empresários?

Não percebo quase nada de economia; por isso gostava que me explicassem:

1º Como vamos amortizar as nossas dívidas de dezenas e dezenas (talvez cheguemos muito cedo às centenas) de milhares de contos?

2º Como vamos satisfazer os nossos compromissos de pagamento de amortização e juros? Vamos satisfazê-los com novos empréstimos? (Isto seria um círculo vicioso)

3º Se assim for, não será demasiado optimismo supor que em 4 anos se estabilizaria a balança de pagamentos, sabendo-se quão pequeno é o nosso poder de exportação em regime de economia não planeada e sem a colaboração activa de todos os trabalhadores?

E, finalmente,

4.º Em vez de empréstimos, que vão, sobretudo, resolver problemas dos prestamistas, não seria mais aconselhável fomentar a produção (com a consequente criação de novos postos de trabalho) e fazer a troca de produtos e serviços com países verdadeiramente amigos, onde quer que eles se encontrassem?...

A. V. — LISBOA

Campanha dos «direitos humanos»: um expediente de diversão pouco original

Que o capitalismo tenha escolhido o tema dos «direitos humanos» para denegrir a realidade socialista, tentando desviar a atenção das massas do apogeu dos vícios e taras desta fase de crise ajuda do imperialismo, é profundamente caricato.

De facto, não será uma esperteza saloia acusar nos outros aquilo mesmo por que se é responsável? É que o capitalismo significa exactamente a negação de todos os direitos para milhões de homens, e o Brasil, a Argentina, o Chile, Porto Rico, Hiroshima e Nagasaki não ficam exactamente no campo socialista.

A Imprensa dos monopólios dá grande relevo a ridículas manifestações de 7 pessoas nas ruas de Moscovo, promovidas por indivíduos sem quaisquer raízes nas massas populares, mas não regista as violências sem nome praticadas contra pessoas inocentes no chamado «mundo livre», nem que nele se prendem e matam diariamente manifestantes, grevistas, patriotas.

Octávio de Sousa — COIMBRA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

SALÁRIOS E PREÇOS

UM FOSSO QUE SE ALARGA

JORGE BARATA PRETO

A eclosão vitoriosa do movimento dos capitães no 25 de Abril de 1974, faz-se num clima inflacionista que desde há alguns anos vinha assumindo proporções verdadeiramente assustadoras para o próprio regime fascista, de tal maneira que o problema do aumento crescente do custo de vida vinha-se tornando tema constante das marcelistas «conversas em família».

O «peso» do problema era tão grande que nas linhas programáticas do efémero Programa do MFA se lhe dedicava especial atenção, ao prometer-se uma «nova política económica, posta ao serviço do Povo Português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista». E a verdade é que em 1974 e 1975 se conseguiu atenuar bastante o desequilíbrio entre os salários e os preços. Segundo dados estatísticos obtidos através do INE, o aumento de preços verificado em 1975 foi, na generalidade, inferior ao ocorrido em 1974. Enquanto os aumentos percentuais nos índices de preços no consumidor (recolhidos em seis cidades), em 1974, variaram entre 21,9% (Faro) e 29,1% (Coimbra), no ano de 1975 os aumentos situaram-se entre os 15 % e os 20% com excepção de Coimbra onde a subida média do custo de vida foi de 23,6 %.

A esta contenção dos preços em níveis mesmo assim muito altos, corresponde um aumento dos salários nominais da classe trabalhadora, melhorando as condições de vida de grande parte da população. Os melhoramentos substanciais na evolução da massa salarial (em termos nominais) — pela fixação do salário mínimo em 3300$00, da pensão mínima e outras regalias sociais e pela actualização em Junho de 1975 do salário mínimo em 21 % (4000$00) — contribuem para uma correcção nas assimetrias profundas na repartição do rendimento de antes do 25 de Abril. Enquanto em 1973 a proporção da massa salarial no Rendimento Nacional era da ordem dos 45 %, em 1975 esse montante atingia cerca de 56 %. Valor que sendo já mais equilibrado nem de longe se aproxima daqueles da maioria dos países capitalistas desenvolvidos onde a massa salarial atinge, em média, valores da ordem dos 70 % do total do rendimento gerado na economia.

Neste período, a diferença de velocidade no crescimento dos salários e dos preços tem como consequência um aumento de salários reais, entendendo-se por salários reais os salários nominais deduzidos da inflação. A repercussão que isso teve sobre o poder de compra da maioria da população, traduziu-se numa pressão sobre o mercado, principalmente sobre os bens de primeira necessidade, se bem que certos estratos da classe trabalhadora e da pequena burguesia «Moderna» (funcionários, empregados, quadros técnicos, etc.) com os rendimentos melhorados por via de onda reivindicativa que se seguiu ao 25 de Abril encaminhassem essencialmente a procura para bens de consumo duráveis, presos aos patrões consumistas difundidos por todos os meios pela ideologia do sistema capitalista.

Mas a redistribuição da riqueza levada a cabo nos primeiros anos da revolução não foi perdurável. Com a inflexão, ao nível do poder político, nos fins de 1975, as coisas modificaram-se substancialmente.

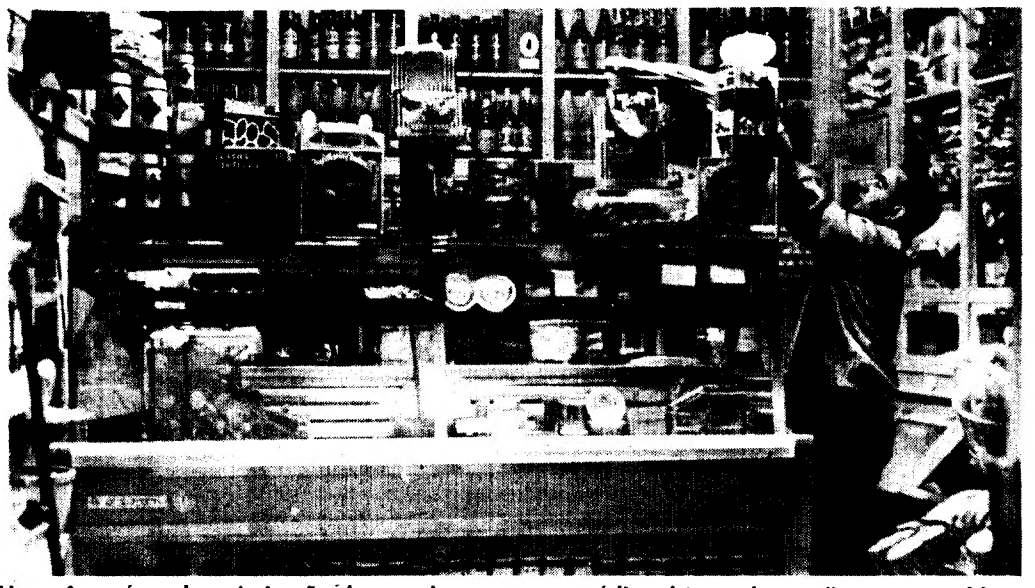
Poder de compra perdido nos últimos 6 meses do Marcelismo	Aumento líquido do poder de compra (Nov. 73 a Set. 75)	Redução do poder de compra Set. 75 a Set. 76)	Redução do poder de compra Out. 76 a Fev. 77) (estimativa)
— 6%	+ 12%	— 7%	— 7% a — 8%

Este quadro, retirado do último número da revista «Economia e Socialismo» é suficientemente explícito das modificações havidas. Ao controlo dos preços exercido nos dois anos de revolução, sucede-se a liberdade dos preços a que o poder chama de «verdade dos preços». É verdade que as medidas de justiça social (inadiáveis) funcionaram como factores de pressão sobre uma estrutura produtiva deficitária; é também verdade que o enorme contingente de regressados das ex-colónias teve os mesmos efeitos sobre a procura; por outro lado, os factores inflacionistas do «ancien régime» continuam permanentes (com excepção da guerra colonial), pelo aspecto estrutural que assumem; é ainda verdade que os aspectos conturbados que a luta de classes, a todos os níveis, assumiu, teve consequências pesadas para o aparelho produtivo nacional, com quebras de produtividade, desorganização nas empresas, abandono e descapitalização de muitas empresas por parte de muitos patrões. Mas tudo isso será razão suficiente para a «liberalização» dos preços, em nome da luta contra o «irrealismo» que «foi ter desprezado a verdade dos preços pela repressão artificial da inflação»? Se se chama «irrealismo» a uma política de verdadeira protecção dos interesses das classes mais desfavorecidas, a reposição da verdade dos preços, como ela se está a processar, essa é demasiado real, palpável, pelas conotações político-económicas que encerra. A libertação dos preços (ao mesmo tempo que se criam dificuldades institucionais ao aumento dos salários) corresponde à libertação dos mecanismos selvagens do mercado, cuja não intervenção (e é o que está a acontecer) é o melhor estímulo para uma especulação crescente que numa perspectiva pessimista pode degenerar numa inflação incontrolável, galopante.

As medidas de política económica tomadas no 25 de Fevereiro são o culminar do processo da institucionalização da libertação dos preços quer por uma maneira directa (criação do «cabaz de compras» e definição do novo regime de controlo **a posteriori** dos preços), quer indirecta (desvalorização do escudo). Se o «cabaz das compras» constitui já uma decepção pela quantidade diminuta de produtos que abrange relativamente às perspectivas alimentares pelo Governo, a sua importância social diminui grandemente em virtude de a maioria dos produtos nele incluídos terem sofrido aumentos prévios de preço (alguns deles bastante elevados). A justificação da estreiteza do cabaz, pelas «garantias de abastecimento», não invalida o perigo do aparecimento do mercado negro facilitado pelas deficiências dos circuitos de comercialização existentes no nosso país, factor básico que muito para actuar sobre a forma como se distribui a mais-valia global pela estrutura económica» (1).

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, um mês após a desvalorização do escudo, apura-se uma subida de 14 % nos preços médios dos produtos alimentares no continente. Uma subida tão acentuada, num espaço de tempo tão curto como um mês é um golpe demasiado duro para grande parte das famílias portuguesas. Seria bom que este salto brusco na cadeia inflacionária (onde ainda não se fazem sentir grandemente os efeitos da desvalorização; esses far-se-ão notar com todo o seu peso nos próximos meses) fosse o primeiro passo para a estabilização dos preços. Mas é de recear que assim não aconteça, visto que a acção do Governo está cada vez mais a enveredar por uma política de subserviência face às imposições e exigências dos seus «amigos» credores e suas organizações financeiras, como por exemplo o Fundo Monetário Internacional. As recentes medidas de política económica tomadas pelo Governo não são mais do que a «receita» habitual preconizada pelo FMI para casos semelhantes. Ao nível das políticas de preços e salários o modelo do FMI é extremamente expressivo: descontrolo absoluto dos preços dos bens de consumo corrente, como forma de limitar o consumo e por via disso gerar poupança forçada e aumentar a acumulação de capital por aumento dos lucros. Esta estratégia, de resto já muito experimentada no mundo inteiro, tem como objectivo básico a criação de condições de lucro favoráveis, forçando simultaneamente os Governos a uma política de contenção das reivindicações salariais. Como parece que é esta a opção governamental, então poderemos esperar o pior. Os efeitos positivos da própria desvalorização serão inevitàvelmente neutralizados pela «bola de neve» dos preços, pois os benefícios esperados de os produtos portugueses recuperarem poder competitivo nos mercados externos deixarão de existir pelo facto de o aumento dos preços ultrapassar o seu embaratecimento, por via da inflação. Assim, teremos voltado ao princípio e exigir-se-á uma nova desvalorização, apesar de os membros do Governo afirmarem categoricamente que não haverá nova desvalorização do escudo pelo menos até ao fim do ano. Mas uma coisa é a retórica dos políticos e outra é a prática dos ditos, principalmente quando submetidos a pressões externas das quais não se conseguem descolar.

Cair-se numa «estratégia» deste tipo é delegar nas costas (e na barriga) dos trabalhadores todo o peso da austeridade que se impõe para a recuperação da crise, é hipotecar, num futuro e cada vez mais utópico horizonte, o projecto socialista da sociedade portuguesa.



Um mês após a desvalorização do escudo, os preços médios dos produtos alimentares subiram 14 por cento no Continente — apurou o Instituto Nacional de Estatística. Uma simples entrada nas mercearias é suficiente para tirar o fôlego à dona de casa

(1) In «Economia e Socialismo» N.º 11/12.

Galardoado pela Presidência da República com a Ordem do Infante D. Henrique, Jorge de Sena disse ontem na Associação Portuguesa de Escritores que por coincidência aquele era o infante da História de Portugal que menos apreciava. Mas o labor de mais de trinta anos é de qualquer forma reconhecido, e isso mesmo lhe testemunharam quantos apareceram na Rua do Loreto, numa sessão em que o poeta novelista, dramaturgo, ensaísta e professor universitário (nesta última qualidade radicado nos Estados Unidos) teve a apresentá-lo Sophia de Mello Breyner Andresen, coetânea sua nos «Cadernos de Poesia». Na mesa viam-se também Maria Velho da Costa e José Gomes Ferreira, actual e antigo presidente da Associação. Diria Sophia Andresen, a propósito da figura de Jorge de Sena, que Portugal começa a reconhecer-se a si próprio «reconhecendo a sua cultura»

Filme de Fernando Lopes bem recebido em Cannes

«Nós por cá todos bem», uma das películas portuguesas, na circunstância de Fernando Lopes, escolhidas para representar o nosso País na Quinzena dos Realizadores que decorre em Cannes, causou boa impressão a quantos assistiram à projecção, desde o realizador francês Philippe Mallouet, que no final aplaudiu demoradamente o filme, aos espectadores para o efeito convidados.

Segundo a ANOP, uma das assistentes, Silvye Blume, do Instituto Nacional dos Audiovisuais, declarou que, além da qualidade da imagem, o filme «tem a rara qualidade de misturar de uma forma perfeitamente conseguida o documentário com a ficção, as recordações da infância com a reflexão política». Para Philippe Mallouet sobressai no filme o facto de evocar a revolução portuguesa «de uma forma que não é comum», porquanto descobre «as aldeias e os camponeses» e — o que o realizador francês afirma ser importante para si — fala, também, «da realidade e do quotidiano».

Mallouet acentuou ainda ser esta a primeira vez que assistiu à projecção de um filme português, pelo que é com redobrada curiosidade que aguarda a película de Cunha Teles, que passará na Quinzena dos Realizadores na próxima semana, por forma a «conhecer melhor a cinematografia portuguesa».

"Velha Guarda" dos gráficos confraternizou num almoço

Num restaurante de Algueirão reuniu-se há dias a «Velha Guarda» dos operários gráficos num almoço de confraternização. Da Renascença Gráfica esteve presente o nosso camarada de trabalho Francisco Carvalho.

Outros participantes do almoço foram Júlio Coelho (Litografia Tejo), Albino Torres (Empresa Industrial Foto-Litografia), Manuel L. Costa (Portugal-Brasil), António Dionísio (Mirandela), Alfredo Carvalho (Litografia Tejo), Américo Osvaldo (Impretipo), Álvaro de Melo, José da Luz, Américo Caldeira (os três da Litografia de Portugal), Armando Cardoso (Lisgráfica), Demétrio Morais (Gratelo), João Coelho (Ibis), Carlos de Jesus (Gráfica Brás Monteiro), António Carvalho (Empresa Pública Notícias-Capital), Joaquim Esteves (Papelaria Fernandes), Vítor Carvalho e Sérgio Serrão (os dois da Heska).

Os organizadores programam para breve novo almoço com maior número, se possível, de «velhos gráficos».

Artes plásticas

VIEIRA DA SILVA NA GULBENKIAN

É inaugurada hoje, às 18 e 30, na Fundação Gulbenkian, uma nova e importante exposição de Maria Helena Vieira da Silva, que em 1970 ali apresentou um notável conjunto de obras, numa mostra que alcançou grande êxito.

A nova exposição é constituída por 85 pinturas a têmpera recentemente apresentadas no Museu de Arte Moderna, em Paris e que abrange o período de 1929 a 1975.

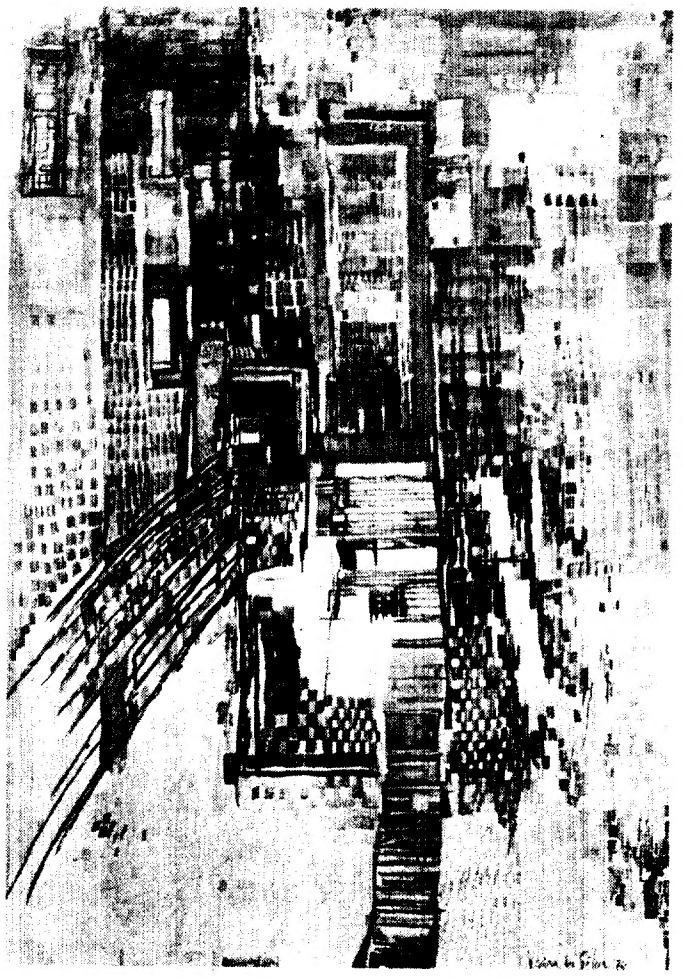
Para esta exposição a Gulbenkian editou um catálogo que inclui um poema de Sophia de Mello Breyner e um comentário de Agustina Bessa Luís.

«MAN APÓS MAN

Na Galeria de Arte Moderna da SNBA é inaugurada amanhã, às 21 e 30, uma exposição do artista Man, intitulada «Man após Man — 10 anos de um percurso».

TEMÁTICA ALENTEJANA

É hoje encerrada a exposição de arte de temática do Alentejo que tem estado patente na Galeria do Casino Estoril e que registou grande afluência de público.



Um dos trabalhos de Vieira da Silva integrados na presente exposição

Porto vai ver Festival Aeronáutico

PORTO, 17 — O general Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, presidiu, ontem, no Quartel-General, a uma reunião a que estiveram presentes o comandante da RMN, presidente da câmara e dirigentes do Aero-Clube do Porto. Foram tratados problemas ligados à realização, no próximo dia 3 de Julho, de um Festival Aeronáutico que terá lugar no Aeroporto de Pedras Rubras.

Aquele oficial superior assegurou aos presentes a participação da Força Aérea no festival, que contará com a participação de vários países, entre os quais os Estados Unidos e a União Soviética. Foi ainda resolvido que decorrerá de 2 a 17 de Julho, no Pavilhão do Palácio de Cristal, uma exposição documental sobre Aeronáutica.

Armando Soares e "Macareño" caucionados em cinco contos

Os matadores de toiros Armando Soares e António «Macareño», que no passado domingo mataram quatro toiros numa corrida em Salvaterra de Magos, foram caucionados em cinco contos e aguardam agora o julgamento em liberdade.

Ao contrário do que sucedeu com a corrida de Vila Franca de Xira, em que se registaram diversos incidentes com a actuação de forças do Corpo de Intervenção, desta vez, tudo se passou sem qualquer problema. Os matadores, perante a presença de cerca de quatro mil pessoas, e por exigência da assistência, mataram os quatro toiros no final da «faena», tendo sido levados em ombros até ao hotel. Apresentaram-se de seguida às autoridades.

Para além deste processo Armando Soares tem ainda em tribunal um outro por haver morto um toiro em 31 de Outubro de 1976 na Praça «Palha Blanco», em Vila Franca de Xira, numa corrida em que também participaram José Júlio, António Portugal e «Parreirita Cigano».

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

SERVIÇO DISTRITAL DE BEJA

Sede : **Rua dos Infantes, 35 — BEJA — Telefs. 24148/9**

CONCURSO PÚBLICO N.º 1/77

FORNECIMENTO DE VIATURAS

Faz-se público que se encontra aberto concurso pelo prazo de 20 dias, até ao dia 6 de Junho p. f., para o fornecimento das seguintes viaturas destinadas aos Serviços Externos :

2 viaturas tipo comercial (Breack), «diesel»

As propostas entregues dentro do referido prazo (fechadas e lacradas), serão abertas às 16 horas do dia 6/6/77, podendo o respectivo caderno de encargos ser consultado na 1.ª Secção — Aquisições e Armazém — Avenida Vasco da Gama, 15 e fornecido aos concorrentes que o solicitarem, onde se prestarão todos os esclarecimentos.

Beja, 12 de Maio de 1977

A COMISSÃO DE GESTÃO

TRINDADE-INATEL

1383

GRUPO de CAMPOLIDE

Às 21.30 (todas as noites — excepto ao domingo e à segunda). Domingo tarde às 16 (N. acons. a m. 13)

2.º MÊS DE ÊXITO

O MELHOR ESPECTÁCULO

ACTUALMENTE EM CENA EM LISBOA

MANUEL RIO DE CARVALHO

(«EXPRESSO»)

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

ANÚNCIO

A TODOS OS SUINICULTORES DO PAÍS

No sentido de facultar à Junta Nacional dos Produtos Pecuários os elementos que lhe permitam estabelecer condições mais adequadas para futuras intervenções no abastecimento de carne de porco solicita-se a todos os suinicultores que apresentem, com a maior urgência, dados informativos sobre as suas explorações (localização, tipo de exploração, número e tipo de suinos). Para esse efeito, essas informações deverão ser prestadas nas associações de suinicultores, nas delegações e subdelegações regionais da JNPP e na Av.ª Duque de Loulé, 97-4.º-Lisboa.

O DIÁRIO DE LISBOA entende que a Publicidade bem utilizada, é uma actividade necessária e útil e considera que as campanhas de publicidade devem ser entregues a boas Agências onde verdadeiros profissionais aceitam e impõem as regras de qualidade e utilidade social que o DIÁRIO DE LISBOA exige e defende.
PUBLICIDADE, HOJE — é mais uma iniciativa do DIÁRIO DE LISBOA, com o objectivo de contribuir para a valorização e dignificação do sector da Publicidade.

A página de hoje é da responsabilidade da Agência **S sonarte**

sonarte publicidade, l.da

A Sonarte Publicidade, Lda. é uma Agência de Serviço Completo que iniciou a sua actividade há vinte e cinco anos — Foi fundada em Fevereiro de 1952.

Nos primeiros anos a Sonarte dedicou-se principalmente à Rádio — equipou-se com um estúdio de gravação e produziu diversos programas desportivos e recreativos.

Com o crescimento da Empresa a actividade radiofónica, como produtor independente, passou a um lugar subalterno; manteve-se, por razões afectivas até princípio de 1975, o programa «Onda do Optimismo», diário no ex-Rádio Clube Português, do qual rescindimos voluntariamente o contrato antes da nacionalização da Rádio.

Hoje, mantemos a funcionar o estúdio para gravação de «spots» para a Rádio.

Como Agência de Serviço Completo a Sonarte estuda, cria planifica, distribui e controla campanhas publicitárias.

Alguns dos trabalhos executados mereceram diversos prémios nacionais dos quais destacamos: seis primeiros prémios e três menções honrosas no 3.º Festival do Filme Publicitário em 1969 e o Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa» em 1964.

No período que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, a Sonarte sentiu, inevitavelmente, os efeitos da redução substancial de publicidade. Porém, mercê da política económica que sempre orientou a Empresa e da tenacidade dos seus clientes, conseguiu sobreviver nos momentos mais difíceis e que hoje se nos afiguram ultrapassados.

No entanto, as soluções que vierem a ser encontradas para a crise político-económica e a definição concreta entre os sectores público e privado serão fundamentais para o futuro da publicidade e a sobrevivência das Empresas que a ela se dedicam.

sonarte

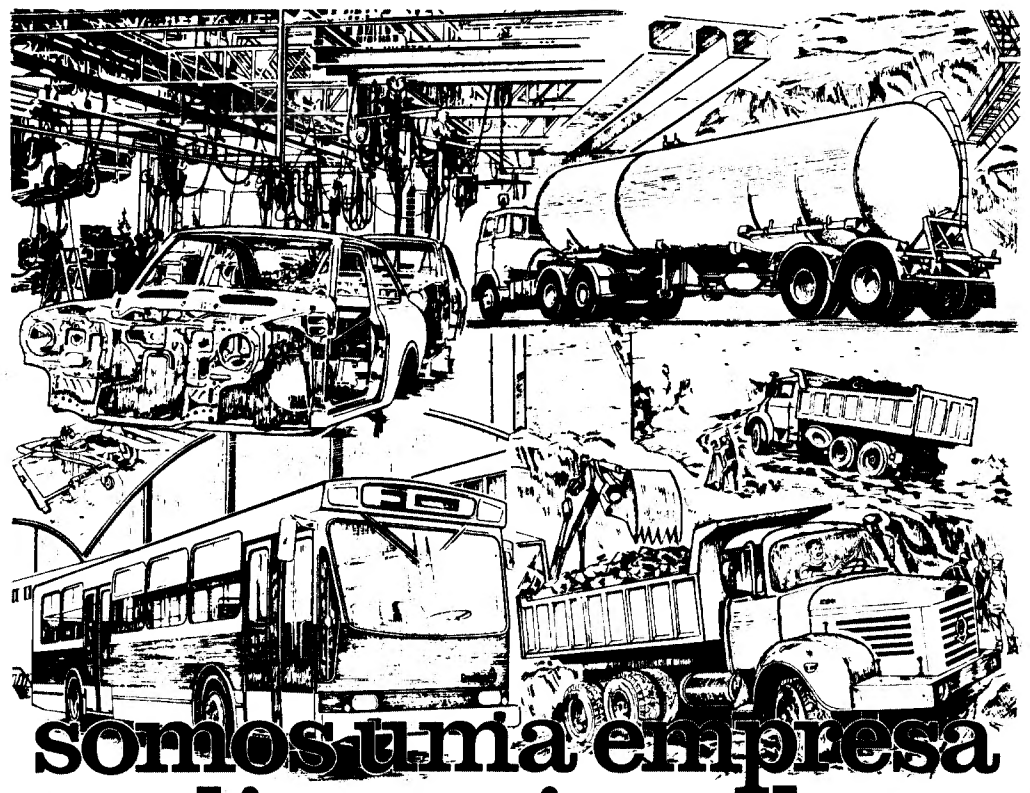
O que pensa a agência das iniciativas que o «Diário de Lisboa» tem posto em prática, a propósito da actividade publicitária e do possível reaparecimento do Grande Prémio de Publicidade instituído pelo nosso jornal?

RESPOSTA

Em princípio surpreendeu-nos que fosse o «Diário de Lisboa» a tentar recuperar uma actividade condenada por vários sectores, inclusivé por alguns publicitários.

Louvamos a iniciativa, fruto do interesse que o jornal passou a dedicar a o sector, ao mesmo tempo que notamos o esforço desenvolvido no sentido de criar as melhores relações com as agências.

Pensamos ser do maior interesse o reviver do Grande Prémio da Publicidade.



somos uma empresa dimensionada ao futuro

porque **PROJECTAMOS** e **CONSTRUIMOS**, desde «1946», produtos de comprovada tecnologia dos quais destacamos:
AUTOCARRO(S) CAETANO — construção integral
- Autocarros de Turismo, Urbanos (normais e articulados), Inter-Urbanos, Escolares
- Trolleycarros Urbanos (normais e articulados).

Centenas de milhar de pessoas, em Portugal e no Estrangeiro, são transportadas diariamente nos **AUTOCARROS** que projectamos e construímos

porque **PROJECTAMOS** e **CONSTRUÍMOS**, desde «1968», **CISTERNAS ROTEIRAS** para o transporte de líquidos e de granulados. Estamos ao serviço do **«TRANSPORTADOR»** de matérias-primas, que o mesmo é dizer, contribuindo para o desenvolvimento económico do País

porque **IMPORTAMOS, MONTAMOS, COMERCIALIZAMOS e ASSISTIMOS AUTOMÓVEIS TOYOTA** desde «1968»
Em **PORTUGAL** Continental e Ilhas, mais de 300 mil pessoas viajam com toda a **SEGURANÇA** e **ECONOMIA TOYOTA**, devidamente apoiadas por uma rede de **ASSISTÊNCIA TÉCNICO/OFICINAL** composta por 48 Oficinas Próprias e 23 Agentes de Serviço Oficial

porque **REPRESENTAMOS** desde «1974» uma das mais conceituadas marcas de veículos pesados da Europa a **BERLIET**.

Estamos desenvolvendo uma significativa expansão desta actividade de molde a corresponder às solicitações do sector quer no âmbito da **INDUSTRIALIZAÇÃO/COMERCIALIZAÇÃO**, quer quanto ao **SERVIÇO APÓS-VENDA**.

porque **COMERCIALIZAMOS** e **ASSISTIMOS «CARROS EMPILHADORES» TOYOTA**, ocupando uma situação ímpar no mercado
Estamos atentos aos problemas de manuseamento de cargas e contribuímos decididamente para uma eficaz mecanização operacional de inúmeras actividades

porque **«EXPORTAMOS» AUTOCARROS E CARROÇARIAS**
Damos um **REAL CONTRIBUTO** para a divulgação extra-fronteiras das capacidades e potencialidades da **INDÚSTRIA NACIONAL** e em termos práticos, para uma entrada de **«DIVISAS»** tão necessárias à Balança Comercial Portuguesa

porque Somos uma **EMPRESA PORTUGUESA**.
CAPITAL e **TRABALHO** de Portugueses apostados no **FUTURO**.
Estamos hoje decididos a fazer ainda mais no **AMANHÃ**.

SOMOS UMA EMPRESA DIMENSIONADA AO FUTURO

Salvador Caetano
I.M.V.T.- S.A.R.L.
Uma indústria portuguesa projectada na Europa.

sonarte

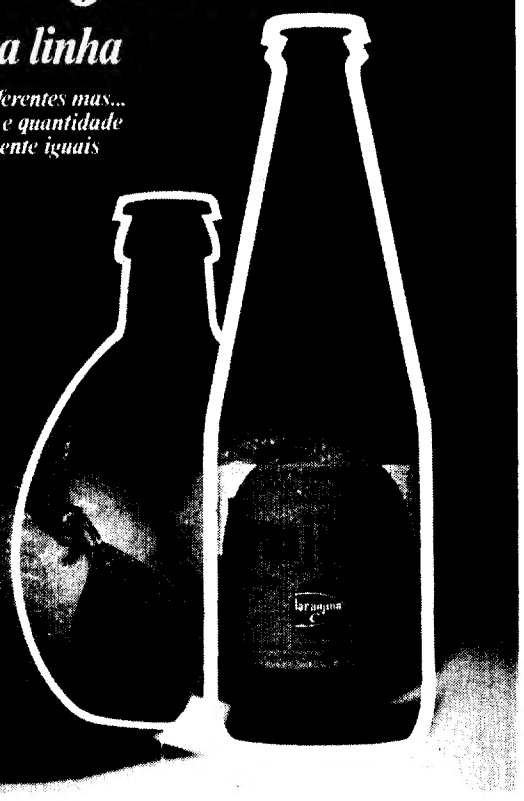
OMEGA DYNAMIC

Um relógio que se renova. É jovem; é moderno.

Laranjina "C"

a nova linha

formas diferentes mas... qualidade e quantidade rigorosamente iguais



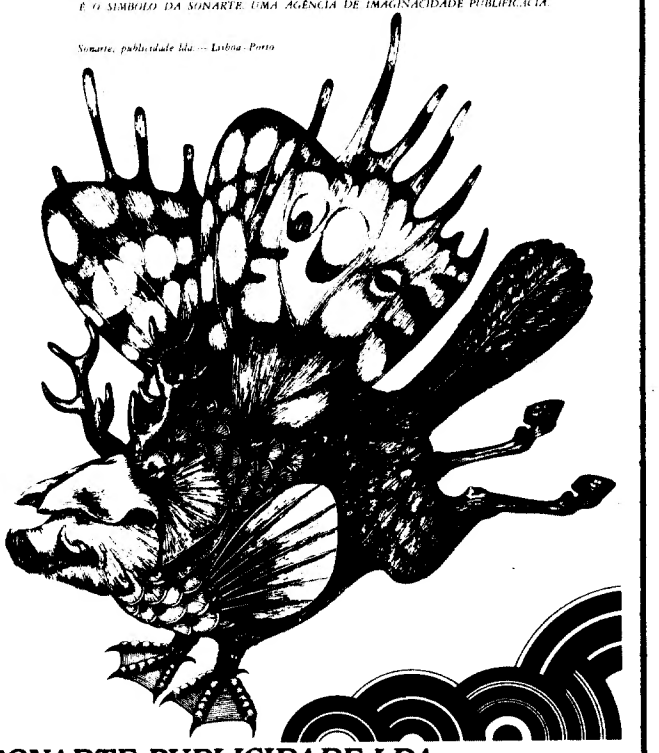
OS NOSSOS CLIENTES

SALVADOR CAETANO, IMVT, SARL (automóveis Toyota, Empilhadores Toyota, Berliet, Carroçarias e cisternas)
FRANCISCO ALVES & FILHO, LDA. (Laranjina «C», Trinaranjus)
PROMOTO, LDA, (motorizadas Forvel)
CHAVES & FEIST, LDA (brinquedos)
CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO, LDA.
INIBSA PORTUGUESA (produtos farmaceuticos e cosméticos)
MERCODIVOR, LDA. SOCIEDADE ALENTEJANA DE MOAGEM (massas Leões e produtos Divor)
SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES CONCENTRA, LDA.
ALBERTO CORONEL, LDA. (Coronel Jean's)
ANTÓNIO MOURA, LDA (relógios Omega, Tissot, Lanco)
TEXEARTE-TÊXTEIS, LDA (Confecções)
VIVESA DE PORTUGAL (cintas e soutiens Warner's)
MOLAFLEX, SARL
MUNDIAL TURISMO (Porto)
ELECTRO VISÃO (Porto)
GUIMAR RÁDIO (Porto)
GENTIL GOMES DA COSTA (Porto)
HIGHLIGHT — SOC. TECIDOS E CONFECÇÕES (Villa's)
ARGOMA — SOC. CONSTRUÇÃO DE FOGÕES (Fogões de sala e Lareiras)

o imaginanimal eficaz

O IMAGINANIMAL EFICAZ É DA GRANDE FAMÍLIA DOS SÍMBOLOS MODERNOS.
ANIMAL CRIADOR E CRIALUCROS.
OBTÉM-SE POR CRUZAMENTO ENTRE A IMAGINAÇÃO E A EFICÁCIA.
RÁPIDO PENSA E ACTUA DEPRESSA.
LEAL SERVE NA OPORTUNIDADE E COM DEVOÇÃO.
HABITA A SONARTE.
É O SÍMBOLO DA SONARTE, UMA AGÊNCIA DE IMAGINACIDADE PUBLIFICACIA.

Sonarte, publicidade lda — Lisboa-Porto



SONARTE PUBLICIDADE LDA.
Lisboa • rua actor isidoro, 3 C, 4.° - telefs. 89 40 91/2/3
Porto • rua júlio diniz, 803, 1.° esq. - telef. 69 06 47

PUB

draivimpe — CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, SARL

RELATÓRIO DO GESTOR POR PARTE DO ESTADO

De acordo com as disposições legais em vigor vimos apresentar o Relatório da nossa actividade de gestão, bem como o Balanço e a Conta de Resultados referentes ao exercício de 1976, na empresa DRAIVIMPE — Centro Técnico de Reparação Automóvel.

Podemos afirmar que o ano de 1976 foi um período marcadamente decisivo para a vida desta empresa. Em seguimento às alterações havidas na constituição dos Corpos Sociais verificadas após a nacionalização da Indústria Seguradora, em Março de 1975, foi por decisão do Conselho de Ministros de Junho de 1976 instituído o regime de intervenção para esta empresa com a recondução do signatário, agora na função de gestor por parte do Estado.

De facto, uma certa insipiência de actuação, quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista comercial que caracterizou a vida da DRAIVIMPE no ano de 1975, fruto por um lado das carências operacionais relacionadas com o lançamento da empresa e por outro da própria conjuntura politico-social que se viveu nesse ano e onde a nacionalização da indústria seguradora, nossa principal accionista, teve papel de relevo, puderam ser factores completamente ultrapassados no exercício a que respeita este relatório.

Como justificativo destas considerações referimos que foi possível atingir praticamente neste exercício o quase completo apetrechamento tecnológico da oficina, o que em termos de investimento em capital fixo da empresa teve significado apreciável, e por outro lado se iniciou a caminhada da conquista progressiva de sucessivas quotas de volume de vendas, à medida que a nossa capacidade de resposta em tecnologia oficial, suporte administrativo e meios humanos instalados ia aumentando e à medida também em que as nossas motivações de ordem comercial se iam desenvolvendo.

Assim o volume de vendas registou neste exercício um acréscimo superior a 100 por cento ou seja Esc: 12.600 contos contra 5.400 contos do ano transacto.

Quanto à intervenção Estatal e à pendencia da nossa actuação relativamente aos Organismos da Tutela, após a nacionalização da indústria seguradora, devemos aqui afirmar que ela não foi sentida de forma sensível e assim, na prática do dia a dia, foi-nos possível gerir e desenvolver uma actuação técnico-administrativa e comercial na nossa empresa, digamos que, quase praticamente pelos nossos próprios meios, não importunando nem criando dificuldades aos organismos oficiais que teriam por missão tutelar a nossa actuação. Este facto não invalidou todavia a constante preocupação que tivemos de manter rigorosamente informados os organismos de que possámos a depender depois da nacionalização das nossas principais accionistas as Companhias de Seguros Império/Sagres/Universal, grupo que entretanto e até à intervenção estatal nos prestou a colaboração e ajuda de que necessitávamos.

Tendo sido a nossa empresa originariamente criada com um objectivo marcadamente dirigido à Indústria Seguradora, como unidade especializada na reparação e recuperação de viaturas automóvel sinistradas e afectas àquela Indústria procuramos sempre dar prioridade a essa vocação e como tal se vêem socorrendo dos nossos serviços as diversas seguradoras que constituem parte do nosso mercado potencial.

Julgamos que devemos continuar a desenvolver essa vocação de serviços especializados no âmbito do Seguro Automóvel como sejam vistorias prévias, peritagens, etc. o que para nós constitui motivação para num futuro breve podermos vir a ser considerados como unidade de «estrutura comum» à Indústria Seguradora em geral.

Nesta matéria terá ainda uma palavra a dizer o INSTITUTO NACIONAL DE SEGUROS, de quem aliás temos recebido a melhor colaboração, o que nos apraz aqui agradecer publicamente. Permitimo-nos até referir o reconhecimento oficial que este Organismo recentemente fez da nossa capacidade tecnológica e organizativa para os fins referidos.

Estamos pois cientes da irreversibilidade do nosso futuro como unidade empresarial ligada ao Sector Público e em particular no domínio da Indústria Seguradora.

Numa análise das contas expressas no nosso Balanço convirá referir que, resultado do bom volume de vendas, pudemos ter uma situação de liquidez razoável que nos permitiu fazer face a todos os encargos nos prazos devidos. Quanto às responsabilidades perante a Banca elas tiveram de se manter, ainda durante este exercício, não tendo sido possível fazer amortizações dos empréstimos tendo em conta a já referida fase de arranque e montagem para lançamento da empresa. O resultado negativo de Esc: 1.968.794$00 teve ainda, pois, muito a ver com a apsada fase de investimento inicial, aumento de encargos com salários, aumento da rubrica com amortizações e criação de uma provisão para encargos previstos no montante de 1.700.000$00.

Para finalizar gostaríamos de aqui deixar referida uma palavra de agradecimento para todo o nosso pessoal, oficinal e administrativo, que revelando um alto sentido participativo, tem apoiado eficazmente o nosso objectivo de fazer desta unidade empresarial uma unidade modelo que num futuro possa servir de base a outras, noutros pontos do país, ao serviço não só da Indústria Seguradora mas do público em geral.

Lisboa, 29 de Abril de 1977

O GESTOR POR PARTE DO ESTADO

ELIAS MOREIRA MATEUS

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

	ACTIVO			PASSIVO	
DISPONÍVEL			EXIGÍVEL		
CAIXA	178.185.10		FORNECEDORES	1.115.849,50	
DEPÓSITOS À ORDEM	2.780.958.60	2.959.143,70	DEVEDORES E CREDORES DIVERSOS	11.526.085,50	
			DEPÓSITOS À ORDEM	551.527,10	13.173.458.10
REALIZÁVEL					
CLIENTES	1.722.186.80		PROVISÕES P/ ENCARGOS PREVISTOS	1.700.000.00	1.700.000.00
EXISTÊNCIAS	1.360.241.10				
DEVEDORES E CREDORES DIVERSOS	17.518.879.60	20.601.307.80			
IMOBILIZADO					
IMOBILIZADO CORPÓREO	9.089.710.80		SITUAÇÃO LÍQUIDA		
- AMORTIZAÇÕES	(2.205.244.60		CAPITAL SOCIAL	30.000.000.00	30.000.000.00
IMOBILIZADO INCORPÓREO	243.618.90		RESERVAS	325.873,20	325.873.20
- AMORTIZAÇÕES	(243.618,90)	6.884.466.00	RESULTADOS:		
OUTROS VALORES IMOBILIZADOS			DE EXERCÍCIOS ANTERIORES	(7.049.765,00)	
PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS	5.707.818.70	5.707.818.70	DO EXERCÍCIO	(1.968.794,00)	(9.018.579.00)
CUSTOS E PROVEITOS ANTECIPADOS	58.016,40	58.016.40			
		36.180.752,30			36.180.752,30
CONTAS DE ORDEM			CONTAS DE ORDEM		
COMPRAS EM CURSO DE IMÓVEIS		28.000.000.00	RESPONSABILIDADE POR COMPRA DE IMÓVEIS		28.000.000.00

O TÉCNICO DE CONTAS
ARMINDO DE JESUS DIAS

O GESTOR POR PARTE DO ESTADO
ELIAS MOREIRA MATEUS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1976

	DÉBITO			CRÉDITO	
EXISTÊNCIAS INICIAIS MERCADORIAS	796.276.60		VENDAS		12.630.029.50
COMPRAS MERCADORIAS	5.001.821.80		PRODUÇÃO PARA A PRÓPRIA EMPRESA		1.421.282.40
-EXISTÊNCIAS FINAIS MERCADORIAS	(1.360.241.10)		INDEMNIZ.,BÓNUS E DESC.OBTIDOS	62.454.60	
CUSTO DAS MERC. VENDIDAS E CONS.		4.437.857.30	PROVEITOS ACESSÓRIOS	127.962.80	
SUBCONTRATOS	367.500.60		PROVEITOS FINANCEIROS	18.725,90	209.143.30
FORNECIMENTOS E SERV.DE TERCEIROS	1.322.162.70		GANHOS EXTRAOR.DO EXERCÍCIO		620.052.70
IMPOSTOS E TAXAS	62.940.70	1.752.604.00			
DESPESAS COM O PESSOAL	7.515.117.50				
" FINANCEIRAS	25.983.70				
OUTROS ENCARGOS DE GESTÃO	33.401.50		PREJUÍZO DO EXERCÍCIO		1.968.794.00
AMORTIZAÇÕES DO EXERCÍCIO	1.360.840.80				
PROVISÕES DO EXERCÍCIO	1.700.000.00	10.635.343.50			
PERDAS EXTRAORDINÁRIAS DO EXERCÍCIO		23.497.10			
		16.849.301.90			16.849.301.90

O TÉCNICO DE CONTAS
ARMINDO DE JESUS DIAS

O GESTOR POR PARTE DO ESTADO
ELIAS MOREIRA MATEUS

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS E OUTRAS APLICAÇÕES EM VALORES MOBILIÁRIOS EM 31/12/75

	QUANT.	VALOR NOMINAL	PREÇO MÉDIO COMP.	COTAÇÃO DA BOLSA	VALOR DE BALANÇO UNITÁRIO	VALOR DE BALANÇO TOTAL	VALOR TOTAL AQUISIÇÃO	DIFERENÇAS FLUTUAÇÃO DE VALORES	DIFERENÇAS PERDAS LEVADAS A RESULTADOS
M.01 - ACÇÕES									
M.01.1-BOLSA BRAGA-MÓVEIS E DECORAÇÕES, SARL.	80	1.000.00	2.000.00	-	2.000.00	160.000.00	160.000.00	-	-
2-MARBLARTE-Manuf.de Mármores Decorativos,S.A.R.L.	100	1.000.00	496.00	-	496.00	49.600.00	49.600.00	-	-
3-SATICEL-Minerais Aglutinados, S.A.R.L.	25	1.000.00	747.70	-	747.70	18.692.50	18.692.50	-	-
4-COBRIMPE-Cobrança Organização e Assist.,S.A.R.L.	25	1.000.00	1.000.00	-	1.000.00	25.000.00	25.000.00	-	-
5-INTERFORMA-Equipamento de Interiores,S.A.R.L.	100	1.000.00	1.075.86	-	1.075.86	107.586.20	107.586.20	-	-
6-LISBON MOTORS,S.A.R.L.	20	1.000.00	3.500.00	-	3.500.00	70.000.00	70.000.00	-	-
7-ISU- Imobiliária	1.000	1.000.00	1.000.00	-	1.000.00	1.000.000.00	1.000.000.00	-	-
8-Unidades de Participação do Fundo de F.I.D.E.S.	13.474	-	313.46	-	310.00	4.176.940.00	3.977.790.00	599.150.00	-
9-ITELCAR-Automóveis de aluguer, S.A.R.L.	100	1.000.00	1.000.00	-	1.000.00	100.000.00	100.000.00	-	-
SOMA E TOTAL GERAL	-	-	-	-	-	5.707.808.70	5.108.668.70	-	-

O TÉCNICO DE CONTAS
ARMINDO DE JESUS DIAS

O GESTOR POR PARTE DO ESTADO
ELIAS MOREIRA MATEUS

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Durante o exercício findo, a vida administrativa e social da Empresa, a sua transformação e os seus problemas foram por nós acompanhados bem de perto.

Sempre que oportuno, formulámos sugestões e vias de solução, tendo havido uma estreita colaboração com o Gestor por parte do Estado.

Todo o tipo de esclarecimentos solicicitados ao Gestor nos foram prestados, tendo-se procedido durante o ano às verificações julgadas necessárias ao cabal desempenho das nossas funções.

Os critérios valorimétricos adoptados na avaliação do património da Empresa estão de acordo com os legalmente previstos.

Verificamos ainda a constante dedicação, zelo e espírito de iniciativa demonstrados pelo Gestor, na direcção da vida desta Empresa assim como a forma competente evidenciada na resolução dos problemas e na orientação que tem traçado no sentido de proporcionar à empresa a sua verdadeira dimensão.

Assim:

— O Relatório, Balanço e Conta de Resultados apresentados pelo Gestor por parte do Estado merecem a nossa aprovação.

— Finalmente, achamos de louvar o Gestor pela forma como exerceu as suas funções bem como a dedicação de todo o Pessoal.

Lisboa, 30/4/77

O CONSELHO FISCAL

SOCIEDADE DE REVISORES OFICIAIS DE CONTAS

MATOS GIL & NUNES CAMEIRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, SARL

ANTEONTEM NA COSTA ALGARVIA

Vedeta portuguesa atirou sobre barco espanhol em "atitudes suspeitas"

● VERSÃO DO TEMA E.M.A. SOBRE OS ACONTECIMENTOS

Registou-se na noite de domingo para segunda-feira ao largo da costa próximo de Huelva (segundo a agência Cifra, entre Vila Real de Santo António e Tavira; segundo o Estado-Maior da Armada, em Lisboa) um incidente entre o pesqueiro espanhol «Filoami» e a lancha de fiscalização portuguesa «Açor». Consequências: um morto, entre a tripulação da embarcação espanhola. O facto provocou imediato protesto das autoridades espanholas e um oportuno esclarecimento das autoridades de Lisboa.

A embarcação espanhola encontrava-se «em ocultação de luzes» — diz o Estado-Maior da Armada, reportando-se às diligências que o «Açor» fez para a identificar. «Iluminando-a com o seu projector, verificou o comandante da «Açor» que se tratava duma pequena embarcação tipo traineira, sem quaisquer números de identificação e em faina de arrasto, a cerca de 500 metros da costa. A referida embarcação, ao aproximar-se a lancha de fiscalização, recolheu as duas artes que rebocava, pondo-se em fuga e aproximando-se mais ainda da costa, rumando paralelamente a esta, em direcção a Vila Real de Santo António. Ante estas atitudes suspeitas, o comandante da «Açor» intimou-a a parar, primeiramente fazendo tiros de arma portátil para o ar, e depois para a proa da embarcação, não tendo nunca sido obedecido».

Esta a versão do EMA. «Já próximo de Vila Real, a traineira desconhecida alterou o rumo — prossegue aquele Estado-Maior. — Verificada então a impossibilidade de conseguir que a traineira obedecesse às sucessivas ordens de paragem, o comandante da «Açor» não querendo fazer fogo directo sobre a embarcação deixou-a seguir. Posteriormente, o EMA teve conhecimento de que, no porto de Huelva havia dado entrada uma embarcação espanhola com um morto e dois feridos entre os elementos da tripulação».

«A embarcação em causa encontrava-se em flagrante infracção quando foi detectada — concluiu o EMA. — Intimada a parar, não obedeceu às sucessivas ordens que lhe foram dadas nesse sentido, mesmo depois de firmadas com tiros de aviso. Não houve nunca a intenção de alvejar directamente a tripulação. Nunca foi possível a sua identificação visto que não ostentava os sinais regulamentares que a permitissem e dada a sua permanente recusa em acatar as intimações que lhe foram feitas para parar. Consideram-se, pelo atrás exposto, da inteira responsabilidade da referida embarcação quer o incidente ocorrido quer as suas trágicas mas acidentais consequências que a Armada Portuguesa profundamente lamenta».

MADRID-LISBOA

Ontem, antes do comunicado do EMA em Lisboa ter sido divulgado, a Espanha exigiu explicações ao Governo Português sobre os incidentes. Em Madrid, o Ministério dos Negócios Estrangeiros publicou uma nota tornando público que enviara instruções ao embaixador espanhol em Lisboa para que este realizasse uma diligência urgente a fim de aclarar os factos, exigir, se tal fosse o caso, responsabilidades oportunas e solicitar que fossem tomadas medidas susceptíveis de impedir a repetição de factos destes no futuro». Ainda em Madrid, o embaixador de Portugal avistou-se com o ministro espanhol dos Estrangeiros, no intuito de lamentar a morte do marinheiro espanhol — identificado como António Leal Sousa, de 28 anos.

Segundo a Cifra, o barco espanhol não parou quando a lancha portuguesa lhe deu ordens nesse sentido porque preparava-se para seguir para águas espanholas. A agência cita elementos da tripulação, na sua versão dos acontecimentos, que não diferem aliás, da versão dada em Lisboa pelo EMA. Foi quando a embarcação espanhola retirava de águas portuguesas para águas espanholas que da lancha portuguesa veio uma rajada de metralhadora de que resultou um morto e dois feridos. Ainda segundo a tripulação do «Filoami», a vedeta portuguesa afastou-se para o alto mar, seguidamente.

É possível que o MNE, em Lisboa, venha a divulgar por todo o dia de hoje algum comunicado, naturalmente tendo em conta a versão do EMA sobre o que se passou e encerrando com uma declaração de pesar os incidentes da noite de domingo para segunda.

Cardeal Medeiros doutorado pela Universidade Católica

. O primeiro título de doutor «honoris causa» da Universidade Católica Portuguesa foi ontem atribuído ao cardeal Humberto Medeiros, arcebispo de Boston e natural da ilha de S. Miguel, que veio a Portugal como enviado do Papa para presidir às cerimónias do 60.º aniversário das aparições de Fátima.

O homenageado proferiu uma alocução de carácter teológico, tendo-se seguido comunicações do prof. José Policarpo e do cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro.

Além de membros do Episcopado estiveram presentes várias figuras do Governo, nomeadamente o Primeiro-Ministro Mário Soares, tendo o Presidente da República sido representado pelo major José Tavares Pimentel e o Conselho da Revolução pelo comandante Almeida Costa. Assistiram ainda representantes das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto.

J. PIMENTA

Incapacidade de gestão denunciada pelos técnicos

. Razões de ordem deontológica levaram um grupo de quadros e técnicos altamente qualificados do grupo J. Pimenta a divulgar junto dos trabalhadores uma exposição crítica em que é visada a comissão de gestão da empresa, composta por «elementos cuja preparação como profissionais de gestão se tem revelado inadequada aos importantes problemas que se apresentam» àquele complexo industrial.

Este facto tem contribuído para agravar a já grave crise da J. Pimenta, cuja situação se tem degradado devido à deliberada falta de apoio do Ministério da Tutela às sucessivas comissões administrativas» e às «indefinições governamentais que prejudicam a empresa como unidade produtiva a recuperar, como parte do património industrial do País, e que põem em causa 2350 postos de trabalho» — realçam os subscritores do documento, que foi distribuído para apreciação ao pessoal da empresa e comunicado à comissão administrativa.

Este órgão de gestão é responsabilizado por recusar o diálogo com os técnicos, da empresa, que em diversas ocasiões apresentaram propostas concretas no sentido de serem conseguidas as «condições mínimas para a sua laboração nomral» e desenvolveram diligências, aliás frustradas, para que fosse definida uma política empresarial a curto prazo. Segundo se afirma na exposição em causa, a comissão administrativa «foi ao ponto-limite de extinguir» o conselho técnico da empresa órgão de carácter consultivo.

Assumindo uma «atitude clara de análise objectiva», alicerçada no conhecimento directo dos problemas e das «hesitações, erros ou omissões provenientes da gestão», os subscritores traçam um panorama pormenorizado do qual ressalta a «incapacidade de organização mínima da empresa tendo em conta os recursos existentes, apesar das propostas, vontade e empenhamento dos quadros responsáveis».

Explicitando a acusação, o documento refere «um estilo de direcção baseado no improviso», por falta de definição de uma orgânica da empresa adequada à conjuntura; a não nomeação mesmo interina, de responsáveis por alguns sectores; a «subversão da hierarquia»; a falta de definição de objectivos sectoriais e das funções, responsabilidades e delegação de poderes correspondentes aos vários escalões hierárquicos.

«INCAPACIDADES»

Os subscritores apontam ainda a «incapacidade» revelada pelos administradores na «resolução de problemas administrativos ligados a obras em curso», na «supervisão e coordenação dos serviços técnicos», na «proposição de política de produção em situação de crise, e tentativa de transferência das suas responsabilidades», «na definição de uma política de pessoal», na «resolução dos problemas financeiros da empresa», e na «obtenção de decisões governamentais sobre o futuro da empresa», com inépcia para a «organização de propostas para o futuro da Empresa».

Quanto a este último aspecto o documento cita, a título de exemplo, a «não apresentação aos trabalhadores de qualquer apreciação crítica aos anteriores projectos de reestruturação da empresa» ou de quaisquer soluções alternativas para o mesmo efeito. Pelo contrário, a comissão administrativa viria revelando uma «aceitação, aparentemente passiva, do adiamento permanente de decisões por parte do Governo.»

. No plano financeiro ressalta a não obtenção do apoio indispensável que permita a laboração normal da empresa, a solvência de compromissos correntes, a «elaboração de um plano de aprovisionamento com a necessária garantia de pagamento a fornecedores», o estabelecimento de relações normais com a Banca, e o «distrate das hipotecas como passo fundamental para a realização de receitas através da celebração de escrituras de venda».

Do teor desta exposição foi dado conhecimento a diversas instâncias oficiais, designadamente à Presidência da República, ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Habitação.

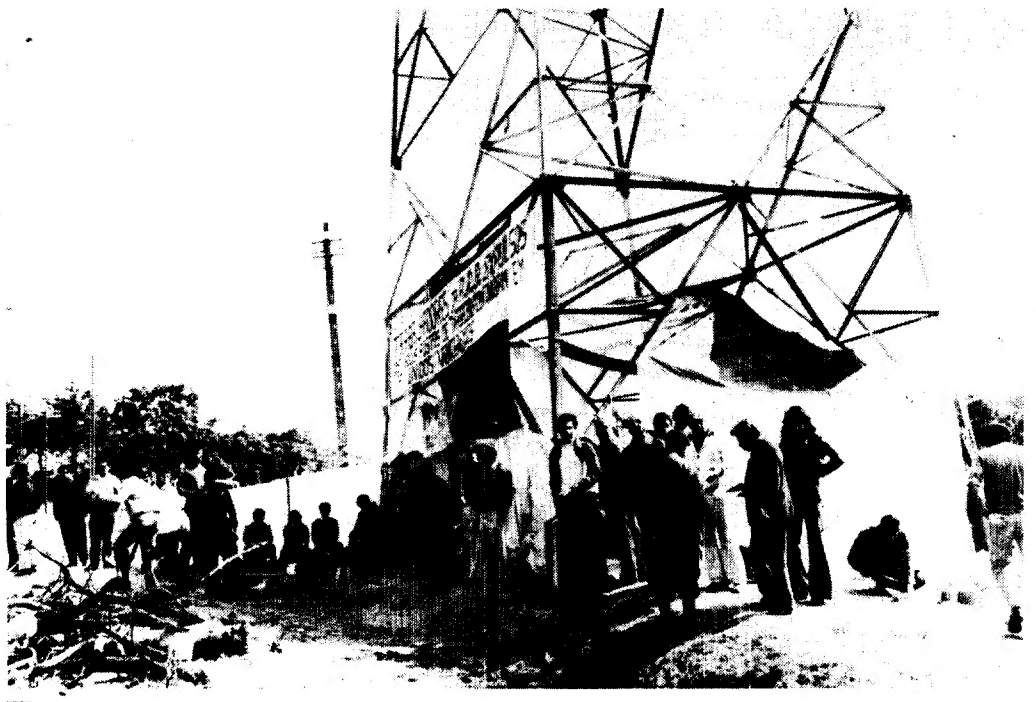
Esta perspectiva crítica em relação ao agravamento da situação da empresa coincide em alguns dos pontos assinalados com as advertências que os trabalhadores da empresa e seus órgãos representativos têm vindo a fazer ao longo dos últimos meses. Desde há muito que eles «puseram o dedo na ferida», com o desassombro de quem defende os seus postos de trabalho e o empenho de quem deseja ver acautelados os diversos interesses em jogo e a própria economia nacional.

A desintervenção do grupo de empresas J. Pimenta está prevista para final deste mês, desconhendo-se o teor da solução governamental proposta. Sabe-se, no entanto, que ela não é coincidente com a proposta de reestruturação apresentada em Agosto do ano passado pela comissão administrativa da altura, com o apoio dos trabalhadores, e que chegou a merecer o parecer positivo do actual ministro da Habitação, então subsecretário de Estado. Suspeita-se, aliás, de que o projecto governamental aponte para a falência jurídica da empresa com os correspondentes despedimentos em massa entre o pessoal.

Tal hipótese mereceu já o repúdio dos trabalhadores, que vêem outras formmmas bem mais adequadas de resolver o problema, herança da administração privada (João Pimenta e consortes).

A indefinição em torno do futuro da empresa tem visivelmente contribuído para a sua degradação, de que são sintomas a falta de matérias-primas, o atraso no pagamento dos salários, a não resolução dos problemas dos promitentes-compradores dos fornecedores, e dos investidores.

Entretanto, os trabalhadores mantêm-se paralisados desde há duas semanas (salvo raras excepções), pretendendo que lhes sejam pagos os vencimentos em dívida de forma equitativa e que seja revogada a suspensão imposta pela actual comissão administrativa aos 28 elementos da comissão de trabalhadores. Aliás, decorre neste momento um processo de inquérito conduzido por pessoa estranha à empresa.



Dormem à porta da Auto-Reconstrutora

. Instalados em tendas improvisadas, os trabalhadores da Auto-Reconstrutora do Barreiro vigiam dia e noite os acessos da empresa, desde há uma semana, depois do patrão recém-regressado ter encerrado «para férias», facto que, apesar de ter sido considerado ilegal pelo Ministério do Trabalho, motivou uma violenta intervenção policial contra o povo da vila no passado dia 9.

O Ministério, segundo julgamos saber, levantou já o competente auto à entidade patronal pela infracção verificada. Recorde-se que a Auto-Reconstrutora foi devolvida ao antigo patrão por determinação do Governo, apesar da oposição desde sempre manifestada pelos trabalhadores, que paralisaram por completo desde o seu regresso. A empresa encontrava-se sob intervenção e em fase de recuperação, após o afastamento da anterior administração, acusada de irregularidades e gestão ruinosa.

Os trabalhadores da Auto-Reconstrutora têm contado com o apoio de numerosas empresas e a solidariedade do povo do Barreiro.

ESTALAGEM EM RISCO DE FECHAR

. Os trabalhadores (14) da «Estalagem Brazão», em Vila do Conde, correm o risco de vir a engrossar o já elevado número de desempregados existentes no país. Com efeito, o patrão Valdemar Sousa Azevedo abandonou a estalagem no fim de Março, nunca mais regressou e, uma vez que o contrato de arrendamento termina no próximo dia 31 de Maio, os trabalhadores vêem-se ameaçados de ir para a rua.

Segundo os trabalhadores, a manutenção da estalagem tem sido mantida com bom rendimento e boa gestão. Para além das diligências feitas junto da Delegação do MT no Porto, na tentativa de evitar a entrega da chave ao senhorio, no fim do mês, os trabalhadores enviaram telegramas ao Primeiro-Ministro e ao Presidente da República. Ainda não obtiveram, porém, qualquer resposta.

Polícia do Porto invadiu a Facar

. Uma força da PSP do Porto, comandada pelo capitão Correia, invadiu no passado sábado à noite, as instalações da Facar, quando os trabalhadores finalizavam, no refeitório, uma sessão de esclarecimento sobre o contrato colectivo vertical.

A Comissão de Trabalhadores e a Comissão Sindical da empresa, que consideram positivo para a unidade dos trabalhadores o balanço da reunião, repudiaram em comunicado a actuação da força policial e daqueles («joguetes nas mãos de uma meia dúzia de cabecilhas reaccionárias») que chamaram a polícia para boicotar a sessão. Repudiam também a actuação de um elemento da PSP que foi a sede do grupo desportivo da Facar telefonar ao comando, dizendo que a situação era grave pois havia «matracas e granadas».

Mil processos disciplinares nos transportes do Porto

. .A Comissão Coordenadora da Luta dos trabalhadores dos Transportes Colectivos do Porto promoveu, ao fim da tarde de ontem, na Estação da Boavista, uma conferência de Imprensa, durante a qual foram analisados os resultados da paralisação ontem levantada conforme o «DL» noticiou. Assim, foi considerado positivo o balanço da luta especialmente no que diz respeito à próxima publicação do ACT no boletim do MT. Por outro lado, os elementos daquela Comissão lançaram um alerta para a ameaça que constituem os 5 processos disciplinares mandados instaurar pelo Conselho de Gerência os quais não abrangem, como foi salientado, os elementos da Comissão de Luta mas sim outros trabalhadores. Entretanto, e segundo o Conselho de Gerência, vão ser instaurados 1200 processos disciplinares contra trabalhadores da empresa que aderiram à «greve da mala», o que pode levar a um novo agravamento da situação no STCP.

CÉSAR OLIVEIRA EM COIMBRA

Ontem como hoje as situações repetem-se

. Na sequência da divulgação das palavras de Kalidás Barreto no colóquio realizado em Coimbra, sobre «O Movimento Operário ontem e hoje em Portugal», publicamos hoje alguns extratos da intervenção do outro participante na sessão, o historiador César de oliveira.

César de Oliveira debruçar-se-ia sobre as condições que em seu entender permitiram o eclodir do 28 de Maio de 1926, entre as quais citou: «A inexistência de um projecto político assumido pela classe operária eivada pelo anarco-sindicalismo; o sectarismo da direcção da CGT que em 1925 recusou um pacto antifascista com todas as forças democráticas; o facto de o patronato ter percebido a partir de 1920 que a sobrevivência da burguesia portuguesa, classe dependente e subalterna do capitalismo mundial, não admitia qualquer solução democrática republicana».

Referindo-se aos instantes apelos «à defesa da ordem e contra a desordem, ontem como hoje, imputada ao movimento operário», diria: «Este apelo à salvação nacional repete-se hoje na tentativa de transformar o Presidente da República num Sidónio Pais eleito pelo povo».

Lembraria ainda César de Oliveira que «este apelo à salvação de Portugal» tarde ou cedo acabou por envolver todos os partidos republicanos e democratas. Assim, após o 28 de Maio, «A Batalha» (órgão da CGT) pergunta: «Quem está a favor do golpe?» — e a resposta vem em manchete — todos os partidos republiicanos Estavam contra apenas a CGT o Partido Comunista e a Esquerda Democrática de José Domingos dos Santos.

César de Oliveira estabeleceria um certo paralelo entre a situação que precedeu o 28 de Maio e a que hoje se vive em Portugal. Diria: «hoje como ontem, a debilidade e pouca autonomia da Burguesia e a inexistência de uma burguesia nacional, que perdeu com as colónias uma fonte de acumulação de capital.

Para sobreviver como classe, segundo César de Oliveira, a «burguesia actualmente recorre a três objectivos:

. 1: Limitação da transição para a democracia socialista. É a limitação das liberdades democráticas na fábrica e na escola; 2: Divisão do Movimento Sindical, através da formação de sindicatos paralelos e de uma nova central sindical, mas quando a inflação sobe em flecha, quando há o «plafond» de 15 por cento, quando campeiam as práticas especulativas, uma de duas coisas acontece: ou esta linha sindical exprime as reivindicações populares e então a nova Central Reivindicativa não faz jeito ao Governo, ou então cria-se uma Central fantasma, interlocutor inexistente para a política de recuperação capitalista; no plano político-militar, fazer com que a intervenção do PR seja hegemonizada pela Direita Militar».

César de Oliveira abordaria ainda a questão da pequena burguesia que «sem projecto político próprio, exprime e apoia o projecto político alheio, como em 1926 apoiou o projecto de ditadura terrorista dos monopólios. Tal acontece sempre que o movimento operário não oferece à pequena burguesia qualquer alternativa. «Este é também hoje um problema que se põe ao Movimento Operário e à esquerda: como ganhar a pequena burguesia e retirá-la à influência da direita? Essa pequena burguesia sobre quem recaem as medidas de austeridade e que, sendo a principal clientela do PS, tende a bascular entre o campo da esquerda e a direita, que lhe oferece autoridade e segurança».

apgélia
15 dias de 25/6 a 9/7 13.500$00 tudo incluído
Vantagens especiais de intercâmbio
Sem qualquer averbamento no passaporte
Informe-se já
Agência de Viagens Tagus, Lda.
Rua Eça de Queiroz, 20-A - Lisboa 1 - Telefone 58572/3
Tagus

PORTUGAL-EUA: TUDO EM ORDEM

Mondale em Madrid com garantias de Soares

As perspectivas e possibilidades de a Espanha ser admitida nas Comunidades Económicas Europeias dominam as conversações do vice-presidente dos Estados Unidos da América com o rei Juan Carlos e o primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suárez, que esta manhã, duas horas depois de Walter Mondale ter deixado Lisboa, começaram em Madrid no Palácio da Zarzuela. No aeroporto da Portela o vice-presidente dos EUA recebeu cumprimentos de despedida do chefe da Casa Civil da Presidência da República, dr. Henrique Granadeiro, do Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, do presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, e do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira.

A estada de Walter Mondale na capital espanhola não deverá ultrapassar um dia, de acordo com o programa do vice-presidente dos EUA nesta sua deslocação à Europa, que os observadores consideram como a primeira ofensiva diplomática e política da Administração de Carter. A visita de Mondale a Madrid, uma semana após a viagem do secretário de Estado Cyrus Vance a Espanha, tem também o objectivo, segundo outros observadores, de manifestar publicamente o apoio americano ao processo de democratização que culminará com as primeiras eleições livres em Espanha, depois da II Guerra Mundial. Os dois temas das conversações do vice-presidente dos EUA com os dirigentes espanhóis poderão, por outro lado, criar condições para que aquele país ingresse na Organização do Tratado do Atlântico Norte.

A Espanha é o que se pode dizer, com inteira propriedade, um «país estratégico para os EUA», mas também um «Estado problemático». Os militares norte-americanos têm dado grande importância às suas bases aéreas e navais no território vizinho, ao mesmo tempo que os políticos liberais dos Estados Unidos denunciaram o regime fascista de Franco. Depois da morte do «Caudilho» foi assinado entre os dois países um tratado de amizade pelo qual os submarinos nucleares norte-americanos deverão abandonar a base de Rota em Julho de 1979. O mesmo tratado prevê também, de forma substancial, o apoio económico dos EUA à Espanha.

A «AMPLITUDE» DO ENCONTRO DE S. BENTO

Ontem, o general Ramalho Eanes ofereceu um jantar ao vice-presidente dos Estados Unidos e à sua comitiva no Palácio da Ajuda, no qual participaram, entre outros, o Primeiro-Ministro, o presidente da Assembleia da República, uma delegação do Conselho da Revolução, os ministros da República dos Açores e da Madeira, o ministro dos Negócios Estrangeiros, representantes dos partidos (à excepção do dr. Sá Carneiro), e outros titulares governamentais. No momento dos brindes o Presidente da República e Walter Mondale assinalaram em breves palavras a coincidência de ideias de democracia e liberdade, «que hoje norteiam» os dois países «nas suas relações bilaterais».

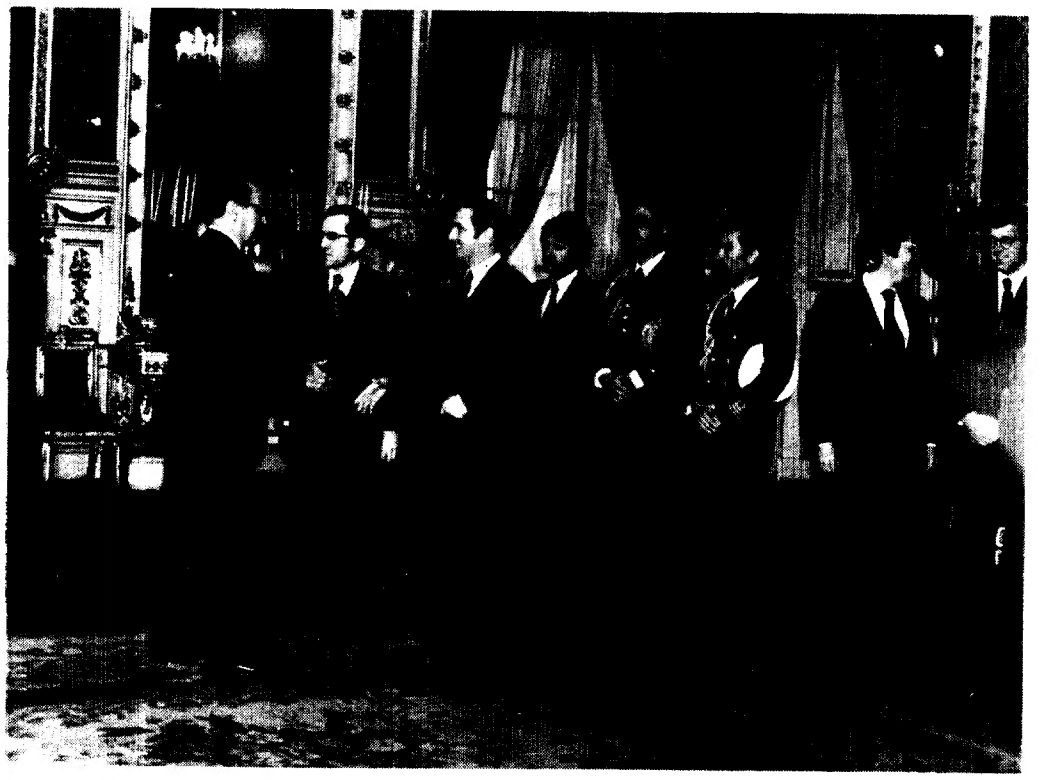
O Presidente Ramalho Eanes referiu nomeadamente o anseio comum aos dois povos de que o progresso social se faça com respeito dos direitos do homem, enquanto o vice-presidente dos EUA, ao agradecer as saudações que o general Ramalho Eanes lhe dirigiu, e por seu intermédio ao presidente Carter, acentuou estar o povo americano «profundamente convicto de que ao ajudar a democracia portuguesa se está a ajudar a si mesmo».

O encontro entre Mário Soares e Walter Mondale, que se seguiu à audiência concedida pelo Presidente da República ao «segundo» da Casa Branca, proporcionou a este, uma vez mais, receber garantias do Primeiro-Ministro português de que os Estados Unidos «não serão forçados a abandonar a Base das Lajes». Durante uma hora e cinco minutos, foram «passadas em revista», segundo Mário Soares, «as relações bilaterais entre os dois países e problemas de ordem internacional». Mário Soares salientou ainda a existência de «sólida e firme amizade entre os dois países».

Por seu turno Walter Mondale declarou, também no final do encontro que «não havia divergências entre Portugal e os Estados Unidos, mas sim cooperação e amizade». Lembrou ainda ser esta a terceira vez que se avista com o Primeiro-Ministro português, com quem tinha tratado de questões de ordem geral, designadamente relacionadas com a África e os direitos humanos.

O facto de no encontro de S. Bento terem participado os ministros do Plano e das Finanças, respectivamente Sousa Gomes e Medina Carreira, bem como o ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, e os embaixadores de Portugal nos EUA e dos Estados Unidos em Lisboa, Hall Themido e Frank Carlucci, leva os observadores a referirem o seu «amplo» carácter, no qual terão sido abordadas questões relacionadas com os aspectos financeiros e o relançamento da economia nacional.

Além dos encontros com Eanes e Soares, Mondale e a sua comitiva avistaram-se ainda com o Cardeal-Patriarca de Lisboa e o presidente da Assembleia da República, dr. Vasco da Gama Fernandes.



Walter Mondale ontem com Ramalho Eanes e Vasco da Gama Fernandes

PARIS: NADA DE NOVO

Empréstimo a Portugal não foi objecto de qualquer decisão

Representantes de 17 países reuniram ontem em Paris para discutirem uma proposta norte-americana tendente à criação dum mecanismo de auxílio que permita a Portugal equilibrar a sua balança de pagamentos. Da reunião não resultou nenhuma decisão imediata.

Participaram neste encontro os países membros da CEE, da EFTA (à excepção da Islândia), dos Estados Unidos, do Canadá, do Japão, e da Venezuela. Presidiu o subsecretário de Estado assistente norte-americano, Paul H. Boeker. Na reunião estiveram igualmente presentes representantes do Fundo Monetário Internacional, FMI, e da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico OCDE.

Perante a decisão dos Estados Unidos e da RFA de participarem respectivamente com 300 milhões e 200 milhões de dólares no projectado consórcio internacional cuja criação Washington oportunamente propôs, parece que os parceiros de Portugal se orientam cada vez mais para auxílios bilaterais — nota a France-Presse num telegrama enviado esta manhã de Paris a dar conta da conferência de ontem e do impasse da situação que as suas conclusões mantêm. A mesma agência adianta que a criação do projectado consórcio internacional de auxílio a Portugal no montante de mil milhões e quinhentos mil dólares aparece como uma possibilidade de cada vez mais distante.

Em consequência, a alternativa dos empréstimos bilaterais é uma ideia que ganha maior consistência de reunião para reunião. Lembra-se a propósito que os Estados Unidos e a Alemanha Federal já deram a sua concordância quanto a esta alternativa, avançando com a promessa de 500 milhões e 300 milhões de dólares, respectivamente.

A reunião de ontem na capital francesa realizou-se nas instalações do FMI. A propósito, levanta-se a hipótese de esta instituição vir a decidir fiscalizar a utilização de fundos que forem emprestados ao nosso país.

Reportando-se à reunião de ontem e à sua inconsequência, a Reuter admite que deve haver mais uma reunião antes de se alcançar qualquer decisão sobre o problema que se levanta. Esta reunião a haver ainda não tem nem local nem data.

Saber uma língua é uma arma de trabalho

PUBLINTER

- Matricule-se escolhendo a hora mais conveniente
- Cursos Individuais (domicílio ou escola)
- Classes reduzidas de Formação de Pessoal de Empresa
- Cursos Acelerados

BERLITZ®

Sistema de Ensino Directo

Informações detalhadas e matrículas
Largo de S. Domingos, 14 - 2 Lisboa
(Entrada pelas Escadinhas da Barroca, 2)
Tel: 874656

Paris - Londres - Madrid - Genebra - Dusseldorf - N. Iorque, etc.

Greve geral nas Universidades provável para hoje à tarde

As três Academias do País poderão entrar em greve, na tarde de hoje, na sequência da proposta aprovada no ENDA (Encontro Nacional de Associações Directivas), realizado, no passado domingo, em Coimbra.

Sendo total a adesão nesta cidade, onde a greve atinge a sua terceira semana, e quase total no Porto (são excepções Medicina e Farmácia), já na Academia de Lisboa as escolas se repartem entre as paralisações simbólicas e paralisações (efectivas) de um dia (é o cado de Direito, do ISCAL, do ISE e provavelmente de Letras e de Ciências).

Para uma posição mais definida em relação à greve, decorrem hoje em Lisboa, RGA's e «meetings».

Durante uma reunião de Inter-Associações da Academia de Lisboa (a que só faltou a Associação de Veterinária) de ontem, foi aprovada a realização de um plenário de toda a Academia no sentido de os estudantes universitários de Lisboa se pronunciarem sobre a greve e apresentarem as conclusões das múltiplas reuniões que hoje decorrem.

Entretanto em Coimbra, 156 professores, 80 dos quais com participação nas Assembleias de Representantes das Faculdades da Universidade de Coimbra, pronunciaram-se sobre o encerramento da Universidade, ordenado pelo MEIC.

Paulo Quintela, professor jubilado e militante do PS, afirmaria numa conferência de Imprensa que se sucedeu à reunião: «Todos me conhecem e sabem as minhas convicções políticas. Isso, porém, não me obriga a aceitar em silêncio as medidas antidemocráticas provenientes de ministérios do Governo socialista.»

Sobre o encerramento da Universidade, sublinhou Paulo Quintela:

«A Constituição permite a greve, mas baniu definitivamente o 'lock-out'. Estamos numa situação muito curiosa: os alunos fizeram greve e o Governo faz 'lock-out' aos professores e funcionários da Universidade.»

Consideram os professores por outro lado, que a consulta domiciliária preconizada pelo MEIC é uma «escandalosa mistificação da democracia que tem que ser denunciada desde já, porque não garante qualquer vontade real dos alunos e, sobretudo, vontade legitimamente soberana».

Ao mesmo tempo que repudiam as medidas ordenadas pelo MEIC, os professores de Coimbra exigem a imediata reabertura de todas as escolas e departamentos da Universidade, bem como os respectivos serviços sociais, e alertaram o Governo para a «necessidade urgente de se encontrar através do diálogo uma solução que, garantindo a exigência da justiça, garanta o direito indeclinável dos estudantes a um ensino que pelos conteúdos, pelas pessoas e pelos métodos de gestão fique radicalmente liberto das sequelas do fascismo e se harmonize autenticamente com a Constituição e o seu projecto».

SOLIDARIEDADE DA LISTA «B»

Também os professores que constituem a lista «B», concorrente às próximas eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Professores (Zona da Grande Lisboa) repudiam «as graves medidas repressivas que o MEIC tem vindo a tomar como forma de resolver diferendos que o opõem à população universitária».

E apontam como acções do MEIC que têm gerado conflitos nas escolas superiores a «reintegração de professores saneados por comprometimento com o anterior regime; decisões arbitrárias do MEIC sobre reestruturação de cursos e exames; encerramento de faculdades».

Considera ainda a lista «B» («Por um sindicato forte, por um ensino democrático, na unidade de todos os professores») que «a atitude do MEIC de se recusar sistematicamente ao diálogo com professores e estudantes, de procurar fazer vingar as suas decisões arbitrárias pela repressão policial ou pelo encerramento de escolas, exige de todos nós uma posição clara de repúdio e simultaneamente de solidariedade para com os estudantes e professores em luta nas Universidades».

Entretanto, esta lista, na sequência do programa que estabeleceu vai promover amanhã um debate pelas 21 e 30, na «Voz do Operário» para professores do ensino particular, incluindo o pré-primário para discussão de problemas específicos do sector.

Na próxima quinta-feira, dia 19, às 21 e 30, no Pavilhão Central (GA-5), no 1.º andar do IST, a lista «B» promove uma sessão pública para debate do tema «Relançamento da Vida Sindical».

CIÊNCIAS E MEIC

«Na nossa escola há cadeiras que não funcionam, ou há três assistentes para 610 alunos (como acontece no curso de Biologia), ou os assistentes não recebem o ordenado desde 1975, ou não há contratos nem renovação dos mesmos para monitores ou assistentes. E, tudo isto, por que o MEIC anda mais preocupado em dominar o ensino, através dos denominados Conselhos Científicos, formados pelos catedráticos, que nesta Faculdade representam o sector mais reaccionário», afirmou, esta manhã, durante uma conferência de Imprensa, Rui Baptista, membro da actual Direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências (unidade de esquerda), vencedora nas últimas eleições com 644 votos contra 515 de uma lista afecta à JSD (Juventude Social-Democrata) e à JC (Juventude Centrista).

MACHEL NA CONFERÊNCIA DE MAPUTO

"Guerras coloniais acabam sempre com derrota das forças opressoras"

A voz de Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique, foi uma das que mais veemente se fez ouvir, na Conferência de Maputo, ontem inaugurada por Kurt Waldheim, sobre a situação imposta à população negra da Rodésia e da Namíbia. Palavras do líder mocambicano: «Os povos do Zimbabwe e da Namíbia pegaram em armas para se libertarem do domínio e opressão colonial — e é errado falar-se de soluções pacíficas quando já existe a guerra, umas vezes quente, outras vezes fria».

Pormenorizou Samora Machel que «a existência de uma atmosfera de guerra na África Austral e a crescente tensão que ameaça envolver toda a humanidade são um resultado directo do colonialismo e racismo que ainda existem na região e no seio da política de muitos países ocidentais».

Muito apludido, disse ainda Samora Machel:

«As guerras coloniais só podem acabar de duas maneiras: ou com a derrota militar das forças coloniais ou com a aceitação por pare das forças coloniais do direito do povo à sua total e completa independência.»

Referindo-se à política do seu país face ao conflito, Samora Machel acentuou:

«Apoiamos soluções pacíficas para todas as regiões onde o conflito não tenha alcançado a fase armada e tentamos encontrar soluções negociadas para as guerras existentes».

Acrescentou, no entanto, que «a experiência das negociações em todos os países outrora colonizados demonstra que estas se efectuam entre os representantes das forças patrióticas e a potência colonial. A potência colonial representa os interesses dos colonos e as forças patrióticas representam os interesses das massas. Vemos nas negociações que têm estado a decorrer, tanto no Zimbabwe, tanto na Namíbia, uma violação desse princípio, violação essa que conduziu ao fracasso das negociações».

Ouçamos agora Andrew Young, embaixador norte-americano junto das Nações Unidas:

«Os Estados Unidos esperam muito da Administração Carter e esta está disposta a não iludir essas esperanças. De facto, os interesses africanos e norte-americanos não colidem com a questão da África Austral. Todos beneficiaremos com a entrega do Poder à maioria e com uma transição tão pacífica quanto possível».

Criticou Ian Smith, e quando lhe perguntaram se as forças de manutenção da paz das Nações Unidas seriam utilizadas na África Austral, Young disse «Penso que ainda não chegámos tão longe».

O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, acusou o Governo minoritário branco da Rodésia de cometer repetidos actos de agressão contra Estados negros vizinhos. Pediu também eleições livres, sob fiscalização e controlo da ONU, na Namíbia Namíbia (Sudueste Africano), dizendo que a situação nesse território administrado pela África do Sul constituía um desafio sem paralelo à autoridade daquela organização mundial. Waldheim fez estas observações no discurso inaugural da Conferência que, no Maputo, se propõe discutir a situação da Rodésia e da Namíbia.

Em relação à Rodésia, Kurt Waldheim, dirigindo-se a Ted Rowlands, ministro de Estado que chefia a representação britânica, afirmou:

«É lamentável que durante os últimos dois anos todas as tentativas para se encontrar uma solução tenham sido frustradas pelo regime ilegal de Ian Smith. A política repressiva do Governo rodesiano conduziu a mortes insensatas e obrigou o povo do Zimbabwe a intensificar a luta armada». E acentuou: «A ameaça para a paz e segurança internacionais foi agravada por repetidos actos de agressão cometidos pelo regime de Smith contra os territórios de estados africanos vizinhos». O orador notou que as Forças Armadas rodesianas tinham violado a soberania e integridade territorial do Botswana, Moçambique e Zâmbia, provocando «grandes perdas de vidas e de bens».

Sobre a Namíbia, Kurt Waldheim declarou que a posição da ONU era clara e inequívoca. Lembrou Kurt que tinha sido afirmado repetidas vezes pela ONU que a contínua presença da África do Sul na Namíbia era ilegal e que esse país era obrigado a retirar a sua administração e a terminar a ocupação do território.

Disse Kurt Waldheim:

«A África do Sul deve terminar com a política dos bantustões e das chamadas regiões autónomas. Urge que se efectuem eleições livres sob a supervisão e controlo das Nações Unidas. Urge que todos os presos namibianos sejam postos em liberdade, e sejam abolidas todas as leis e práticas repressivas racialmente discriminatórias.»

Zâmbia em armas aguarda ataque da Rodésia

O Exército da Zâmbia encontra-se hoje em estado de alerta total e as suas sofisticadas armas militares instaladas ao longo da fronteira com a Rodésia como preparação para um possível ataque. O presidente Kenneth Kaunda disse ter colocado o país em pé de guerra após um aviso do Governo britânico de que a Rodésia poderia fazer um ataque preventivo contra bases de guerrilheiros nacionalistas na Zâmbia.

«Desejo dizer hoje a todos os zambianos que estamos em estado de guerra com a Rodésia» — declarou Kaunda numa conferência de imprensa.

E disse:

«Lutaremos e já dei instruções aos meus soldados para atirarem sobre quaisquer aviões rodesianos que violem o espaço aéreo zambiano.

Em Salisbúria, fontes do Governo rodesiano afirmaram que o possível ataque (participado por Smith à Grã Bretanha) assenta no facto dos Serviços Secretos da Rodésia terem averiguado que rebeldes com base na Zâmbia tencionavam lançar um ataque fronteiriço, afectando certas zonas da Rodésia.

Entretanto, o Botswana declarou que um grande contingente de forças rodesianas havia atravessado a fronteira e atacado um acampamento militar. Charles Tibone, informador do presidente Seretse Khama, declarou que os combates prosseguiam ainda esta manhã.

PORTUGUESES DA ÁFRICA DO SUL CONTRA REUNIÃO «APARTHEID»

Um telegrama da France Presse informa que os representantes dos 580.000 portugueses que vivem na África do Sul resolveram protestar contra a próxima celebração em Lisboa de um Congresso Internacional «Apartheid».

Os dirigentes da comunidade portuguesa reunir-se-ão antes do fim do mês em Durbam para redigir uma moção de protesto que será enviada aos homens políticos portugueses e ao embaixador do Governo de Lisboa na África do Sul.

«Portugal não tem lugar para nós e, no entanto, dará guarida em Junho a uma Conferência hostil a um país que é o lar de 580.000 portugueses» — declarou um desses dirigentes.

Uma parte da comunidade portuguesa da África do Sul é composta por antigos colonos instalados em Moçambique e em Angola, que seguiram para este país após a independência daqueles territórios.

AVISO

CONCURSO PARA DISTRIBUIÇÃO DAS HABITAÇÕES DO PROGRAMA HABITACIONAL EXTRAORDINÁRIO DO MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E CONSTRUÇÃO E COMISSARIADO PARA OS DESALOJADOS, NOS CONCELHOS DE ALTER DO CHÃO E FRONTEIRA.

1. Torna-se público que está aberto concurso nas Câmaras Municipais de Alter do Chão e Fronteira, pelo prazo de 30 dias, a partir de 12 de Maio até 13 de Junho de 1977, para a distribuição de habitações sociais em construção nos concelhos referidos, no regime de propriedade resolúvel, destinados a desalojados das ex-colónias e à generalidade da população carenciada.

2. O concurso far-se-á por classificação dos concorrentes de acordo com o «Regulamento de Habitações Sociais» aprovado pelas Portarias n.os 343/74, 327/75 e 2/77 e demais legislação em vigor.

3. Nos termos da mesma legislação só podem concorrer os cidadãos que à data de abertura do concurso tenham atingido a maioridade e não tenham, ainda, completado 45 anos de idade.

4. Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Câmaras Municipais dos concelhos citados e no F.F.H. Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87, 6.º — LSBOA.

AVISO

CONCURSO PARA DISTRIBUIÇÃO DAS HABITAÇÕES DO PROGRAMA HABITACIONAL EXTRAORDINÁRIO DO MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E CONSTRUÇÃO E COMISSARIADO PARA OS DESALOJADOS NO CONCELHO DE SETÚBAL

1. Torna-se público que está aberto concurso na Câmara Municipal de Setúbal, pelo prazo de 30 dias, a partir de 12 de Maio até 13 de Junho de 1977 para atribuição de habitações sociais em construção em Brejos de Azeitão, no regime de propriedade resolúvel, destinadas a desalojados das ex-Colónias e à generalidade da população carenciada.

2. O concurso far-se-á por classificação dos concorrentes de acordo com o «Regulamento de Habitações Sociais» aprovado pelas Portarias n.os 343/74, 327/75 e 2/77 e demais legislação em vigor, com a ressalva do disposto no n.º 4 deste AVISO.

3. Nos termos da mesma legislação só podem concorrer os cidadãos que à data de abertura do concurso tenham atingido a maioridade e não tenham, ainda, completado 45 anos de idade.

4. Ao concurso do Núcleo Habitacional de Brejos de Azeitão e contrariamente ao habitual só podem concorrer cidadãos que residam ou trabalhem nos concelho de Setúbal, Palmela, Sesimbra, Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo, Oeiras, Sintra, Loures, Cascais, Lisboa, Vila Franca de Xira, Benavente, Alcácer do Sal e Grândola.

5. Todos os esclarecimentos podem ser prestados na Câmara Municipal de Setúbal ou no F. F. H. — Av. Columbano Bordalo Pinheiro n.º 87, 6.º, LISBOA.

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

TELEFONES 25307/22327 — SANTARÉM

Contrato Colectivo de Trabalho
Comércio Retalhista

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo Contrato, para uma reunião, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. **SITUAÇÃO DAS NEGOCIAÇÕES**
2. **MEDIDAS A TOMAR**

Dia 17 (3.ª-feira) – SANTARÉM – 19.15 h. – **UNIÃO SINDICATOS SANTARÉM** (Rua Elias Garcia, 26-1.º)
Dia 17 (3.ª-feira) – CORUCHE – 21.30 h. – **BIBLIOTECA MUNICIPAL**
Dia 17 (3.ª-feira) – TORRES NOVAS – 21.30 h. – **UNIÃO SINDICAL** (Rua Mouzinho Albuquerque)
Dia 19 (5.ª-feira) – ABRANTES – 21.30 h. – **CONVENTO S. DOMINGOS**
Dia 19 (5.ª-feira) – TOMAR – 21.30 h. – **DELEGAÇÃO**
Dia 19 (5.ª-feira) – CARTAXO – 21.30 h. – **CASA DO POVO**

CAMARADAS:

A revisão do CCT corre sérios riscos.
Os patrões persistem na intenção de retirarem direitos e regalias do Contrato em vigor.
A nova tabela salarial tem de ser fruto de obra colectiva.
Se não houver um mínimo de participação, não teremos Contrato.

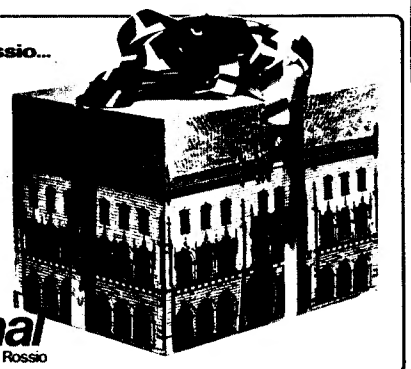
NÃO FALTES! PARTICIPA! LUTA!

Santarém, 13/5/77 *A DIRECÇÃO*

Na velha Estação do Rossio... uma surpresa para si!

Um novo Centro Comercial. Aqui mesmo.
Tudo o que você pode comprar
A qualquer hora
Mais de 100 lojas. Pronto-a-vestir. Sapatarias. Caldeireiros. Farmácia. Livraria. Discoteca. Tabacarias. Fotocopias. Brinquedos. Ferramentas. Utilidades.
Etc. Etc. Etc.
E ainda... brevemente! Cinema e Restaurante!
Um Centro Comercial moderno
Aberto todos os dias
Das 8 h da manhã às 2 h da madrugada
5 pisos com acessos por escadas rolantes a dois passos do Metro
Mais um serviço público, iniciativa da CP.

Agora, no caminho das suas compras



Terminal
Centro Comercial do Rossio

ATENÇÃO

Zonas de Aveiro — Figueira da Foz — Sines — Setúbal — Algarve preciso:

Preciso: estabelecimento devoluto ou casa antiga que dê para comércio de móveis se possível com habitação. Compro ou alugo.

Resposta à delegação deste Jornal no Porto ao n.º 104.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

2.ª Publicação

Faz saber que na Acção Ordinária pendente na 2.ª Secção do 2.º Juízo da Secretaria desta comarca, movida por Fitor — Companhia Portuguesa de Texturização, S.A.R.L., com sede em Avidos, comarca de Vila Nova de Famalicão, contra Textiller — Sociedade Têxtil, Limitada, com sede na Rua de Santa Sofia n.º 9 A, na Cruz Quebrada, desta comarca, representada pelo seu sócio gerente Pedro do Espírito Santo Casacow, ausente em parte incerta no Brasil é este réu citado para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começam a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contado da segunda e última publicação do anúncio respectivo consistindo o pedido da autora em que a ré, na pessoa do seu legal representante acima citado, seja condenada a pagar à autora a quantia de 293.096$10 e juros de mora à taxa de 6 por cento, sobre 284.194$10, com custas e tudo o que mais for devido.

Oeiras, 27 de Abril de 1977

O Juiz de Direito
a) Francisco Rocha da Costa Raposo

O Escrivão de Direito
a) Nuno Augusto Coqueiro Brito

ELEIÇÕES EM ISRAEL

Trabalhistas e Likud com iguais possibilidades

Os israelitas vão hoje às urnas numas eleições gerais, que, segundo certos comentadores ocidentais poderão pôr termo a quase três décadas de domínio pelo Partido Trabalhista. Precisamente nas vésperas desta consulta eleitoral, uma vez mais Israel era objecto de uma condenação internacional, desta vez na 30.ª Assembleia Mundial de Saúde, que decorre em Genebra e que por 66 votos a favor contra 2[illegible] (entre os quais o de Portugal) e 16 abstenções aprovou uma condenação pela política que o Estado hebraico segue nos territórios árabes ocupados.

A prova que os trabalhistas hoje enfrentam é a mais grave desde que alcançaram o poder em 1948. Escândalos financeiros, envolvendo altos funcionários do partido e o próprio ex-primeiro-ministro Rabin, têm provocado a erosão do partido acusado pelos opositores de uma administração ineficiente e de uma «abjecta subserviência» em relação aos EUA.

Sondagens à opinião citadas pela Reuter concluiam que o partido trabalhista e o seu principal rival [illegible] o Likud, de direita [illegible] poderiam obter o mesmo número de lugares, mas que nenhum ficaria com maioria absoluta.

Espera-se que um novo partido, o Movimento Democrático para Mudanças (DMC), uma força política até agora desconhecida, conquiste de 12 a 15 lugares, e obtenha uma posição-chave na formação de qualquer novo Governo de coligação.

Sobre a crítica questão de um acordo para o Médio Oriente, os três dirigentes de partidos, Peres Begin, e o chefe do DMC, Yigael Yadin, estão de acordo em vários pontos, incluindo a recusa de regressar às fronteiras de 1967, a oposição à criação de um Estado palestiniano e a quaisquer negociações com a Organização de Libertação da Palestina (OLP).

O Partido Nacional Religioso (NRP), que tem participado em todos os governos desde 1948, é considerado um parceiro improvável dos trabalhistas num novo Governo, devido à sua recusa em aceitar qualquer retirada da margem ocidental ocupada do rio Jordão.

A votação começou às 06.00 horas (de Lisboa) e deverá prosseguir por 16 horas, esperando-se uma elevada afluência entre os 2,2 milhões de eleitores elegíveis de Israel (cerca de 80 por cento).

Os primeiros resultados são esperados a 01.00 hora (de Lisboa) de amanhã, mas o resultado final depois da contagem do possivelmente decisivo voto militar dos soldados que controlam postos ao longo das fronteiras do país apenas será conhecido ao fim do dia de quarta-feira.

A CONDENAÇÃO

Por 66 votos a favor, 23 contra e 16 abstenções, uma comissão especial da Trigésima Assembleia Mundial da Saúde, que decorre em Genebra aprovou uma condenação de Israel pela política que segue nos territórios árabes que mantém sob ocupação militar.

O projecto de condenação fora apresentado conjuntamente por Cuba, Angola e outros 22 países do Terceiro Mundo. 36 delegações não estiveram presentes na altura da votação.

A maioria dos estados árabes africanos e socialistas votou a favor da condenação de Israel, enquanto a tal se opuseram Portugal, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e todos os nove países do Mercado Comum Europeu, além da Austria, Costa Rica, Guatemala, Islândia, Lesotho, Suécia, Suiça e Noruega.

CONFERÊNCIA ISLÂMICA

Inaugurou-se esta noite a 8.ª Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países Islâmicos.

Os ministros, reunidos em Tripoli, debruçar-se-ão sobre diversos problemas internacionais, tais como a causa palestiniana, o problema dos muçulmanos nas Filipinas, o problema de Jerusalém e os interesses das minorias muçulmanas espalhadas pelo Mundo.

Participam na conferência os representantes de 37 estados muçulmanos bem como da Organização de Libertação Palestina (OLP). Estão ausentes o Egipto, o Sudão e o Irão

China vai formar exército moderno

. Segundo informa a France Presse, a China optou definitivamente pelo fabrico, o mais depressa possível, de armamentos modernos para assegurar a sua defesa. Esta tomada de decisão foi apresentada pelo ministro da Defesa Nacional, marechal Yeh Chien Ying, durante a Conferência Nacional Industrial que terminou, na semana passada, em Pequim. Fica assim encerrada uma polémica que ultimamente tem sido travada entre os partidários de um exército moderno e equipado com as mais recentes descobertas bélicas e os da «Guerra Popular», no sentido literal do termo.

Decidindo-se pelo emprego do aço como elemento principal do crescimento das indústrias básicas, a China vai fabricar armas e equipamentos modernos bastantes, meios logísticos de transporte e de abastecimento, meios de reconhecimento, sistemas altamente aperfeiçoados de comunicações e comando. A pretexto de que aquilo a que chama a «rivalidade» entre os Estados Unidos e a União Soviética «é susceptível de provocar um conflito de grandes dimensões num futuro próximo», Yen Chien Ying afirmou que a indústria chinesa de armamento estará, de agora em diante, empenhada numa «corrida contra-relógio», preconizando ao mesmo tempo a criação em zonas do interior do país, de empresas industriais que possam servir de retaguarda estratégica em caso de guerra.

A recém-terminada Conferência Nacional Industrial foi a primeira realizada na China desde o advento do socialismo, em 1949, e teve por finalidade fixar objectivos e métodos que possibilitem fazer do país, até o fim deste século, uma das maiores potências económicas do mundo.

Além do ministro da Defesa Nacional também falaram o presidente, Hua Kuo Feng, o vice-primeiro-ministro, Li Hien Nien e o ministro do Petróleo e das Industrias Químicas, Yu Chiu Li que se detiveram em problemas económicos e na divulgação de que, antes do fim do século, a China deverá produzir, pelo menos, 350 milhões de toneladas de petróleo. Disse Hua Kuo Feng: «Os factos provaram que aquilo que a burguesia pode fazer a Oeste o proletariado também pode fazer a Leste».

Tito novamente "herói do povo"

O Parlamento Federal proclamou ontem, pela terceira vez, o marechal Tito como «herói do povo» jugoslavo. Esta distinção foi-lhe atribuída de acordo com uma proposta da Aliança Socialista do Povo Trabalhador, que aplicou «a vontade e o desejo unanimemente expresso» pelo povo da Jugoslávia. O presidente Tito, que já tinha sido proclamado «herói do povo» em 1944 e 1972, celebra este ano três jubileus: o 85º aniversário, os seus 60 anos de actividade no movimento comunista e os seus 40 anos à frente do Partido Comunista Jugoslavo. As comemorações deste ano das datas jubilares de Josip Broz Tito servirão para os jugoslavos demonstrarem o que já conseguiram e anunciar os seus objectivos para o futuro.

Faça você mesmo a sua bomba atómica ...

. O jornal britânico «Daily Express» afirma hoje que montou um engenho nuclear para alertar para o perigo de chantagem por parte de terroristas equipados com bombas atómicas de fabrico caseiro. O engenho foi fabricado por um cientista com base em informações não secretas e datadas de há 30 anos.

O cientista, um polaco de nascimento, que trabalhou nos EUA na bomba que caiu sobre Hiroshima, viu o projecto pormenorizado que o jornal lhe apresentou e daí a um mês tinha a bomba feita. Os materiais usados podem adquirir-se com facilidade e o mecanismo nuclear básico foi montado numa oficina vulgar. O engenho [illegible] a que faltava, no entanto, o plutónio [illegible] já foi desmantelado e destruído. Quanto ao plutónio, o jornal afirma que é possível um assalto terrorista para o obter. O engenho tinha a potência de 3000 toneladas. E o jornal fez esta advertência-choque para que o Governo tomasse consciência dos riscos de reprocessamento de desperdícios nucleares e do amontoar de reservas de plutónio.

Caça ao homem na Irlanda

. O exército britânico organizou hoje uma busca intensa ao longo da fronteira entre a República da Irlanda e o Ulster, após os guerrilheiros do IRA afirmarem que mataram um oficial da guarda de granadeiros empenhado numa perigosa operação secreta.

NATO: adiada a decisão sobre a compra dos Awacs

Mais uma vez os ministros de Defesa do Eurogrupo da NATO (do qual fazem parte todos os países europeus da organização, excepto a França e a Islândia) adiaram a decisão definitiva de comprarem aos EUA o sistema Awacs, radares supersensíveis com um raio de acção de 480 quilómetros, destinados a sobrevoar as fronteiras com os países socialistas europeus.

A decisão devia ser tomada no dia 1 de Julho, mas ontem os ministros reunidos em Bruxelas adiaram a decisão, para o próximo ano. Razões principais do adiamento: os países europeus, a braços com uma grave crise económica, teriam de pagar 2 400 milhões de dólares aos EUA. O pretexto invocado para o adiamento foi a atitude tomada em fins de Março último pela Grã-Bretanha que decidiu desenvolver um sistema próprio com base nos seus aviões Nimrod. A propósito um funcionário britânico citado pela ANOP/EFE comentava: «Muitos países europeus em lugar de criticarem a decisão britânica, ficaram muito aliviados com ela».

Enquanto isto, a agência soviética Tass considerou singularmente «cínico» o ponto do comunicado final da sessão do Conselho da NATO em Londres no qual se faz referência à liberdade, à democracia e aos direitos do Homem.

A agência soviética observou que «o direito humano básico é o direito ao trabalho e, no entanto, o desemprego nos países da NATO aumenta e afecta já mais de quinze milhões de pessoas».

A Tass sublinhou ironicamente «o grave embaraço que deve ter sentido a Londres oficial, ao ouvir falar do respeito pela dignidade e liberdade humanas, quanto está ainda fresca a ferida aberta no prestígio britânico pelo Tribunal de Estrasburgo, que examinou casos de violação dos direitos humanos no Ulster que bradam aos céus».

Novas manifestações de estudantes no Brasil

. Pela primeira vez em nove anos, milhares de estudantes brasileiros efectuaram manifestações públicas antigovernamentais em todo o país, juntando-se à crescente contestação de outros sectores ao regime militar de direita que domina o Brasil desde 1964.

Os estudantes ignoram as proibições governamentais e o forte dispositivo de «segurança» montado pela polícia, manifestando-se no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Salvador. A actual movimentação estudantil tem provocado surpresa, pois desde 1968 não saíam à rua. Nos primeiros anos desta década tornou-se vulgar a interferência da Polícia nas Universidades, tendo surgido centenas de acusações de tortura e «desaparecimentos» entre os estudantes. Agora, ao mesmo tempo que aumentam os protestos entre a Igreja Católica, artistas, intelectuais, políticos da oposição e até entre os próprios empresários, os estudantes convocam uma greve geral para a próxima quinta-feira.

Entretanto, terminou a visita do subsecretário de Estado norte-americano Terence Todman ao Brasil, com um «restabelecimento do diálogo entre os dois países».

CUBA: CONGRESSO

Fidel Castro encerra hoje o congresso dos camponeses privados. Desde a luta contra a Fulgência Baptista, os «barbudos» receberam grande apoio dos camponeses pobres. Desde a vitória da Revolução, em 1959, o governo central tem demonstrado grande interesse pelos assuntos do campo na ilha. Actualmente, em Cuba, existem 232.000 agricultores privados, dos quais 160.000 são proprietários das terras. Muitos analistas consideram, entretanto, que dentro de pouco tempo terminará a propriedade privada rural, com todos os camponeses passando a formas de agricultura colectivas. Por outro lado, milhares de operários de Havana e de outras cidades seguem para o campo, nos próximos dias, a fim de colaborarem na safra do açúcar.

Guerra meteorológica proibida por tratado

. Os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Soviética, dos Estados Unidos, da RDA da Bulgária e da Polónia vão assinar amanhã em Genebra um tratado proibindo as modificações do meio ambiente para fins militares, soube-se na Organização das Nações Unidas. Este tratado proibindo a guerra meteorológica será igualmente assinado pelos embaixadores da Bélgica, Dinamarca, Hungria, Luxemburgo, Noruega, Holanda Checoslováquia e Turquia.

O tratado proíbe «a utilização para fins militares ou para outros fins hostis das técnicas de modificação do meio ambiente tendo efeitos duradouros ou graves, causando destruições e prejuízos a qualquer Estado».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

O USO E O ABUSO

Tudo aconteceu para festejar o lançamento da Telenovela feita a partir de um romance de Jorge Amado. Falavam os nossos antepassadíssimos valentaços em «meter uma lança em África». Agora, e a propósito de «Gabriela Cravo e Canela» se diz que se trata de «meter uma lança na Europa». Mudam-se os tempos, mudam-se as figuras, mudam-se as lanças...

Sim, porque se trata de um lançamento europeu. De onde se conclui ter derivado para o nosso país enormérrima honra. Informaram-nos ontem que alguns países da Europa se mostram interessados na aquisição da obra.

Neste ponto haverá excessivo optimismo. Primeiro, porque o nível artístico da Telenovela não suscitará entusiasmo por aí além. Em segundo lugar, porque transmitir **45 minutos** todos os dias durante não sei quantos meses — eis aí qualquer coisa que ultrapassa todos os esquemas das Televisões europeias.

Se, em todo o caso, tal se verificar, eis que Vinicius já pode ir afiando a lira para mais um samba. Não é para menos. Camões fosse ele vivo e não desdenharia.

A NOITE DE QUEM?

Para festejar o **lançamento europeu**, houve serão artístico no Ritz a que se chamou «Noite do Brasil». Solnado lá estava. Ele participa em **noites**, ele participa em **dias**... Talvez em todo o caso não lhe fizesse mal (como aliás a toda a gente) falar um pouco menos. E não forçar a graça, pois pode ser uma **desgraça**. Como, por várias vezes, se viu ontem.

Maria Creuza, Toquinho e Vinicius de Morais repetiram um projecto de espectáculo já nosso conhecido. Nada variou, desde a última vez, há quatro anos, quando Vinicius esteve entre nós. Nada, nem o uísque. Em primeiro plano.

À tradição riquíssima do musicol brasileiro juntaram-se as palavras calorosas do embaixador do Brasil, entrevistado por essa figura gentil de cavaleiro andante da Rádio e de Televisão, verdadeiro espírito da renascença, que é José Manuel Bento.

O embaixador do Governo de Geisel. A propósito do povo brasileiro, da **Gabriela Cravo e Canela**, de Jorge Amado. O embaixador do Governo brasileiro. A noite do Brasil.

Maria Creuza canta e canta e canta:

Você tirou partido
de mim
— abusou...

Abusam sempre, Maria. Estamos num mundo tramado.

ÊXITO? OXALÁ MAS...

Viremos a ter oportunidade de falar com mais vagar desta Telenovela. Para já, fique-se com a ideia de que se trata, a vários planos, de uma obra artesanal.

Como se justifica, então, a fama de que vem precedida? Estaremos nós a ser vítimas de uma descarada manipulação?

Não se trata disso. A propaganda à volta dela será feita com sinceridade, acredito. Para se compreender o entusiasmo, havemos de comparar esta **Gabriela** não com **Bellamy** ou qualquer outro folhetim inglês já nosso conhecido, mas com... os folhetins brasileiros, cuja qualidade abaixo de cão tem fama em todo o mundo.

Quanto ao êxito, já não digo na Europa, mas junto do público português, o meu cepticismo permanece, muito embora até o desejasse por razões que têm a ver com as lições sociais, com a discussão histórica subjacente ao romance. Simplesmente, ao contrário do que a alguns possa parecer, a língua constitui um obstáculo à comunicação. Quem assistiu à excelente reportagem sobre o cançonetista Luís Gonzaga e ao primeiro episódio de «Gabriela» apercebeu-se decerto que a oralidade brasileira quase necessita de legendação. Ao menos um glossário, isso falta.

Possa ao menos a emissão, ao longo destes meses todos, servir de incentivo à leitura dos livros de Jorge Amado — e já não se terá perdido tudo. Ou já se terá ganho alguma coisa.

ANGOLA NUMA VIOLA E A RTP QUE PERDEU A TOLA...

Na emissão de domingo de «Ou isto ou Aquilo» participou esse extraordinário fenómeno de popularidade e comunicação que é José Barata Moura. Colado na viola, um minúsculo autocolante com a bandeira do MPLA.

Tanto bastou para que alguns espíritos transtornados protestassem activamente junto da Televisão Portuguesa. Tanto bastou para que a RTP publicasse ontem dois-comunicados-dois, com um humilde pedido de desculpa, sim senhor, não se admite, era o que faltava, fazer a **propaganda de um partido político**... E podiam ficar os cidadãos tranquilos: ia mandar-se proceder a inquérito para apurar responsabilidades.

O comunicado, ridiculamente repetido, provincianamente repetido, em vez de deixar pairar as dúvidas sobre qual o partido em questão, deveria informar autenticamente. Deveria, já agora, esclarecer sobre o objecto do inquérito: o Barata Moura? A viola do Barata Moura? O operador?

Está claro que a apresentação do emblema do MPLA não produz, a nível interno, qualquer efeito propagandístico. Não se trata, pois, de propaganda partidária. Trazer esse emblema na lapela ou na viola não representa senão o apreço pela vitória do povo angolano na sua libertação. Aliás, Barata Moura sempre o usou. Várias vezes o vi ao longo das semanas que durou o «Fungagá da bicharada». Vi-o eu, viram-no todos os telespectadores. Pelo que não se compreende esta súbita sensibilidade...

A propósito: mandou-se instaurar algum processo à, essa sim, propaganda feita a partidos da direita, num programa da **prevenção rodoviária**, com o patrocínio da RTP? Se não, porquê? Se sim, porque não procedeu a RTP a um esclarecimento público?

Agitar, por um lado, uma viola e meter, por outro lado, a viola no saco, parece-lhes bem?

NOITE DO FADO É JÁ NO DIA 20

A Casa da Imprensa continua a divulgar o fabuloso elenco artístico que no próximo dia 20 estará de braço dado com os jornalistas portugueses na Grande Noite do Fado, no Coliseu dos Recreios.

Para além da valiosa colaboração da RDP (através de um «show» musical, com interpretação de «vedetas» dos micros e da orquestra ligeira da estação oficial), dentro de uma linha já tradicional, e do também habitual desfile de intérpretes amadores de fado em representação de colectividades populares ou a título individual, haverá no tablado do Coliseu uma homenagem aos futebolistas do Benfica, campeões nacionais e, em parada artística, Raul Solnado, Hermínia Silva, Manuel de Almeida, Ada de Castro, os «Green-Windows» (regressados de uma «tournée» pelos EUA), Maria da Fé, José Jorge Letria, Nuno Gomes dos Santos, Maria Valejo, Maria Armanda, Esmeralda Amoedo (acompanhada pelos seus guitarristas João Carregosa e Armando Hilário), locutores Fernando Correia e José La Féria, guitarrista Adelino dos Santos, Joaquim Canedo e Mário Cotrim, e outros vultos dos palcos que divulgaremos, já que é de inteira justiça anunciar que também José Viana e Dora Leal, elementos da Cooperativa de Teatro Popular, radicada na Academia Almadense, aceitaram o convite endereçado pelos jornalistas para participarem no seu festival, agora a comemorar 25 anos de edição. Um ponto alto em espectáculo inolvidável.

Resta acrescentar que os bilhetes para a Grande Noite do Fado se encontram à venda no Coliseu dos Recreios.

Hoje

Os Marretas

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho

2.º Período

19.00 Abertura e **Vem Ver como se Fazem Cabeleiras e Bigodes** — Vem ver como se faz chocolates.
19.25 **Peço a Palavra.**
19.55 **Telejornal** — Flash.
20.00 **Fila T** — Magazine de teat o.
20.30 **«Gabriela, Cravo e Canela»** — 2.º episódio. Original de Jorge Amado.
21.00 **Telejornal** — 1.ª edição.
21.35 **Os Marretas** — O famoso «Muppet show» da televisão Independente Britânica, que tanto êxito está a alcançar nas mais importantes estações de televisão de todo o mundo, conta hoje com a presença da conhecida act iz Candice Bergen.
22.05 **Mosaico**
23.30 **Telejornal** — 2.ª edição.
23.50 **Fecho**

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 **Ópera** — «Amanhã» de Tedeusz Baud.
21.50 **O Museu ao ar Livre de Kommern** — a demolição de uma casa típica que datava de 1689 e a sua reconst ução no terreno deste museu. (Premiado com o «Cacho de Ouro» no Festival de Cinema de Santarém em 1974).
22.35 **Telejornal**
23.00 **Fecho.**

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período 13.30**: Ciclo Preparatório TV. **18.05** Fecho. **2.º Período 19.00**: Abertura e A Catarina faz uma Torta de maçã. **1930**: Ab e-te Sésamo. **19.55**: Telejornal — flash; **20.05**: Caminhos do Futuro; **20.30**: «Gabriela, Cravo e Canela — 3.º episodio. **21.00**: Telejornal. **21.40**: A Música e o silêncio. **22.20**: Os amores de uma loira. Filme de grande metragem realizado por Melos Forman. **23.50**: Telejornal. **00.10**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Ciclo da Pedra. **22.00**: Programa musical. **22.30**: Telejornal. **23.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB.
COMUNA
TEATRO DE PESQUISA – CENTRO CULTURAL
4.ª FEIRA – DIA 18 – ÀS 21 e 30

ESTREIA – 12.º ESPECTÁCULO
EM MAIO...
— TEXTO COLECTIVO —

EM LISBOA – 10 ÚNICOS DIAS
DE 18 A 29 DE MAIO

DIARIAMENTE ÀS 21 e 30
DOMINGO ÀS 18H

— PREÇO ÚNICO 40$00 —

Praça de Espanha – Metro Palhavã – T. 762624

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A PACOTILHA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 87 44 76
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
FOLGA ÀS QUARTAS-FEIRAS
Um grande manguito nas tristezas
«MATINÉES» AOS DOMINGOS, ÀS 16 HORAS
Não aconselhável a menores 18 anos

estúdio 444
HOJE ÀS 21.15
um filme de ALAIN CAVALIER
ROMY SCHNEIDER
JEAN-LOUIS TRINTIGNANT

DUELO NA ILHA

TEATRO Tel. 366745
ABC
Não acons. a menores de 18 anos
Hoje, 20.30 e 22.45 horas
Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas
Descanso às 4.as feiras
SÉRGIO AZEVEDO apresenta
UM SUCESSO ÍMPAR DO TEATRO DE REVISTA
EM ÁGUAS DE BACALHAU
com um super-elenco

Heidi (em grande). Uma grande criação de Nicolau Breyner
FLORBELA
NICOLAU BREYNER
OCTÁVIO DE MATOS
(actor convidado)
VERA MÓNICA
(actriz convidada)
SIMONE DE OLIVEIRA
VICTOR MENDES
ABC DANCER'S

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Cascais em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal – EDP (ex-CRGE), a que se refere o processo 8/59 542, arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais, de uma linha mista a 10 kV, n.º 1673, com o comprimento total de 695 metros (parte aérea com 665 metros e parte subterrânea com 30 metros) do posto de transformação n.º 890 ao posto de transformação n.º 4714, em Abóboda, freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

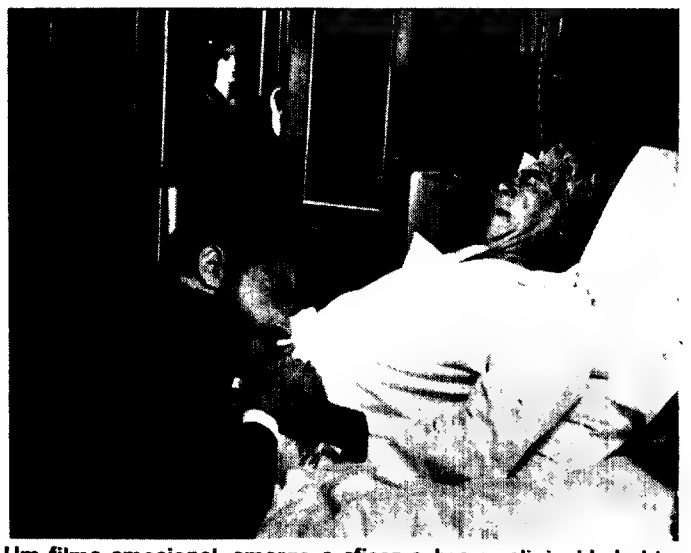
Repartição de Licenciamento, em 9 de Maio de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Por obra e graça..." de Nino Manfredi



Um filme emocional, amargo e eficaz sobre a religiosidade bloqueada e acrítica

FICHA:
Título original: Per grazia ricevuta
Realização: Nino Manfredi (Itália 1970)
Argumento: Luigi Magni e N. Manfredi, *segundo uma ideia* de Nino Manfredi.
Diálogos: Leo Benvenuti, Piero De Bernardi e N. Manfredi.
Fotografia (eastmancolor): Armando Nannuzzi
Cenários: Giorgio Giovannini.
Música: Maurizio e Guildo De Angelis
Interpretação: Nino Manfredi (**Benedetto**), Lionel Stander (**Oreste**), Delia Boccardo (**Giovanna**), Paola Borboni, Mario Scaccia, Fausto Tozzi, Mariangela Melato, Veronique Vendell, etc.
Distribuição em Portugal: Doperfilme
Cinema: Roma
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Duração: 118 minutos

Nino Manfredi é, como actor, um dos nomes mais justamente sólidos do cinema italiano. Menos conhecido é o seu trabalho como argumentista (nomeadamente em *Pão e chocolate* de Brusatti, um filme magistral que o público português quase ignorou) e só agora nos chega esta sua intervenção no campo da realização, **Por obra e graça...**, datada de 1970. Trata-se do seu primeiro trabalho na longa-metragem (o anterior e único, foi um *sketch* e *L'amore difficile* em 1962) e constitui uma demonstração da multiplicidade do talento de Manfredi que nele assina ainda o argumento e o principal papel como intérprete.

A primeira constatação a fazer sobre **Por obra e graça...** é a da indiscutível força do seu discurso. Força que se secunda num aspecto sentimental (que não sentimentalão), não esquece nunca nos momentos precisos, a ruptura distanciadora e crítica que evita o embarque do espectador na nau fácil de adesão puramente emocional. Ruptura que se opera não raro a nível do diálogo mas que sobretudo se evidencia na encenação, no artificialismo de fábula que sempre enche o écran. É que é de uma história sobre/para crianças que se trata afinal.

Manfredi vem aqui provar que a ironia e a crueza podem não estar associados a uma truculência agressiva mas serem afinal veículados por uma aparente inocência não menos eficaz. E sobre as sequelas de uma religiosidade bloqueada e acrítica raras vezes se terá traçado um libelo tão contundente.

Por obra e graça... é a história de um homem mantido na perversidade infantil por uma teia de poibições, medos e tabus. A história de um homem cortado do real, perdido no labirinto das contradições entre o desejo e o pecado, incapaz de vida porque atingido pela crença da intervenção do extra terreno sobre o quotidiano. E, portanto, só.

É perante a ausência, perante o vazio, que este filme nos coloca. Como alguém que espera um autocarro onde não há autocarro nenhum para passar. E é daí que nasce a imensa amargura que o invade, já que sem saída, já que sem possível solução.

E, no entanto, o seu desenvolver é quase piedoso. Os seus personagens são olhados com uma humorada misericórdia, um embalamento que se diria oscilar entre o respeito e o desespero. Como um sonho feérico e infantil que uma melopeia de crianças envolvesse. Só que o sonho é pesadelo e não se vê porta por onde os que nele mergulharam possam despertar.

Nota à margem: Apenas meio-legendado, **Por obra e graça...** sofre assim uma agressão pelas mãos de Maria Elvira C. Pedroso que assina esse (mau) trabalho. Uma prática que dantes era justificada pela censura e que parece estar a voltar com uma alarmante frequência.

MARIA VITÓRIA
TEATRO ☆ TELEF. 361740
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Todos os dias: às 20,30 e 22,45 h.
Aos domingos: «Matinées»; às 16 h.
Às 2.as feiras — Descanso
O GRANDE ÊXITO DO ANO
A SENSACIONAL REVISTA
O BOMBO DA FESTA!
(M. 18 ANOS)
REMODELADA!
COM NÚMEROS NOVOS!
UM ENORME ELENCO, COM:
SALVADOR E IVONE SILVA
HENRIQUE SANTANA
LYGIA TELLES
CARLOS GONÇALVES ★ HERMAN JOSÉ
IGOR SAMPAIO ★ LUÍS MÁRIO
ODETE ANTUNES ★ LINA MORGADO
A ATRACÇÃO JAPONESA YUKIE
A JOVEM FADISTA MARIA DE FÁTIMA
UM CORPO DE BAILE INTERNACIONAL

NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA
A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO
MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 3 do corrente mês, de folhas 46 a fls. 47, do Livro A 102, para «escrituras diversas», deste Cartório, foi feita uma escritura de justificação notarial na qual Carlos José Martins e mulher Maria da Glória Pereira, residentes no lugar da Aboboreira, freguesia da Azueira, deste concelho, justificaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do prédio rústico composto de cultura arvense e mato, denominado «Serra d'Arraz...», com a área de 4625 m2, sito nos limites do lugar da Aboboreira, da indicada freguesia da Azueira; inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 172 — Secção A, com o rendimento colectável de 116$, de que resulta o valor matricial e atribuído de 2320$00.

Que o referido prédio encontra-se omisso, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os justificantes possuem o referido imóvel, há mais de 30 anos, com exclusão de outrem e de boa-fé, pelo que o adquiriram por usucapião.

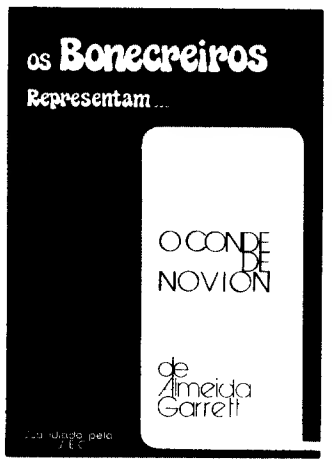
É Certidão Narrativa Parcial que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

Mafra, 12 de Maio de 1977

O AJUDANTE,
(Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado)

draivimpe
é isto e mais aquilo e não só

os Bonecreiros
Representam...



De 4.ª feira a Domingo às 21.30 horas
Sábados e Domingos matinées, às 16 horas
R. António Maria Pais, 6-A
MOSCAVIDE
Marcações
Telefone 2515007

A BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
«BARRACA CONTA TIRADENTES»
M/13 anos
ENCENADOR · Augusto Boal
elenco · «A Barraca»
Dias úteis · 21H15
Folga · 2.ª feira
MATINÉES:
SAB · 16H00
DOM. 18H00

Marítimo e Nacional param vida na Madeira

A cidade do Funchal observou ontem, de manhã, «tolerância de ponto» devido às proezas desportivas suas mais representativas equipas de futebol: o Marítimo, que subiu à 1.ª divisão nacional (facto que sucede pela 1.ª vez) e o Nacional, que ascendeu ao 2.º escalão.

O governo regional da Madeira havia decidido, na véspera, que se algum dos clubes subisse de divisão tanto o sector público como o privado (excepto indústrias e serviços vitais) poderiam observar «tolerância de ponto na manhã de 2.ª feira».

Pedro Gomes, treinador do Marítimo: um dedo de mestre

À chegada do «onze» do nacional (que havia jogado no Continente com o Odivelas) milhares de pessoas foram ao aeroporto, distante da cidade cerca de 22 quilómetros, vitoriar a equipa.

Entretanto, os jornais da Madeira publicaram edições especiais dedicadas às vitórias de ambas as equipas.

Na próxima 5.ª feira, o conjunto madeirense «impacto» vem a Lisboa gravar o novo hino do Marítimo, que tem por título «Marítimo, a nossa razão».

O comunicado do governo regional, justificando a medita tomada, considera, entre outros pontos, que «a cultura física e o desporto são meios de valorização do homem e que, como tal, deve ser estimulada a sua prática e difusão».

Após o jogo, que se realizou no Funchal, entre o Marítimo e o Olhanense, milhares de pessoas, em cortejo, desceram à cidade, acompanhados de «Zés Pereiras» e de ranchos folclóricos, vitoriando a nova equipa do escalão maior do nosso futebol.

COMUNIDADE

O F. C. do Porto e o Vasco da Gama defrontam-se em 11 de Junho, no Rio de Janeiro, num desafio de futebol integrado nas comemorações do «Dia da Comunidade». Não está ainda decidido se o jogo se efectuará no estádio do Maracanã ou no «S. Januário», pertença dos vascaínos.

AMANHÃ, EM LISBOA

Polacos ensinam ténis de mesa

Tenistas de mesa polacos encontram-se em Portugal, no âmbito do programa de intercâmbio entre os dois países e com o propósito de treinarem com jogadores portugueses com vista ao campeonato europeu de jovens (13 aos 17 anos), que se realiza de 22 a 31 de Julho próximo, em Vichy (França).

No prosseguimento do programa de visitas estabelecido, que já os levou às Caldas da Rainha, Coimbra, Águeda e Porto, os jovens polacos estiveram em Faro. Lisboa será a última localidade onde os jogadores, a exemplo do que tem acontecido, treinarão (durante a tarde) e efectuarão jogos (à noite).

A encerrar a sua digressão em Portugal, vai realizar-se um torneio por convites (aos melhores jovens portugueses, dos 13 aos 17 anos, bem como a alguns seniores), competição que decorrerá amanhã, a partir das 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa. Nele participarão, no total, 32 tenistas de mesa.

Os 29 portugueses convidados, foram escolhidos de entre os melhores infantis, iuniores e seniores, até aos 24 noas,n com excepção quanto a essa idade em relação ao campeão nacional José Alvoeiro. Dos atletas polacos que vão participar neste torneio, destaca-se Baranoyski, o segundo melhor do seu país.

Para que todos os atletas e público em geral possam apreciar o nível técnico dos atletas concorrentes, informa-se que este Torneio Internacional será com entradas gratuítas.

Nomes dos atletas portugueses:

. Palmeiras: José Alvoeiro, Ivanoel Moreira e José Barroso; Sporting: José Marquês, Jerónimo Pina, José Pedro, Armando Torres, Carlos Fereira, Rui Olivença, João Guerra, e Luís Dias; Casa Pia: José Xavier, Mário Menezes e Frederico Raimundo; Belenenses: João Pinho, Fernando Martins, Alípio Matos e Carlos Pinho; G.D. Operário: Mário Coelho; Benfica: José Janeiro e José Rocha; Centro Católico: Bernardo Lucena, António Oliveira e J.Ferreira; Sporting de Alenquer: Carlos Rosendo; Económicos: Manuel dos Santos; Ramiro José: António Barros; F.C. Lisboa: João Lago; Concentração Musical: Hélder Fernandes.

Hóquei patinado: oito na corrida para título nacional

Praticamente, está concluída a primeira fase do campeonato nacional de hóquei patinado (apuramento zonal), restando um encontro (Infante de Sagres-Académica de Espinho, marcado para sexta-feira) para se totalizar o calendário. Todavia, este embate pode alterar substancialmente a ronda imediata da competição, uma vez que, triunfando o Infante de Sagres, o Valongo desce na escala para o 4.º lugar.

Vamos, porém, aos resultados verificados ontem, na **Zona Norte**: Académico do Porto, 3-Carvalhos, 8; Oliveirense, 2-F. C. Porto, 8; Riba de Ave, 5-Valongo, 2; Infante de Sagres, 8-Sanjoanense, 1; Águias, 1-Académica de Espinho, 9. **Zona Sul**: Sotto Mayor, 4-Paço de Arcos, 7; Oeiras, 5-Benfica, 3; Salesiana, 8-Estremoz, 3; Cuf, 12-Campo de Ourique, 2 e Sporting, 8-Amadora, 4.

Classificação na **Zona Norte**: 1.º F. C. Porto, 49 pontos; 2.ºs, Carvalhos e Valongo, 42; 4.º, Infante de Sagres, 40; 5.ºs, Sanjoanense, Oliveirense e Riba de Ave, 34; 8.º, Académica de Espinho, 32; 9.º, Académico do Porto, 28, e 10.º, Águias do Porto, com 20 pontos. **Zona Sul** — 1.º, Sporting, 51 pontos; 2.º, Oeiras, 47; 3.ºs, Benfica e Cuf, 41; 5.ºs, Amadora, Salesiana, Paço de Arcos e Campo de Ourique, 32; 9.º, Sotto Mayor, 28; e 10.º, Estremoz, com 23 pontos.

O período final do campeonato terá oito clubes em paralelo: F. C. Porto, Carvalhos, Valongo, Infante de Sagres, Sporting, Oeiras, Benfica e Cuf. Descem à 2.ª divisão: Académico do Porto, Águias do Porto, Sotto Mayor e Estremoz.

Morte sobre a "Targa Florio"

A «clássica» automobilística italiana «Targa Florio», cuja edição deste ano se disputou nas estradas sicilianas ao redor de Palermo, foi novamente marcada por um acidente fatal, quando um bólide se despistou e atropelou alguns indisciplinados espectadores.

O acidente deu-se com o «Osella PA-4», tripulado pelo piloto italiano Gabriel Ciuti, que no final da 3.ª volta se despistou, saindo da estrada numa curva onde estava aglomerado numeroso público. Um dos espectadores (Giuseppe Micchine) faleceu imediatamente. Ciuti sofre de traumatismo craniano e numerosas feridas. O estado de outros quatro espectadores é considerado muito grave e um deles perdeu uma perna.

Com o acidente, confirma-se a falta de segurança do circuito de La Madonia, na «lista negra» da Comissão Desportiva Internacional.

Quando os 70 veículos inscritos largaram no começo da prova, os comissários anunciaram que não estavam em condições de controlar o desenrolar da corrida, pela confusão reinante em torno do circuito.

As autoridades tiveram de intervir para manter um mínimo de ordem entre os exaltados e indisciplinados espectadores, muitos dos quais, inclusivé, ostentavam os cartões de identificação da organização.

Atletismo: Sporting movimenta-se

Atletas do Sporting participam, amanhã, num «meeting» internacional no Cristal Palace, em Londres. Fazem parte da representação portuguesa o prof. Moniz Pereira, (técnico nacional) e os atletas. Carlos Lopes, Aniceto Simões e Fernando Mamede, (que correm os 5000 metros), Carlos Cabral (1500 metros) e José Carvalho (400 metros barreiras).

Entretanto, três atletas que praticavam atletismo no Maputo acabam de ingressar na equipa do Sporting Clube de Portugal. Trata-se das irmãs Suzel e Argentina Abreu (ex-Vasco da Gama) e Amadeu Chande (ex-Ferroviário).

Os melhores tempos destes atletas são:

. Suzel Abreu: 100 metros, 12,7 s, 200 metros, 26,3, 100 metros-barreiras, 15,1, altura, 1,6, comprimento, 5,76.

Argentina Abreu: 100 metros, 12,2, 200 metros, 22,5, 400 metros 58 s, 100 metros-barreiras, 16,8, comprimento, 5,33.

Amadeu Chande: triplo-salto, 14,33, comprimento, 6,44 e altura 1,86.

TOTOBOLA

Jogue connosco

Leixões - Varzim	1
Portimonense - B.-Mar	X
Guimarães-Montijo	1
Benfica - Porto	X
Belenenses - Atlético	1
Boavista-Sporting	X
Setúbal - Braga	1
Académico-Estoril	1
Málaga - Real Madrid	2
Hércules-Elche	X
Sevilha - Espanhol	X
Burgos - Real Sociedade	X
Saragoça - Ceita	X

PARA O "MUNDIAL", DERROTA EM MOSCOVO

URSS batida pela Grécia

. Um dos últimos jogos realizados para a fase de apuramento do Campeonato Mundial de Futebol produziu uma grande (senão incrível) surpresa, já que a União Soviética perdeu, em Moscovo, por 0-1 frente à selecção da Grécia: os dois países formam o grupo nove das eliminatórias, juntamente com a Hungria que, na sua visita à capital grega, também em jogo oficial, conseguiu valioso empate (a 1 golo).

Recorda-se que, no Mundial de 1974 (na Alemanha) não estiveram os soviéticos presentes na fase final, por se terem recusado a jogar com o Chile, em Santiago, após alinharem perante a mesma selecção chilena, em Moscovo. Conforme estipulam os regulamentos, a União Soviética foi (então) desclassificada: e o Chile esteve na Alemanha.

Embora a selecção grega não detenha um futebol de grande qualidade, os seus jogaadores são bem constituídos fisicamente, agindo com incrível velocidade, que é precisamente a falha dos soviéticos, lentos nas suas acções de jogo e muito mais lentos a pensar. E está aí o seu calcanhar de Aquiles.

Pensando bem nas virtudes e defeitos do futebol da URSS, chega-se à conclusão de que as condições de jogo dos gregos, técnicas e físicas, são para o futebol soviético das mais difíceis de vencer: esta derrota, em Moscovo, é um termendo desaire, que põe em causa a classificação para o torneio da Argentina.

A União Soviética apareceu no futebol internacional na «Taça do Mundo», na Suécia (em 1958), para ficar nos quartos-de-final. Quatro anos mais tarde, no Chile, os soviéticos nada fizeram de importante, e são eliminados. No Mundial da Inglaterra, quedaram-se pela 4.ª posição, ao serem batidos por Portugal, na disputa do 3.º lugar, onde se impôs o terrífico «tiro» e desconcertante futebol de Eusébio. No «Mundial» do México, classificaram-se também na 4.ª posição e no último, em 1974 (na Alemanha), não chegaram à fase final, por motivos políticos (reacção contra a ditadura chilena).

Para o próximo ano, em Buenos Aires, terá que produzir-se «um milagre», dado que a Hungria (depois da derrota agora imposta pela Grécia à URSS) está bem situada.

O futebolista da União Soviética é o mais correcto do Mundo, e faz alarde de bons modos. Jamais protesta contra o árbitro, nem utiliza a violência ou a má intenção nos jogos. São lentos nas suas ideias de imaginar jogadas frutuosas, e jogam futebol como poderiam remar. Actuam mecanicamente, com excepção de Blockin (do Dynamo de Kiev) fabuloso extremo, com mentalidade e forma de jogar nitidamente latinos.

Em linhas gerais, no entanto, são mais precisos que rápidos, defendem melhor que atacam: e, quando têm que defrontar equipas mais velozes (como é o caso da Grécia) baixam de rendvmento. Como atletas são, no entanto, perfeitos: e correm os noventa minutos de igual modo.

Clay: vitória inexpressiva

Muhammad Ali venceu em Landover (EUA), o hispano-uruguaio Alfredo Evangelista, aos pontos, num combate de 15 «assaltos», e conservou o seu título de campeão do Mundo dos «pesos pesados». O vencedor conta 35 anos e o vencido 22.

Foi a experiência do campeão e a sua esquerda, ainda considerada excelente, que possibilitou a Muhammad Ali a vitória, neste primeiro combate travado desde o encontro de 28 de Setembro, com Ken Norton.

Os juízes Terry Moore e Ray Klingmeyer deram a Ali a vantagem de 72-64, enquanto o árbitro Harry Cecchini, marcou 71 65 para o campeão.

Uma assistência de 12.000 espectadores e uma audiência nacional de televisão testemunharam este combate entre o campeão mundial e o 10.º pretendente ao título dos «pesados».

Evangelista, que disputava o seu segundo combate fora de Espanha, recebeu 85.000 dólares (3.290 contos), enquanto Ali arrecadou 2,7 milhões de dólares (104.500 contos).

Após o combate, o hispano uruguaio afirmou que a experiência adquirida neste combate lhe permitirá mais tarde tentar novamente o título mundial.

Estou muito feliz, por ter provado ao público norte-americano que sou um bom pugilista e digno de combater com Ali. Sou novo e penso que mereço voltar a lutar pelo título.

PORTUGAL

GINÁSTICA

No pavilhão gimnodesportivo de Vila Real de Santo António decorrerá, no próximo dia 22, a partir das 9 e 30, o Campeonato Nacional Feminino de Ginástica, 4.ªs categorias. Para a prova estão inscritas 37 atletas da Associação Académica de Espinho (6), do Futebol Clube de Gaia (2), do Sport Clube do Porto (2), do Clube Náutico do Guadiana (6), do Lisboa Ginásio Clube (5), da Associação Académica da Amadora (5), do Centro Cultural dr. Magalhães Lima (2), do Ginásio Clube do Sul (2), do Sport Algés e Dafundo (1), do Ginásio Clube Português (1), do Clube Desportivo da Fábrica Cimento Tejo (2), do Vitória Clube de Lisboa (1) e do Sporting Clube de Portugal (2).

Futebol da Guiné-Bissau excursiona na China

Uma selecção de futebol da Guiné-Bissau foi convidada a visitar a China Popular durante a primeira quinzena de Agosto devendo efectuar alguns jogos em Pequim e noutras cidades.

Os treinos para a formação da selecção guineense já começaram estando convocados 21 jogadores. A visita à República Popular da China, é retribuição de uma outra que a equipa chinesa Lianoning realizou em Novembro do ano passado à Guiné-Bissau.

PUB

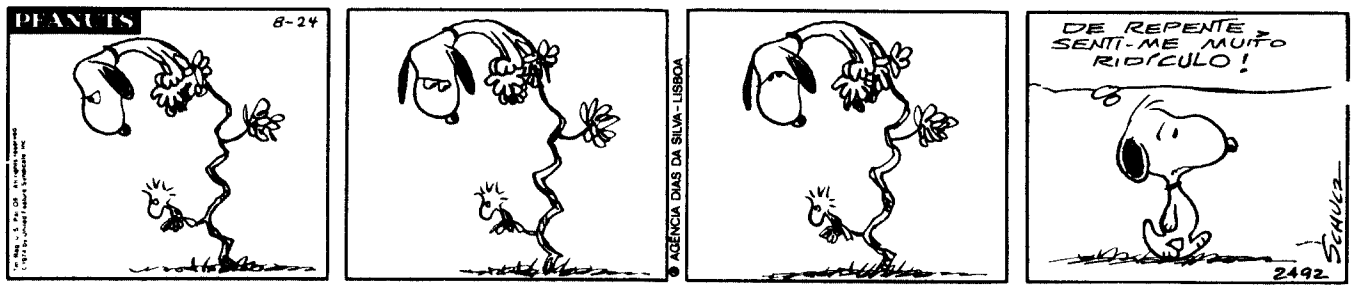
A Embaixada da República Democrática de S. Tomé e Príncipe comunica ao público em geral, que os seus serviços funcionam, com o seguinte horário :

Das segundas às sextas-feiras
Das 10,00 às 12,00 horas
Das 15,00 às 17,00 horas,

na RUA DA JUNQUEIRA, 2—LISBOA
Telefones 638242 - 638658

Manuela Morgado no Porto

PORTO, 17 — O secretário de Estado do Tesouro, dr.ª Maria Manuela Morgado, acompanhado dos subscretários do Tesouro e das Finanças, drs. Consiglieri Pedroso e Eurico Nunes, reuniram ontem, no Porto com elementos da Banca para estudo de problemas ligados à divulgação dos contratos de viabilização das empresas. Idênticas reuniões tiveram já lugar em Lisboa na passada semana. Entretanto hoje, ao fim da manhã, teve lugar uma reunião com a Imprensa, sobre estes mesmos contratos de viabilização, promovida pelo Banco Português do Atalântico.



ACIDENTE NA INFANTE SANTO

Inquérito iliba motorista e Carris

O Ministério dos Transportes e Comunicações tornou públicos os resultados do inquérito efectuado a propósito do acidente de 8 de Fevereiro passado com um autocarro transportando alunos dos Maristas que se despenhou do viaduto que atravessa a Avenida Infante Santo.

A nota começa por recordar os factos, lembrando que durante o incidente o veículo derrubou numa extensão de 10,70 metros o muro de resguardo do acesso para a Avenida Infante Santo, na qual de seguida se precipitou, voltando-se de rodas para o ar, com as colunas que suportam o tejadilho encurvadas de modo que este ficou apoiado nas costas de alguns bancos. No incidente duas crianças saíram ilesas e outras nove sofreram ferimentos tendo entretanto regressado a suas casas.

Não foi possível, segundo o inquérito, proceder à reconstituição completa do acidente. No entanto foram formuladas duas conclusões: por um lado «não havia qualquer defeito no autocarro que pudesse estar na origem do acidente»; por outro o motorista é «um profissional competente e cuidadoso». A Carris, embora «ilibada de qualquer responsabilidade moral», suporta «os encargos resultantes da assistência aos sinistrados, através do seu seguro».

A nota refere ainda o «conjunto de circunstâncias fortuitas a que não pode opor-se e a conveniente solidez de um muro de resguardo, tendo-se já registado, antes deste acidente, a queda na Avenida Infante Santo de algumas pedras do parapeito devido a encosto de um outro veículo».

Expulsos da Holanda por falta de documentos

Dois pedreiros algarvios foram expulsos da Holanda depois de terem passado três dias e três noites presos em Roterdão por não possíram documentos que os autorizassem a trabalhar naquele país.

Os dois jovens, Joaquim Isidoro Saramago Almeida, de 23 anos, e Bartolomeu Mourinho Martins, de 27 anos, passaram a noite no Governo Civil de Lisboa por falta de boleia para as suas terras natais, Olhão e Loulé, respectivamente.

Os jovens começaram por ganhar a vida trabalhando na limpeza de barcos quando, na quinta-feira passada, apareceu a polícia na pensão onde se encontravam hospedados, tendo-se seguido a prisão por falta de documentos.

No domingo de manhã uma furgoneta da polícia transportou-os ao aeroporto de Amesterdão, donde seguiram para Lisboa. Cansados da boleia que não chegava para o Algarve, acabaram por se dirigir à esquadra mais próxima e dali para o Governo Civil, onde passaram a noite.

Informação e questões sociais

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, a 33.ª sessão dos Seminários de Jornalismo que estão a decorrer na Escola Superior de Meios de Comunicação Social (Avenida da República, 25, 1.º dto.).

É tema, seguido de debate, «A Informação perante as questões sociais». Participam Sérgio Ribeiro, Maria Carrilho, Luísa Maria Simões Raposo, Rodrigues da Silva, Vicente Jorge Silva e António Mendes.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

DIRIGENTE SINDICAL DESPEDIDO

As forças saudosistas do passado de miséria e opressão jogam, agora mais do que nunca, no retrocesso ao 24 de Abril.

Variadas são as formas de que se revestem os ataques às conquistas democráticas do processo revolucionário e aos interesses dos trabalhadores.

Minar as instituições de Abril e destruir as organizações populares é a orientação seguida para alcançar o objectivo pretendido pelos inimigos da liberdade.

Acorrentar os Sindicatos aos interesses do patronato, fazendo deles correia de transmissão da sua vontade, é condição necessária para impedir os trabalhadores de reivindicarem justas condições de vida.

Perseguindo e reprimindo os Dirigentes e Delegados Sindicais, no desempenho da sua actividade, as forças reaccionárias, pretendem acabar com a grande conquista dos trabalhadores, que é um Movimento Sindical forte e coeso na defesa dos seus interesses.

É exactamente nesta linha, que se insere o despedimento do nosso Dirigente Sindical, EGAS SOEIRO, pela firma «Sustelos, Lda.».

Iniciado com uma farsa de processo disciplinar, que contrariou as normas legais em vigor, e tendo como motivo a resposta, em tom de brincadeira, a uma PROVOCAÇÃO da filha do sócio gerente, este despedimento vem na sequência da actividade sindical desenvolvida dentro da empresa.

O carácter repressivo e de «Caça às Bruxas» deste despedimento é acentuado pela tentativa de isolamento de que foi alvo o dirigente sindical, tendo chegado ao ponto de se proibirem os seus colegas de com ele contactarem.

Não agradou certamente a alguém que os trabalhadores fossem informados das irregularidades praticadas, bem como dos direitos que lhes assistiam, daí que se tente expulsar o «estorvo».

Uma entidade patronal que não cumpre um mínimo das obrigações legais e contratuais para com os seus trabalhadores, comportando-se como autêntico cacique, como poderá ter autoridade moral para proceder a um despedimento deste género?

Naturalmente que lutaremos pela readmissão do nosso dirigente sindical, EGAS SOEIRO, alertando desde já as entidades oficiais para o efeito.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS!
PELA DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES!
POR SINDICATOS FORTES E COESOS!

Setúbal, 12/5/77

Pel'A DIRECÇÃO
(Assin. ilegível)

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado. O vento era fraco ou moderado de Noroeste e caíam aguaceiros nas regiões do Norte e Centro.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 28,6°
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 2,5°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, tornando-se pouco nublado a partir da madrugada. Vento moderado de Norte. Aguaceiros pouco frequentes nas regiões a Norte do Rio Tejo. Neblinas matinais no litoral de Oeste a Norte do Cabo da Roca.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	10°
PORTO	12°
PENHAS DOURADAS	8°
COIMBRA	12°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	14°
ÉVORA	11°
SAGRES	14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.35	3,9 m	8.05	1,2 m
14.54	3,9 m	20.26	1,1 m
Dia 18			
3.12	3,9 m	8.37	1,1 m
15.30	4,0 m	20.59	1,1 m
Dia 19			
3.48	3,8 m	9.10	1.1 m
16.04	3,9 m	21.33	1,1 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.23
OCASO AS 20.44

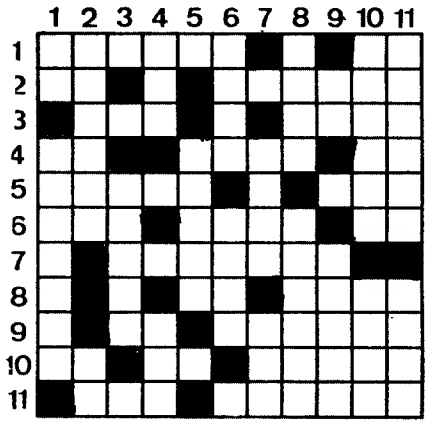
Dia 18 Dia 26 Dia 1 Dia 8

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11744

HORIZONTAIS

1 Notempo em que. Artigo definido. Reis.
2 Senhor Papelão.
3 Víscera dupla. Comilão.
4 Gálio (s.q.). Merecimento. Sufixo que designa estado.
5 Animal da classe dos acarídeos Guarneça de asas.
6 Pêlos de certos animais. Esteiros. Alteza Sereníssima.
7 Equiparam
8 Érbio (s.q.). Sepultura.
9 Artigo definido. Afies.
10 Aparência O mesmo que uma (ant e pop.). Mulher que compra e vende roupas usadas.
11 Duna na Suécia. Urdes.



VERTICAIS

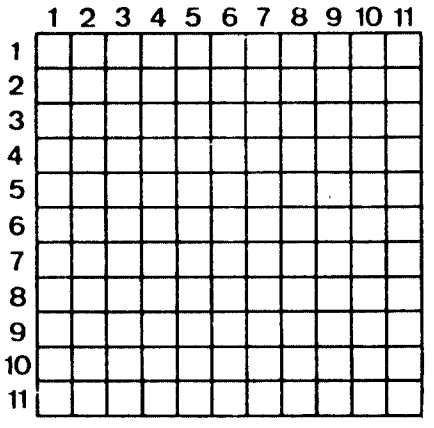
1 Quantum satis. Ave galinácea.
2 O mesmo que pega (ave) Batráquio.
3 Guarnecera de asas.
4 Também não. Eia!
5 Adormece. Artigo definido.
6 Lazer. Palmeira da Amazónia.
7 Maquinismo para tecer. Igual.
8 Apre! Exportação
9 Basta. Habitem.
10 Pessoa astuta (fig.). Nau.
11 Apelido. Pegas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7804

HORIZONTAIS

1 Aqui. Amónio (s.q.). Querida.
2 Língua indo-europeia do grupo irânico, usada na Pérsia sob os últimos reis sassânidas. Observam.
3 Reparar.
4 Triturarias.
5 Preposição. Raer. O mais.
6 Descarnada. Tolero.
7 Vai para fora. Zombar.
8 Arremessa. Cesta de pèssegos.
9 Gigante. Caruma.
10 Nome de letra. Pronome possessivo. Monarca.
11 Cidade de Itália. Engulo (pop.).



VERTICAIS:

1 Compare. Caminha para cá. Prendem.
2 Rio da Suiça. Resmunga.
3 Coisa (ant.). Pífaros.
4 Tosto. Escarnecerá.
5 Causara. Basta.
6 Medida de superfície. Pronome pessoal.
7 Consentira. Prata (s.q.).
8 Vila e concelho do distrito de Évora. Após.
9 Prendes. Gritara (fig.).
10 Oferecer. Encostem.
11 Amónio (s.q). Para barlavento. Um dos estados da América do Norte.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11743

HORIZONTAIS

1 Armar. Lapas.
2 QUEM. COME
3 Um Posta. Or.
4 Rau. Em La.
5 Me. Amas.
6 Lia. Res.
7 Miraras.
8 Os. Secam. Ar.
9 Rim. Mós. Ari.
10 Meada. Petén.
11 Lar. Aramá.

VERTICAIS

1 Aquém. DORME.
2 Rum. El. Ste.
3 Me. Im. Mal
4 Amparais. Dá.
5 Ou. Remar.
6 Ps. Traço.
7 Te. Raspa.
8 Acamaram. Er.
9 Pó. Mês. Ata.
10 Amolas. Arem.
11 Serás. Trina.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7803

HORIZONTAIS:

1 Arrumar.
2 Am. Saras. Ca.
3 Rir. Mar. Bar.
4 Doiro. AT. Ré.
5 Alves. Ornas.
6 Bao.
7 Lar. Ems.
8 Es. Norte. Dá.
9 Lenha. Anhos.
10 Irão. Tais.
11 Massa. Cessa.

VERTICAIS:

1 Carda. Selim.
2 Miolo. Será
3 Rival. Nas.
4 Rs. Rebanhos.
5 Ramos. Roa.
6 Ura.
7 Marão. Eta.
8 AS. Tremente.
9 Has.
10 Caras. Dois.
11 Sares. Passa.

PROVÉRBIO: QUEM COME, DORME

farmácias de serviço

LISBOA

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-A-B Tel. 780511.
ANTUNES ROSAS — P.ª Cidade do Luso, lote 199 Tel. 313610.
ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74. Tel. 866360.
BASTOS ANDRADE — C.º Santo André, 107-111. Tel. 860450.
BOTÂNICA — Rua Junqueira, 38-40. Tel. 638132.
CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C Tel. 897958
CASTRO — Av. Almirante Reis, 76-A Tel. 821973.
CASTRO FONSECA — Rua 4 da Infantaria, 28-A Tel. 688357
CONCEIÇÃO — C.ª D. Gastão, 30 32 Tel. 381279.
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A Tel. 843571.
FERNANDES — R. de S. João, 187 Tel. 326476.
FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22 Tel. 44995.

HIGIENICA — Rua Heliodoro Salgado, 20-A Tel. 844361.
IBÉRIA — Rua Barão de Saborosa, 235-A (à Alameda). Tel. 728277.
IMPERIAL — Av. Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 726860.
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A Tel. 703393.
MIRANDA — Campo Pequeno, 36 B-C Tel. 770776.
MOURA — Trav. da Memória, 55. Tel. 630944.
OLIVEIRA — Rua da Prata, 240 Tel. 321415.
PAIVAS E PARENTE — Rua de Santo António à Estrela, 96 Tel. 665196.
PATULEIA, H.ºs — Al m. Linhas de Torres, 262-B Tel. 790332.
RUALTO LDA — Rua Alto do Carvalhão, 5 A-B Tel. 651721.
S. BENTO — Rua Poiais de S. Bento, 73 Tel. 601673.
S. JOÃO DE DEUS — Rua Pedro Ivo, 1 A-B Tel. 725140.
UNIVERSAL — R. Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158.

Permanente

ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74 Tel. 866360.
BOTÂNICA — Rua da Junqueira, 38-40 Tel. 638132.
CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C Tel. 897958.
CASTRO — Av. Almirante Reis, 76-A Tel. 821973.
CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-A Tel. 688857
MIRANDA — Campo Pequeno, 36-B-C Tel. 770776.
ANTUNES ROSA — P.ª Cidade do Luso, lote 199 Tel. 313610.
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393.
PATULEIA; H.ºs — Alameda Linhas de Torres, 262-B Tel. 790332.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 2112048)
ALCABIDECHE
Carvalho Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos. Até às 21 horas
CAXIAS
Nova, R. Bernadim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839) Até às 24 e das 0 às 9 horas
CARCAVELOS
Central Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085) Até às 21 horas
NOVA OEIRAS
Leal Até às 21 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204) Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAREDE
Junqueiro, Mendes Até às 21 horas
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Telef. 263052) Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira (Telefs. 262313-267314). Até às 21 horas
CASCAIS
Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407) Até às 21 horas
Misericórdia, R. Regimento, 19, 41 (Telef. 280141) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019) Serviço Permanente
Fiama, R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485) Até às 22 horas
Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149) Até às 22 horas
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)
MERCÊS
Claro Russo
QUELUZ
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (Telef. 2930058)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Telef. 2040302)
BARREIRO
Piçarra, Av. do Bocage, 65-A (Telef. 2074771)
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º-Piso E (Telef. 2768030)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471)
SETÚBAL
Alice P. do Quebedo (Telef. 23743) Serviço permanente
Soromenho, R. Machado Santos, 124 (Telef. 22691) Até às 22 horas
Mira Até às 22 horas
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218550)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

BOAVISTA — Rua da Boavista, 601, Tel. 25443.
COSME — Rua de Costa Cabral 584 Tel. 481511.
S. DINIS — Rua de D. Dinis, 428 Tel. 482281.
SOEIRO — Rua de Santos Pousada, 71 Tel. 51370.
VITÁLIA — Praça da Liberdade, 34 Tel. 24133.
ANTUNES — Rua do Bonjardim, 485 Tel. 27936.
PEREIRO — Rua da Preciosa, 35 Tel. 681027

(De dia e toda a noite)

NACIONAL — Rua Senhora da Luz, 166 Foz Tel. 680833.
ALBERTO FERREIRA — Rua da Estação, 100 Tel. 51302.
ANTERO DE QUENTAL — Rua Antero de Quental, 520 Tel. 485048.
HERCULANO — Rua Alexandre Herculano, 384 Tel. 27943.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SANTA ISABEL — Av. Sá da Bandeira, 28 Tel. 24916.

cinemas

ALVALADE

Tel 897480 — 15.30, 18.30 e 21.30

Billy dee Williams/ Richard Pryor em
UNIDOS PARA VINGAR
Um filme de Sidney J. Furie
Int. a menores de 18 anos

APOLO 70

Tel. 763319 — 14.15, 17.45 e 21.15

N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
12.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick
As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos
POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES

AVIS

Tel. 47163 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
AS AMAZONAS
Acção e espectáculo

BERNA

Tel. 776098

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h
Não acons. men. 13 anos
JESUS CRISTO SUPERSTAR
em 42.ª semana
um filme de Norman Jewison

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 796093

14, 16.30, 19 21.30
Para todos
Clássicos do Cinema Americano
TEMPOS MODERNOS
c/ Charles Chaplin

CASTIL

Tel 630194 — Às 15, 17, 19, 21.15h

Tecnicolor
UM CASAL EM APUROS
Sydne Rome/António Sequeiras
Um filme de
Pasquale Festa Campanile
Interd. m/ 18 anos
3.ª Semana

CONDES

Tel. 322523 — 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos
UM HOMEM NA SOMBRA
c/Alain Delon

EDEN

Tel. 320768 — 14, 16.30, 19 e 21.30

Olivia Pascal - Anthony Diffring em
VANESSA
um filme de Hubert Frank
Interdito a men. de 18 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.30

Int. men 18 anos
DESAFIO A CORAGEM
4.ª semana
um filme de Karl Karlsson

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — Estreia às 21.15

DUELO NA ILHA
com Romy Schneider

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos
Franco Nero Umberto Orsini, Vittorio de Sica
MORTE DE UM DEPUTADO
(Giacomo Matteotti)
Um filme de Florestano Vancini

LONDRES

Tel. 801313 — 14.15, 18.30 e 21.15

A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS
c/ Liza Minnelli

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.15, 21.30

Int. a men. 18 anos
TAXI DRIVER
Palma de ouro Grande Prémio Festival de Cannes
4.ª semana

NIMAS

Tel. 574362 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati
À Meia-Noite
OS DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
(Para m/ 10 anos)

ODEON

Tel. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men 18 anos
Acção e espectáculo
AS AMAZONAS

PATHÉ

Tel. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Int. men. 18 anos
OS PRAZERES DISCRETOS DA ALTA RODA
(MOLLY)
Em 2.ª semana

POLITEAMA

Tel. 326305 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos
O MAIS QUENTE ESPECTÁCULO DO MUNDO!
em 3.ª semana
O único circo sexy do Mundo

RESTELO

Tel. 610375 — 21.15 (Para todos)

O CORSÁRIO NEGRO
Em 7.ª Semana

ROMA

Tel. 727778 — Estreia às 21.15

Não acons. a M/12 anos
Baseado no romance de Gustave Flaubert
MADAME BOVARY
Com Edwige Fenech

ROXY

Tel. 48560 — 14.15, 17.45, 21.30

Da India uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
8.ª semana
Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153/4 — 15.15, 18.15 e 21.15

Faye Dunaway/ Peter Finch/ William Holden
NETWORK «ESCÂNDALO NA TV»
4 «Oscars»/ 4 Globos de Ouro

STADIUM (Algés)

Tel. 2112544 — 15.30 e 21.30

(M/ 18 anos)
O CASTELO DOS MALDORAIS
Às 18 h
A NAVE DOS LOUCOS
Não acons. a menos de 18 anos
Guarda de crianças durante as sessões

TIVOLI

Tel. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15 h

2.ª semana
1930 1950
Toda a magia de Hollywood no mais espectacular musical de sempre!
HOLLYWOOD HOLLYWOOD
PARA TODOS

UNIVERSAL

Tel. 774402 — 15, 18 e 21

Int. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
um filme de Liliana Cavani
Sexta e Sabado as 24 h
O PORTEIRO DA NOITE

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — Às 21.15

Grupo C (14 anos)
007 ORDEM PARA MATAR

15.15, 18.15 e 21.15
Para todos. Bilhetes 5$00
Ciclo: História do Cinema Francês
Capítulo III: Nascimento do Sonoro (1928/1930)
Capítulo IV: Os Primeiros Clássicos do Sonoro Francês

espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70 (13 anos)
«Barraca Conta Tiradentes»
ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Paródia»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»

LISBOA/Cinemas

ARCO
21.30 (10 anos)
«Hello Dolly»
RESTELO
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»
CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Iniciação de Flossie»
OLÍMPIA
Sessões continuas (18 anos)
«Êxtase Sexual de Macumba»
CINE AUDITÓRIO
21.15 (14 anos)
«O Revólver»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Pedido de Divórcio»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Os Grandes Calores»
MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«O Bom e os Maus»
EUROPA
21.15 (13 anos)
«Ben-Hur»
CINEARTE
21.15 (13 anos)
«Os Guerrilheiros»
PARIS
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Brigada Feminina»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Ternuras da Vida Conjugal»
CALEIDOSCÓPIO
21.15 (6 anos)
«Tempos Modernos»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Piscina»
VOX
21.15 (13 anos)
«Network Escândalo na TV»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«A Nave dos Loucos»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Tango e Chama Sangrenta»
ESTORIL
Casino
1.00 e 21.15 (18 anos)
«A Agressão»
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«A Justiça de Mulher»
CASCAIS
Cine-Teatro S. José
21.15 (14 anos)
«Barril de Pólvora»
CASCAIS
Oxford
16 e 21.30 (18 anos)
«A Filha do Guarda da Passagem de Nível»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Os Maluco em Espanha»
AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Moisés o Profeta»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (6 anos)
«O Peito ou a Perna»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«A Sede de Sangue do Ídolo Negro»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«O 3.º Homem»
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Pecado Servi-se Quente»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Mr Majestik»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»
SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Coxas Quentes»
TEATRO DOS MODESTOS
21.45 (13 anos)
«A Ilha dos Escravos»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Duelo no Missouri»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«O Bom e os Maus»
OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Partidas Dobradas»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Julie»
PASSOS MANUEL
21.30 (10 anos)
«O Relojoeiro»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«O Justiceiro do Meio Dia»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (18 anos)
«Os Sete Golpes do Dragão»
S. JOÃO
21.00 (6 anos)
«Hollywood, Hollywood»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«O Último Tango em Acapulco»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Os Homens do Presidente»
JULIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Decameron Interdito»
SALA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Malone»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Professora de Ciências Naturais»

COIMBRA

S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Dois Vultos na Paisagem»
A ENIDA
21.15 (18 anos)
«Aquele Governante»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Dragão de Ouro»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O Importante é Amar»

rádio

I PROGRAMA

16.00 Noticiário — musiváriа; **17.00** Música Portuguesa; **18.00** Música Variada; **18.10** Hoje respondemos por Música, por António Vitorino de Almeida Música Variada; **19.00** «Poemas e Poetas» Música Variada; **20.00** «Jornal da Noite»; **20.30** Melodias; **21.00** 16.º episodio do folhetim «Os Emigrados», de Judite Navarro; **21.15** «Contraponto»; **24.00** «Último Jornal»; **00.30** Vozes na Noite; **01.00** «Música na noite»

3.º Programa - Nacional e Regional (290m)

16.00 «Variante» (continuação); **16.10** Casos ao acaso por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.20** Disco rendo por Mário Martins; **17.10** Prevenção e saúde, pelo Dr. Sousa Pereira (repetição); **18.00** «Contacto»; **18.20** Titulos de 1.ª página; **18.30** Actualidade; **18.45** Fórmula 1; **19.05** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15** Antologia; **20.30** Pesquisa; **21.00** A música e as vozes; **21.30** Quando o telefone toca; **23.03** «No turno»; **23.06** Novas de Alegria; **24.00** «Noturno» (continuação); **00.15** «Dia a dia com o passado»

3.º Programa - Local (187,5m)

18.00 «Entardecer»; **18.15** Sal e pimenta (repetição); **20.15** Música e poesia; **21.00** Fecho

4.º Programa - Emissão Total em Estereofonia

19.00 «Em Órbita»; **2.00** Programa da noite; **22.00** «Auditório»; **24.00** «Prisma»

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário; **16.05** Sequência da tarde; **18.08** Apelos; **18.15** Igreja em Notícia - Palavra do Dia; **18.30** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **10.00** Programa a cada Liga dos Amigos da RR; **20.00** Objectivo; **20.55** Apelos, **21.05** Pentagrama; **21.30** Ao Encontro da Grande Música; **22.00** Quando o telefone toca; **22.30** Temas Vivos; **23.05** Última Hora; **23.15** Apontamento sobre os meios de comunicação social; **23.30** Dicionário de Economia; **23.55** Meditando - No final, actualidade internacional, Voz da America; **01.00** Rotação; **02.00** Encerramento da Estação

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

PORTUGAL-ISRAEL

Países árabes reagem ao estabelecimento de relações diplomáticas

O Egipto pediu à Liga Arabe um esforço colectivo para persuadir Portugal a adiar a passagem da sua representação em Israel de consulado para embaixada.

Esta reacção dos países árabes, já esperada depois da iniciativa dos Governos de Portugal e de Israel de estabelecerem relações ao nível de embaixador, mereceu do Ministério português dos Negócios Estrangeiros a afirmação de que aquela decisão «era irreversível».

O Ministério desmentiu também à ANOP que até agora se tenha registado alguma actividade dos representantes diplomáticos dos países árabes em Lisboa. Uma nota do MNE do Egipto afirmava que o embaixador daquele país em Lisboa já tinha entrado em contacto com as autoridades portuguesas, para lhes dar conta do desagrado com que o seu país via a atitude do nosso país em relação a Israel.

A atitude comum a tomar face a Portugal pelos países árabes será discutida na próxima reunião do Conselho da Liga Árabe, segundo afirmou o assistente do secretário-geral da Liga, Sayed Nofal. O mesmo funcionário declarou ainda que considerava estranho que Portugal adoptasse tal decisão, depois de os países árabes estabelecerem relações diplomáticas com Portugal quando este país abandonou as suas políticas imperialistas.

Recorde-se que autoridades israelitas repetidamente afirmaram que Portugal não devia temer as reacções dos países árabes quando fossem estabelecidas as relações com Israel ao nível de embaixada.

Ministro luxemburguês em Lisboa

Em visita oficial chegou hoje a Lisboa o ministro do Trabalho, Família e Segurança Social do Luxemburgo, Bernard Berg.

Durante a sua estadia no nosso país, que se prolongará até ao próximo dia 21, aquele ministro terá oportunidade de assinar um acordo complementar que altera a convenção social entre os dois países e será ainda recebido pelo Presidente da República, Primeiro Ministro e ministros dos Negócios Estrangeiros.

Parlamentares na Bulgária

. Partiu ontem de manhã para a Bulgária uma delegação da Assembleia da República, que se desloca àquele país a convite das respectivas autoridades.

A delegação dos parlamentares portugueses é presidida pelo vice-presidente da Assembleia da República e deputado do Partido Socialista, António Arnaut.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
EM ABRIL: 46 345
(Hoje: 24 páginas)

ONTEM FOI DIA DE VIOLÊNCIA EM LISBOA

Um morto inocente oito mil contos roubados marginais em fuga

. Um dia de violência na cidade de Lisboa e seus arredores é o menos que pode dizer-se dos eventos tornados públicos pelas autoridades e que podem sintetizar-se no seguinte: oito mil contos roubados à mão armada da Fazenda Pública de Oeiras; um assalto, também à mão armada, a um supermercado de Linda-a-Velha; um morto inocente que caiu varado pelas balas da Polícia devido à confusão entre um «3» e um «5» na matrícula do automóvel; tiroteio na península de Tróia entre a Polícia Marítima e condutores de camionetas suspeitas de contrabando; tiroteio na Estrada Marginal sobre uma viatura civil, estando ainda por saber-se quem foram os autores.

O assalto à Tesouraria da Fazenda de Oeiras foi perpetrado por seis indivíduos mascarados e armados que levaram consigo oito mil contos destinados ao pagamento de pensões de reforma e despesas de vários ministérios. Os assaltantes conheciam o esquema de pagamentos pois são poucos os dias do mês em que quantia tão avultada se encontra nos cofres da Tesouraria.

Entrar (de gorro puxado sobre a cabeça e a cara), dominar os funcionários e quatro contribuintes que se encontravam na repartição a fazer pagamentos foi obra de um instante. Eram 15 e 15 e os assaltantes escaparam-se pelo Marginal, a bordo de uma furgoneta «Volkswagen» de cor azul-metálica, de matrícula falsa.

Na península de Tróia, junto ao Cais da Marinha, madrugada de ontem também foi muito agitada. Elementos da Polícia Marítima tentaram interceptar algumas camionetas suspeitas. Segundo comunicado emitido pelo Estado-Maior da Armada, o agente da Polícia Marítima intimou as camionetas a parar, disparando tiros de aviso.

Os ocupantes das camionetas responderam com fogo de armas automáticas e feriram gravemente o agente da PM. «Não foi possível apreender qualquer viatura», diz o EMA e o agente da Polícia Marítima já não corre perigo de vida. Suspeita-se que se trate de um caso importante de contrabando.

A questão de Linda-a-Velha começou com a entrada de três malfeitores armados de pistola-metralhadora, pistola de guerra e caçadeira de canos serrados, num supermercado e com o furto de 30 contos nas caixas registadoras.

Comunicado o assalto, foi alertada a Polícia de serviço na área de Monsanto e iniciada uma operação de controlo na tentativa de apanhar os assaltantes que se deslocavam num carro de matrícula DN-55-24. O suceder dos acontecimentos é demasiado intrincado para se poder fazer luz sobre o resultado trágico com que se saldou: um morto inocente, o advogado Fitz Augusto Neves Quintela, de 36 anos de idade.

Daí que transcrevamos a versão dos acontecimentos tal como é feita num comunicado emitido pelo Governo Civil de Lisboa:

«Um dos carros empenhados na operação, e que circulava na zona de Monsanto, cruzou-se com a viatura DN-53-24.»

«Tendo dificuldades em fazer rápida inversão de marcha para iniciar a perseguição, um dos agentes da tripulação, abandonou o carro patrulha, e fez sinal de paragem a um carro particular, no qual entrou e que circulava na direcção para onde o outro se dirigia.»

. «Iniciada a perseguição, e aproximando-se, segundo a versão do guarda interveniente, único testemunho até ao momento disponível, o agente fez vários sinais de paragem ao carro perseguido, que não terá obedecido, pelo que disparou tiros de intimidação e depois procurou inutilizar a viatura, o que sucedeu, por esvaziamento de um pneu. Entretanto, dos tiros disparados, um atingiu gravemente o condutor da viatura, que posteriormente veio a falecer no hospital.»

. «O guarda interveniente, terá confundido a matrícula das viaturas para o que terá contribuído a semelhança da mesma e a notícia antes referida de o carro dos assaltantes circular naquela zona.»

. Ontem também, às 16 horas, na Estrada Marginal seguiam numa viatura particular dois cidadãos, um de nome Rui Fernando, que conduzia.

No Estoril, junto dos semáforos, pararam ao sinal vermelho. Na sua traseira estava outro carro que inicia uma algazarra de buzinadelas. Arrancam ambos e o carro de trás, depois de fazer uma ultrapassagem, vai deter-se frente ao automóvel conduzido pelo Rui Fernando. Começam as ameaças de agressão. Voltam a arrancar mas desta feita os provocadores iniciam uma corrida de zigue-zagues. Voltam a parar, renovam as ameaças, desta vez misturadas com socos no «capot» do automóvel.

O Rui Fernando, face ao sucedido e muito provavelmente assustado, desvia-se para uma rua vizinha onde o seu carro é alvejado por dois tiros de pistola de calibre 6,35. Os alvejantes fugiram, entretanto (era pleno dia e em pleno Estoril), os alvejados apresentaram queixa às autoridades e começaram diligências no sentido de serem identificados.

Queixas da CAP em Lisboa

. «Ao fim de tres anos desta Reforma Agrária atingimos uma produção de trigo só comparável à de 1915. A esta cadência, atrasando 62 anos em cada três, dentro de cerca de 36 anos estaremos, não na CEE, mas aí por alturas do Condado Portugalense». Com estas afirmações, dignas de figurarem numa publicação humorística, inicia-se o texto, distribuído na última conferência de Imprensa da CAP, que teve lugar esta manhã em Lisboa.

Depois da leitura por Manuel Rebocho do documento, no qual se pretende dar uma imagem do Alentejo e da Reforma Agrária completamente catrastófica, em que a produção cerealífera e pecuária baixaram como nunca, os porta-vozes da CAP sublinham ainda que «é preciso dizer o que o MAP não disse». Ora de vez em quando as suas observações e análises coincidem com o MAP; noutras há umas leves divergências, com possibilidades de serem corrigidas. A propósito da nova lei da Reforma Agrária, preparada pelo ministro Barreto, o sr. Casqueiro acha que «sim, que o projecto tem aspectos bastantes positivos». Está de acordo com o «espírito geral» da nova lei, porque ela traz grandes alterações. No entanto discorda «das diferenças que surgem de região para região no respeitante à pontuação».

No seu documento a CAP manifesta-se preocupada pelo facto de o valor da produção nos três distritos (segundo os números da CAP) alentejanos ser de 773.000 contos, o que dá para pagar os salários de cerca de 11.000 trabalhadores. «Quem pagará aos restantes 100 mil trabalhadores que havia em 1972 nestes distritos mais os 50 mil postos de trabalho inventados pelo PCP?» — pergunta a CAP.

Muito preocupados os agrários da CAP com o salários dos trabalhadores rurais! No entanto, anos atrás, quando «os matavam à fome» ou os obrigavam a emigrar, quando não criavam tal riqueza (pelo menos para dar postos de trabalho) de que tanto agora falam, utilizavam um tipo de linguagem diferente. Outro dos «cavalos de batalha» da CAP é a entrada de Portugal na CEE. Mas para isso tem de se optar por uma agricultura baseada na iniciativa privada e não no colectivismo da terra.

Participaram na conferência de Imprensa José Manuel Casqueiro, Henrique Mira Corôa (Beja) João Gordo Mendes, Francisco Moura de (Portalegre), Manuel Rebocho (Évora) e Brites Inverno (Ribatejo).

L.F.

Vice-procurador da República

Toma hoje posse do cargo de vice-procurador-geral da República o dr. Pedro de Lemos e Sousa Macedo.

A cerimónia tem lugar na Procuradoria, às 15 e 30, e será presidida pelo conselheiro Arala Chaves, recentemente empossado no carto de procurador-geral da República.

MONSIGNORE
JACK-ALAIN LÉGER

No cenário da Cidade Eterna e dos velhos corredores do Vaticano, um romance explosivo, onde sob o manto diáfano dos petrodólares se enfrentam, cruzam e enleiam príncipes da Igreja e banqueiros, emires árabes e *call-girls*, cardeais e *play-boys*.

Um livro escaldante onde qualquer semelhança entre as personagens de Alain Léger e a realidade nem sempre é pura coincidência.

colecção
AUTORES
UNIVERSAIS

série
monumental

Financiamentos para Sines

. Uma delegação do Gabinete da Área de Sines, GAS, composta pelos seus director e subdirector, eng.º Ferro Gomes e dr. Alexandre Braga, respectivamente, encontra-se hoje em Londres, para assinar um contrato de financiamento no valor de 50 milhões de dólares, para empreendimentos no Complexo.

O contrato é com um consórcio liderado pela Dillon Read Overseas Corporation e o financiamento é em «floating rate notes» (letras de câmbio flutuante). O empréstimo terá uma duração de cinco anos. Lembra o GAS que este tipo de operação (semelhante aos «eurobonds» — eurotítulos — mas, com características algo diferentes), é a primeira vez que se pratica em Portugal.

A título informativo, os «managers» do grupo que financia a operação cujos termos vão ser filmados hoje na capital britânica: Dillon Overseas Corporation, Algemene Bank Nedealand N.V., Banking, Company Limited,, Amex Bank Limited, Berliner Handels und Brankfurter e Orion Bank Limited.

LISBOA E MADRID DE ACORDO

Quatro fronteiras abertas 24 horas no próximo Verão

Portugal e Espanha estudam a possibilidade de funcionamento permanente dos postos fronteiriços de Valença do Minho, Vilar Formoso, Caia e Vila Real de Santo António no próximo Verão — revelaram ontem, o tenente-coronel Costa Brás e o seu homólogo espanhol Rodolfo Martin Villa este último deslocou-se ao nosso país para trate questões relacionadas com a segurança interna dos dois países e do processo eleitoral espanhol que decorrerá dentro de semanas.

De harmonia com as declarações dos dois ministros, a medida destina-se a obstar, provavelmente já em Julho, e também em Ahosto e Setembro, ao habitual congestionamento de turistas e emigrantes que nessa altura do ano procurar entrar ou sair de Portugal. A supressão de passaportes entre os dois países é também hipótese para breve. Sobre esse aspecto Martin Villa acentuou não existirem «dificuldades intransponíveis de natureza política, mas talvez de tipo aduaneiro ou fiscal». Referiu o ministro espanhol da Governação que as únicas dificuldades que subsistem são de natureza técnica, chamando a atenção para o facto de o sistema de documentação de identidade espanhola ser passível de viciação.

. O Pacto Ibérico, questão que normalmente é debatida nos encontros entre representantes governamentais de Espanha e Porgugal, não esteve na agenda das conversações travadas entre Martin Villa e Costa Brás — revelou ao repórter do «DL» aquele ministro, que a propósito da DGS espanhola, ainda em resposta a uma outra questão que lhe foi formulada à saída de S. Bento, considerou aquela organização policial «um corpo de ordem pública» reformulado em função da nova realidade do seu país. Quanto aos presos políticos espanhóis, Martin Villa acentuou que o seu número é presentemente de 26, dos quais 18 foram já condenados. Um deles, ainda segundo o ministro do Interior de Espanha, estava condenado à morte e viu a sua pena comutada.

draivimpe
é isto e mais
aquilo e não só

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 15/77

Terça-feira, 17 de Maio de 1977

CONSELHO DA EUROPA: Uma instituição com um papel político limitado

URUGUAI: Um testemunho sobre a repressão

VIETNAME: Dois anos depois

FIGURA EM DESTAQUE: Dolores Ibarruri (La Passionária)

SARA OCIDENTAL: A Mauritânia em perigo

RODÉSIA

A última cartada

POUCO DEMAIS TARDE DEMAIS

■ **Jean-Claude Pomonti**

□ **LE MONDE**

. SALISBÚRIA. — **Too little, too late.** (Pouco de mais e tarde de mais). Pat Bashford, presidente do Partido do Centro não foi o único a comentar deste modo as primeiras medidas anunciadas a 23 de Fevereiro por Ian Smith contra a discriminação. O primeiro-ministro rodesiano já declarara, a 24 de Setembro último, que concordava com a subida da maioria ao Poder num espaço de dois anos. Os princípios em que os colonos rebeldes à

Muzorewa

maioria basearam a independência unilateral da Rodésia quebraram-se pois em cacos. No entanto, as decisões tomadas parecem tardias e tímidas.

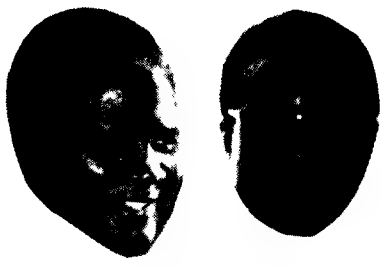
Nas últimas semanas, Smith multiplicou as declarações de intenção.

Após o fracasso da Conferência de Genebra, ele tenciona organizar um referendo no qual todos os dirigentes africanos poderão, em princípio, participar. O seu projecto dirige-se também, assegurou a 17 de Fevereiro, aos líderes da Frente Patriótica, Robert Mugabe e Joshua Nkomo. Acrescentou, no entanto, que era inútil discutir com **aqueles que estão associados ao terrorismo**. Assegura, no entanto, que seguirá o **Plano Kissinger**, que prevê a transferência do Poder para a maioria, num espaço de dois anos.

Já foram consentidos alguns gestos de alcance desigual. A pena de dez anos de trabalhos forçados infligida a mons. Lamont, bispo católico de Umtali, acusado de não ter comunicado a presença de «terroristas», foi reduzido, para quatro anos de prisão, três deles com pena suspensa pelo Supremo Tribunal. O dr. Gordon Chavundoka, colaborador do bispo Muzorewa, participou num debate televisionado. Prevê-se para Junho de 1977 uma primeira promoção de oficiais africanos. O Governo convidou o conselho municipal de Salisbúria a pôr fim à segregação racial nos «toilettes» públicos. Por fim, e principalmente, o Parlamento foi convidado a acrescentar uma emenda à **Land Ternure Act**, lei sobre a segregação de bens de raiz, votada a 4 de Março, à recta, pelo Parlamento de Salisbúria.

Essa emenda consente que as terras agrícolas **europeias** possam ser propriedade africana. A União Nacional dos Rendeiros e a Associação dos Produtores de Tabaco fizeram saber que aceitavam o «desafio». Este suscitou uma séria crise nas fileiras do partido do Poder, a Frente Rodesiana, e nove deputados abandonaram o comité político e recusaram votar o texto que três deputados africanos conseguiram que fosse adoptado, embora à justa.

Smith teve de adiar a integração racial nas escolas e



Mugabe e Nkomo

hospitais públicos, assim como nos bairros residenciais urbanos.

UMA MARGEM DE MANOBRA

Foi dada ao primeiro-ministro devido à ruptura entre a Frente Patriótica que representa a guerrilha, e o Conselho Nacional Africano Unificado (UANC) do bispo Muzorewa.

Estes senhores administram os países mais ricos do mundo capitalista. Giulio Andreotti (Itália), Takeo Fkuuda (Japão), Valery Giscard d'Estaing (França), James Carter (EUA), Helmut Schmidt (RFA), James Callaghan (Grã-Bretanha)e George Trudeau (Canadá) estavam muito risonhos no início da «Cimeira dos Ricos», que se realizou na residência oficial do primeiro-ministro britânico, no número 10 de Downing Street, em Londres. Depois do encontro em que a «fórmula mágica» para resolver as crises económicas e financeiras e o desemprego do dito «Mundo Ocidental» não foi encontrada

QUINZE MILHÕES DE DESEMPREGADOS

. No seu primeiro encontro «a alto nível», em Rambouillet, os dirigentes dos principais países industriais foram confontados com a crise mais grave da economia do após guerra. Dois anos depois, em Londres, os «grandes deste mundo» encontram-se em face de uma massa de quinze milhões de desempregados. As nações desenvolvidas nunca tiveram de enfrentar um número tão grande.

As jovens gerações são as mais atingidas. Mas as luzes da sociedade de consumo continuam a atraí-los com o seu brilho. Tanto na Europa como na América do Norte, tanto no Japão como na Austrália, o desemprego dos jovens progrediu duas vez mais depressa do que a dos mais velhos. No total, os vinte e quatro países membros da OCDE têm à volta de sete milhões de desempregados de menos de vinte e cinco anos.

Em todo o caso aqui e além principalmente além-Atlântico, há alguns sinais de melhoria. Nessa economia dominante que é a dos Estados Unidos, o número de desempregados ultrapassou o mês passado os noventa milhões, o que aconteceu pela primeira vez desde Abril de 1974. E o desemprego deminuiu, sendo agora de 7 por cento da população activa. Em Maio de 1975 era de 9 por cento.

O vento sopra, portanto, desse lado. Pode pois ser grande, para os outros países, a tentação de pôr os seus destinos nas mãos de Washington. Ora os Estados Unidos contam, antes de mais, com as suas próprias forças, e as firmas americanas fazem uma política de poder a fim de ficarem melhor colocadas no terreno internacional. Apesar das declarações oficiais, a lei do mais forte continua a ser a regra, tanto no domínio económico como fora dele.

Esse «imperativo» conduziu a um endurecimento das mentalidades dos responsáveis pelas empresas. Obcecados pelo ganho de novos mercados, efectuaram principalmente investimentos destinados a melhorar o aparelho de produção e não a dar emprego a novos trabalhadores. A exportação surgiu como uma panaceia, de tal modo que a competição internacional se tornou cada vez mais viva, com todas as suas consequências no emprego.

A repercussão dessa atitude foi a ressurreição da tentação proteccionista. Cada país que quer vender mais, procura, ao mesmo tempo, comprar menos. Estalaram pois conflitos opondo os que se mobilizaram para o assalto, como o Japão, e os outros. A Comunidade europeia acaba pois de prorrogar por três meses o direito anti-«dumping» sobre certas importações japonesas. Dão-se sempre boas razões para explicar decisões deste tipo; o compromisso feito pelos países da OCDE, de manter livre câmbio, não resiste aos interesses nacionais.

Num mundo em que a expansão já não será, de certo, maior do que era, as regras do jogo deviam mudar. Mas como acreditar numa tal mudança? No relatório anual do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, está escrito: «Estamos em presença de um movimento para uma maior reestruturação da economia mundial que tem como objectivo primordial o desenvolvimento, e como força motriz a procura de maior equidade e justiça social». No actual estado das relações de força entre os Estados, por um lado, e entre as multinacionais e os trabalhadores divididos, por outro, esta frase parece corresponder mais a um desejo do que a uma realidade. ●

O CONSELHO DA EUROPA

UMA INSTITUIÇÃO COM UM PAPEL POLÍTICO LIMITADO

JEAN SCHWOEBEL

. O Conselho da Europa, cuja nova sede Giscard d'Estàing inaugurou a 28 de Janeiro, em Estrasburgo, nunca foi a grande instituição que os seus fundadores e a opinão pública esperavam, logo após a II Guerra Mundial, para a realização dos Estados Unidos da Europa, reclamados por Winston Churchill no seu célebre apelo de Zurique, em 1946.

Na realidade, as negociações que conduziram à adopção do seu estatuto, em 1949, revelaram rapidamente as profundas divergências de pontos de vista entre os que, como era o caso dos britânicos, queriam limitar-se ao alargamento da cooperação intergovernamental e os que, como os belgas e os franceses, eram favoráveis a uma assembleia suficientemente representativa para conferir à instituição um certo carácter supranacional. As mesmas divergências opõem ainda hoje os europeus, como o provam as polémicas relativas à eleição do Parlamento europeu (dos Nove) por sufrágio universal. Só que os franceses mudaram de campo...

A Assembleia Consultiva é o primeiro Parlamento europeu e mesmo o primeiro Parlamento internacional da História. Mas não possui qualquer poder legislativo. De qualquer modo, o Conselho da Europa estava condenado a ter apenas uma importância política limitada, dado que nos termos dos seus estatutos as questões que mais interessam aos cidadãos — segurança e nível de vida — não fazem parte das suas atribuições. Os assuntos militares estão confiados à Organização Atlântica e os problemas económicos à OCDE. O surgimento da comunidade Económica Europeia e o seu reforço político reduziram ainda mais a sua importância.

É certo que a Assembleia consultiva se manteve como ponto de partida de diversas iniciativas europeias: Foi a ela que, em primeiro lugar, dirigiram alguns dos seus apelos homens como Robert Schuman, Winston Churchill, Pierre Mendès-France e Harold Wilson. Tomou posição, no decurso dos últimos anos, sobre algumas questões, que examinou exaustivamente, em relação ao Próximo Oriente, ao Líbano, a Chipre, à Irlanda do Norte, à Checoslováquia depois de 1968, etc.

De facto, as suas recomendações foram em geral totalmente ignoradas pelo Comité de Ministros, que apenas mantém com ela um diálogo intermitente e sem vida. Foi em vão que adoptou o nome de Assembleia da Europa e que, num acesso de frustração, votou, em 24 de Janeiro de 1974, uma recomendação, convidando, nomeadamente o Comité de Ministros, **a solicitar aos governos membros para assumirem o compromisso de utilizar o Conselho da Europa e as suas estruturas nas consultas e cooperação em questões de interesse comum.**

Subestimar o papel do Conselho da Europa seria, no entanto, um erro. Graças à sua iniciativa, os governos dos países membros reforçaram a sua cooperação nos mais diversos domínios. Contribuiu para elevar o nível da saúde pública e melhorar as normas de higiene, na Europa. Esforçou-se por harmonizar e unificar as legislações sociais dos Estados membros, definindo mesmo uma **Carta Social Europeia**. Tentou, igualmente, pôr de pé uma política educativa comum. Ocupou-se ainda de ecologia, defesa da natureza, arquitectura, reforma do direito, informação...

Por outro lado, a Assembleia Consultiva não se limitou a dar o primeiro impulso para o estabelecimento da Convenção Europeia dos Direitos do Homem e a erguer um sistema efectivo de garantia judiciária internacional desses direitos. Esteve vigilante em relação à sua aplicação e organizou diversas conferências — como a de Salzbourg sobre a Imprensa — para estudar os meios de reforçar a sua protecção.

Pela dupla via da defesa dos Direitos do Homem e do diálogo entre os países europeus membros da CEE e aqueles que dela não fazem parte, o Conselho da Europa retoma conjunturalmente um papel político. Esse papel manifestou-se recentemente na negociação duma Convenção Europeia sobre o Terrorismo, inaugurada em 27 de Janeiro, com o aval expresso dos ministros. As coisas poderiam, em breve, assumir um carácter dramático se se confirmar que o Comité de Ministros tem actualmente um relatório secreto da Comissão Europeia dos Direitos do Homem, denunciando as atrocidades cometidas pelas Forças Armadas turcas em Chipre. Sobretudo, é de recear que, nesses dois casos, se acentue o divórcio entre os compromissos solenes subscritos pelos Estados europeus e as suas políticas concretas... ●

A ÚLTIMA CARTADA DA RODÉSIA

1

A UANC sente-se bastante forte para reclamar uma consulta popular. O bispo e os amigos estão persuadidos de que, nas circunstâncias actuais, venceriam a Frente Patriótica de Mugabe e Nkomo. Não aceitarão, porém, um referendo cujo objectivo seria unicamente designar o futuro chefe do Governo. O primeiro-ministro rodesiano ainda não tomou posição neste ponto crucial.

A UANC está disposta a concordar com a administração actual, na condição de o Governo contar com uma maioria de africanos, e de a africanização do Poder ser acelerada e irreversível. Smith estaria disposto a entrar no jogo em 1977? O reforço da guerrilha, as dificuldades económicas e, sobretudo, o sensível desencorajamento dos europeus, tê-lo-ão convencido de que apagar-se perante o chefe da UANC seria de futuro um mal menor?

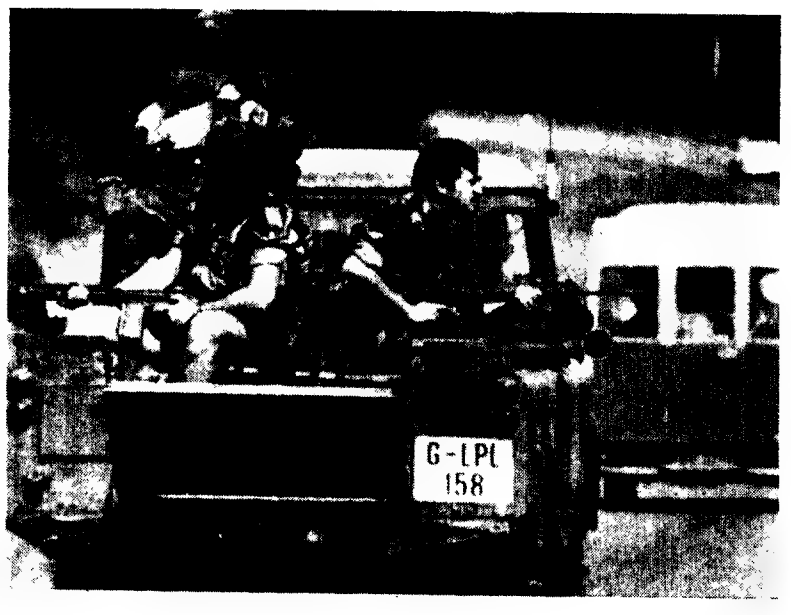
. Nos meios oficiais justifica-se a lentidão das mudanças encaradas pela inquietação dos europeus. **Se fossem imediatamente abertos aos negros escolas e bairros residenciais, as saídas dos brancos passariam de mil e quinhentos por mês para cinco mil**, diz-se nos meios próximos do Governo. Para mais, Smith deseja que os americanos e os britânicos concordem com o seu projecto de **ajuste interno**, antes de ir mais além. Os efeitos desta contemporização já são sensíveis.

«MILITARES» E «POLÍTICOS»

O bispo Muzorewa não se apoia em nenhum guerrilheiro e precisará, com bastante urgência, de um êxito político, sem o qual, o crédito que se lhe atribui será batido. A população africana, se o imobilismo prevalecer, confiará cada vez mais nos «combatentes da liberdade». O progressivo reforço da guerrilha já o mostra, e o processo talvez esteja mais avançado do que aquilo que se pensa em Salisbúria. O bispo Muzorewa precisa de um êxito político sobre Smith para poder alcançar, se ainda for tempo, os que fazem a luta armada.

O ZIPA (exército do povo do Zimbabwé), que se apoia na fronteira de Moçambique e da qual Mugabe é porta-voz, continua a ser — e de longe — o mais forte exército de libertação com quase dois mil adeptos recrutados na Rodésia, e, sem dúvida dez mil a quinze mil homens nos seus campos da Tanzânia e Moçambique. Mas Nkomo, o líder da ZAPU (União Africana do Povo de Zimbabwé), compreendeu que a aliança feita no passado Outono com Mugabe, no seio da Frente Patriótica, não é uma garantia suficiente para o futuro.

Ian Smith



Nestes últimos meses, os quadros militares da ZAPU recomeçaram a manifestar-se no Oeste e no Sudoeste do país. Eles recrutam, os seus homens, principalmente, no seio da etnia kalanga, de um e do outro lado da fronteira do Botswana. Nkomo pertence a essa etnia, assimilada aos Matabele. Os jovens recrutas transitam pelo Botswana, antes de serem transferidos para a Zâmbia onde reabriram os campos de treino da ZAPU.

Em suma, Nkomo está a construir o seu próprio exército que abriu uma nova «frente» no Matabeleland, sudoeste rodesiano, onde o velho dirigente nacionalista conserva uma sólida base política.

À falta de regras políticas, a aliança entre as duas forças, ZIPA e ZAPU acabariam, sem dúvida, por vencer. Os Estados africanos independentes, com fronteira com a Rodésia, oferecem-lhes hospitalidade. Instrutores, muitas vezes cubanos ou soviéticos formam os recrutas.

Em todo o caso, se o Poder fosse confiado à UANC do bispo Muzorewa, os dados do problema mudariam. A africanização do regime provocaria, sem dúvida, a partida de boa parte da comunidade europeia, ou por desconfiança ou porque numerosos europeus ocupam empregos que poderiam ser rapidamente transferidos para africanos. Mas, de qualquer modo é de calcular que, se a guerra continuasse, esses europeus partiriam. De resto, uma tranferência do Poder para a maioria — sem a participação da guerrilha — poderia obter o apoio das potências ocidentais e mesmo de um certo número de países da OUA. Não era preciso mais para uma supressão das sanções económicas internacionais, mesmo que as Nações Unidas se recusassem a votá-la.

O «AJUSTE INTERNO»

Uma solução deste tipo favoreceria sobretudo o nascimento de um exército africano que actualmente se esboça no seio das forças rodesianas. Em poucos meses serão promovidos os primeiros oficiais africanos. Estes depressa poderiam estar à frente de um exército e de uma Polícia que já contam quase dez mil negros, e fazer o seu próprio jogo.

Será este o tipo de «ajuste interno» com que sonha Ian Smith? Ainda será tempo de fazer negociações na ausência e até em detrimento da Frente Patriótica e da guerrilha?

. Embora reduzindo a pena aplicada a mons. Lamont, o presidente do Supremo Tribunal de Salisbúria elogiou recentemente, e sem reservas, a Rodésia branca. Censurando ao bispo de Umtali a **desonestidade** de se referir a um regime de opressão, o juiz disse-lhe: **A simples verdade é que houve mudanças que transformaram a Rodésia, de sociedade primitiva, devastada por divisões e conflitos tribais e minada por práticas bárbaras de feitiçaria, num país dotado de uma economia muito elaborada e de um nível de vida mais elevado, tanto para os africanos como para os europeus, do que a de quase todos os outros países da África. Tais mudanças não teriam podido dar-se se cada uma das comunidades não se apoiasse na outra.**

Ao renunciar à separação das raças, mesmo tratando-se de um simples princípio — a Frente rodesiana contesta a sua razão de ser, e o congresso que deve efectuar-se em Abril, promete ser agitado. No mesmo momento, o Governo não desencoraja os esforços de um partido como a ZUPO (Organização do Povo Unido do Zimbabwé), formado com o objectivo de apoiar um «ajuste interno», que não contribui para a sua credibilidade no meio africano.

Smith ainda pode bloquear durante algum tempo toda a e qualquer negociação. Mas isso levá-lo-á à catástrofe. Ele pode tentar controlar uma negociação de modo a favorecer um dos seus adversários africanos em detrimento do outro. Mas a partida é cerrada, e, mesmo nesta hipótese, o tempo joga contra ele. **Uma vez que os africanos sintam que a nova autoridade é menor**, diz-nos um advogado europeu de Salisbúria, **a situação pode ser totalmente invertida. Mas creio que ainda falta algum tempo para que isso aconteça.** ●

URUGUAI

UM TESTEMUNHO SOBRE A REPRESSÃO

■ Philippe Labreveux
□ LE MONDE

Durante o ano de 1976 foram presos na Argentina uns sessenta refugiados uruguaios. Alguns como Zelmar Michelini e Hector Gutierrez dois antigos parlamentares, foram assassinados. Outros desapareceram sem deixar vestígios. A maioria parece ter fugido para o Uruguai.

No fim de Novembro de 1976, as forças de segurança anunciavam, em Montevideu, a descoberta de um «movimento subversivo» e a prisão de sessenta e duas pessoas. Catorze dessas pessoas haviam, na verdade, sido presas em Buenos Aires no mês de Julho. Enrique Rodriguez Larreta, que teve a mesma sorte fala de um caso que diz muito sobre a internacionalização da repressão no cone sul.

Montevideu: à procura de «subversivos»

«Se algum dia falar, diz o general Amaury Pranti, mato-o com as minhas próprias mãos, mesmo que para tal tenha de ir à Cochichina». Mas Enrique Rodriguez Larreta, sequestrado a 14 de Julho, em Buenos Aires, e libertado a 22 de Dezembro em Montevideu, não é homem que se deixe intimidar, mesmo pelo chefe dos serviços de informação uruguaios (SID). Fala e muito, mesmo arriscando a vida do filho e da nora, ainda presos.

Foi ao procurar o filho, antigo dirigente estudantil desaparecido a 30 de Junho em Buenos Aires, onde se refugiara, que Rodriguez Larreta foi apanhado na engrenagem do aparelho repressivo. Nos dias que se seguiram ao desaparecimento do jovem, multiplica as «demarches» junto dos tribunais, das autoridades políticas, militares e religiosas. Chega mesmo ao Supremo Tribunal. Um juiz desencoraja-o: «Temos mil pedidos de 'habeas corpus'». Um advogado faria mais um em seu favor.

Na noite de 13 para 14 de Julho homens armados forçam a porta e irrompem na casa que ele ocupa em Buenos Aires, com Raquel mulher de seu filho. São ambos metidos num carro de mãos atadas e olhos vendados. Minutos depois encontram-se numa grande sala com umas vinte pessoas. Rodriguez Larreta reconhece a voz do filho, a de Margarita, filha do senador Michelini, assassinado em Maio, a de Gerardo Gatti e de Leon Duarte, dois antigos sindicalistas. Encontram-se ali todos os uruguaios desaparecidos nos últimos tempos.

«COM SÃO PEDRO»

Ouvem-se gritos vindos do andar de cima. Os carcereiros — polícias argentinos e militares uruguaios — vão e vêm, trazendo corpos magoados. Chega a vez de Rodriguez Larreta. Penduram-no pelos pulsos a alguns centímetros do solo. As perguntas sucedem-se entre os choques eléctricos: as ligações que tem com o partido da vitória do povo, as ligações do filho, as da nora. «Vamos lavar a cabeça a todos». Os carcereiros fazem ameaças e instalam no meio da sala uma grande bacia que enchem de água. Mário Roberto Santucho, o chefe da guerrilha, acaba de ser morto durante um choque. Obrigam Manuela, irmã de Santucho, a ler o comunicado oficial e agarram o irmão do guerrilheiro, Carlos. Penduram-no pelos pés sobre a bacia e mergulham-lhe a cabeça na água. Uma vez, duas, dez vezes. Carlos morre asfixiado.

A 26 de Julho os prisioneiros uruguaios são metidos em camions juntamente com objectos apreendidos: livros, bicicletas, máquinas de escrever, frigoríficos, móveis, até automóveis em peças separadas. Os camions dirigem-se para o aeroporto de Buenos Aires, na margem do rio de La Plata. Um avião do exército do ar uruguaio está à espera dos passageiros para os transportar para a outra margem.

Em Montevideu o tratamento melhora. Pelo menos no que diz respeito a Rodriguez Larreta. Porque há outros que continuam a ser interrogados e torturados, agora sob a direcção exclusiva dos militares do SID. O coronel Guilherme Ramirez, cuja presença fora assinalada em Buenos Aires por ocasião da morte do senador Michelini, e o comandante Gabazzo, dirigem as operações.

Bruscamente, a 26 de Agosto, o comandante muda de tom: salvamos-lhes a vida, diz ele aos prisioneiros, estupfactos. Sem a nossa intervenção, os argentinos tinham-vos mandado «tocar harpa com São Pedro». Por isso devem ajudar-nos a justificar a vossa presença no Uruguai, colaborando um simulacro de tentativa de invasão armada. Se estiverem de acordo, os tribunais militares dar-vos-ão penas entre quinze a trinta anos de prisão.

Os prisioneiros recusam. O comandante começa por ameaçá-los de repatriamento para a Argentina, onde, assegura, serão passados pelas armas. Depois ameaça-os de ele próprio os matar. Os prisioneiros, porém, não cedem, porque obscuramente sentem que uma força exterior levará o adversário a negociar. Por fim, faz-se um acordo.

O exército alugou uma vivenda mobilada em Ghangrilá, estação balnear perto de Montevideu. Cinco dos prisioneiros são para lá conduzidos na manhã de 23 de Outubro. À tarde, a tropa invade a casa e procede à prisão da «célula subversiva». Ao mesmo tempo são presos mais «subversivos» em hotéis do centro da capital. Trata-se, na verdade, de agentes de informação que na véspera se tinham hospedado nesses hotéis com nomes supostos.

Terminada a representação, a atitude dos carcereiros muda. Os presos são autorizados a tirar as argolas e podem ver-se a falar uns com os outros. São mesmo autorizados a passear nos corredores e no pátio da casa. Só nessa altura descobrem que se encontram na sede do SID, na avenida Artigas 1488.

UM «MOVIMENTO SUBVERSIVO»

A partir de 28 de Outubro, as forças de segurança começam a difundir uma série de comunicados anunciando a descoberta de um «movimento subversivo», e a detenção de sessenta e duas pessoas. Atribuem-lhes as piores intenções e, em especial, a de prepararem o assassinato de vários chefes militares e dirigentes políticos. Sem por isso os acusar — erro dos redactores do comunicado? — de posse de armas de fogo.

A instrução do processo tem início em Dezembro, como fora previsto. Enquanto os seus companheiros de infortúnio são condenados a penas de prisão, uns por «associação subversiva», Rodriguez Larreta é posto em liberdade.

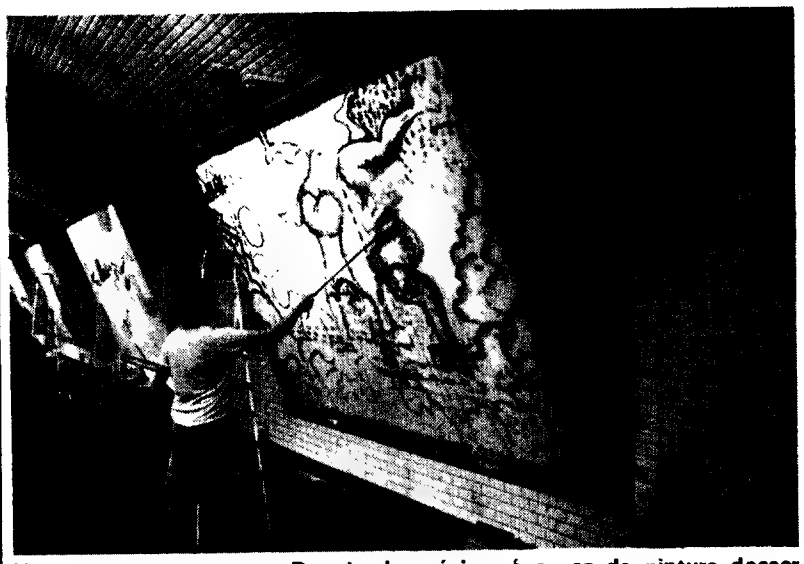
«Acuso», diz ele, «os governos argentino e uriguaio de violação de domicílio, sequestro, prisão, roubo, contrabando, falsificação de identidade e de actos oficiais...» Não vai mais adiante. Porque apesar do inquérito que levou a efeito nas margens do rio de La Plata, muitas perguntas continuam sem resposta.

Onde estão Gerardo Gatti e Leon Duarte, torturados em Buenos Aires e que, ao que parece, não foram transferidos para Montevideu? Onde estão os vinte uruguaios entre os quais se contam três crianças desaparecidas em Setembro e Outubro em Buenos Aires e das quais nada se sabe? A «tocar harpa com São Pedro»? ●

FOTO EXCLUSIVO

Após demorado trabalho de anos, os cientistas do Instituto de História, Arqueologia e Etnografia da Academia de Ciências do Casaquistão (URSS) conseguiram restaurar um «traje de ouro» descoberto num enorme sepulcro na região de Alma-Ata, perto da cidade de Issyky. O traje, todo decorado a placas de ouro, constava de túnica, calças largas, botas altas e um elmo. Na foto: um cientista mostra um dos adornos de ouro descobertos no citado sepulcro. (Foto «Novosti»)

A múmia de Ramsés II, que durante muitos meses esteve em Paris para ser examinada, «voltou para casa». Ramsés II «voou» para o Cairo a bordo de um avião especial que descolou da base de Dugny, perto do Aeroporto de Le Bourget. A partida da múmia do faraó foi marcada por uma cerimónia oficial, com diversas personalidades e guarda de honra. A urna foi envolvida em veludo com as insígnias reais. Nesta foto, Alice Saunier-Seite, secretária de Estado das Universidades discursa, na presença de convidados franceses e egípcios, entre os quais Hafez Islail, embaixador do Egipto na França



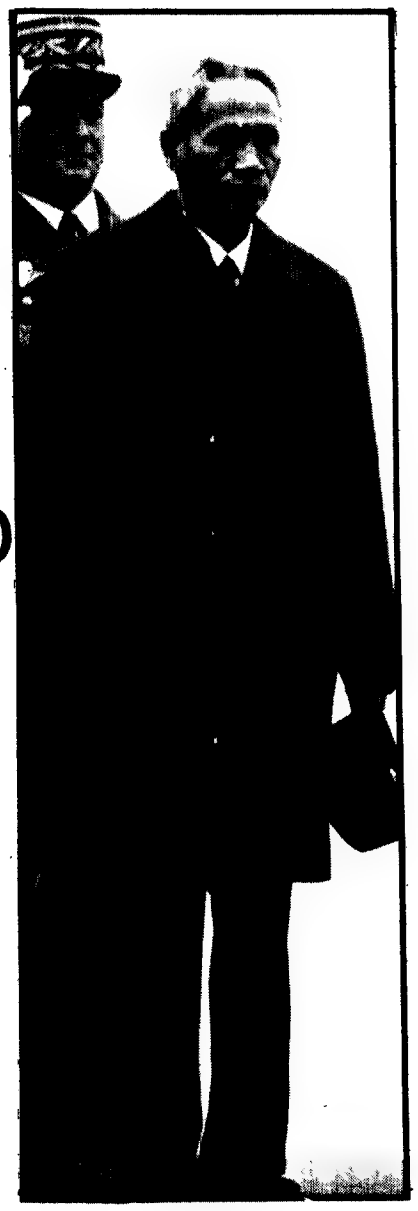
Uma arte puxa a outra. Depois da música, é a vez da pintura descer aos subterrâneos do metropolitano de Paris, nomeadamente, na plataforma da estação de Saint Augustin. Sob o tema «O Homem na Cidade», nove artistas de renome puderam dispor dos grandes quadros de quatro por três metros, destinados a publicidade, para criar as suas obras mesmo diante dos passageiros. As telas pintadas durante três dias permanecerão expostas por três semanas, podendo ser adquiridas pelos interessados

No passado dia 11, pela primeira vez, um homem lançou-se do primeiro andar da Tour Eiffel, em Paris, equipado com uma asa voadora, o «Deltaplano». Autor da façanha: Alain Pachon. O seu voo fez parte da publicidade no dia da estreia do filme «Duas Campainhas na Neve», no qual Alain Pachon é a «vedette» desportiva. No ar, tudo correu às mil maravilhas. Na aterragem, lá estava a Polícia a pedir explicações. A foto é da AFP

VIETNAME DE

■ Patrice de Beer □ Le Monde

1. UM DESEJO DE ABERTURA



Phan Van Dong

HANÓI — Muitos habitantes de Hanói, demasiado espantados para manifestar hostilidade ou frieza, paravam na rua, há algumas semanas, a fim de olhar para vários americanos que faziam o seu «footing» de manhã cedo em volta do Pequeno Lago, no centro da cidade. Tratava-se de membros da missão Woodcock, que chegara a Hanói a fim de restabelecer contactos em nome do presidente Carter. No dia 3 de Maio recomeçam em Paris as negociações, no mesmo local onde americanos e vietnamitas se enfrentaram durante anos em volta de uma mesa de conferência. É certo que o ambiente mudou muito desde a época em que a diplomacia americana era conduzida por Kissinger com mão de ferro. E se há país que não lamente a sua partida, esse país é, decerto, o Vietname.

O estabelecimento de relações económicas com Washington, a organização de comércio, até mesmo a obtenção de um auxílio compensador para reparar, em parte, os enormes prejuízos da guerra, são o objectivo prioritário da diplomacia vietnamita. Dois anos após o fim da guerra, quando nos Estados Unidos as paixões se acalmaram e os protagonistas americanos da guerra abandonaram o poder, parece ter chegado o tempo da reconciliação. «Há, de parte a parte, um grande desejo de o conseguir», diz-se em Hanói, embora sem minimizar os obstáculos que subsistem.

No entanto, alguns vietnamitas não encaram sem inquietação a chegada dos americanos — e dos seus dólares — a Hanói. E perguntam que efeito poderá ter um afluxo de material ou de produtos alimentícios americanos a este país pobre e austero onde nada se perde. Onde, nas lojas ainda se enchem, com uma seringa, as esferográficas. Não poderá, a sociedade puritana do Norte, sucumbir a um desejo de consumo que até agóra não pode satisfazer, ao ver chegar a conta-gotas, objectos de origem americana ou japonesa, vindos do Sul?

E um regresso, mesmo limitado, mesmo reduzido ao plano económico, da antiga potência tutelar, não irá acordar, nesse mesmo Sul, certos nostálgicos dos velhos demónios que a todo o custo se procura adormecer? De resto, certos vietnamitas duvidam da boa-fé de Washington. E inquietam-se ao ver um dos aliados dos Estados Unidos, a Tailândia, por trás dos incidentes que se têm multiplicado nas fronteiras do Laos e do Camboja. E interrogam-se acerca do papel do Japão, esse gigante económico, que, em matéria de política estrangeira, ainda está muito dependente dos americanos.

Mas contará tudo isto, em face da promessa de compras e de vendas, de investimentos e de assistência tecnológica, principalmente no domínio petrolífero? Muitos já pensam que antes do princípio de 1978 a bandeira das estrelas flutuará de novo sobre o antigo consulado americano de Hanói, transformado durante a guerra em secretariado da missão do Governo revolucionário provisório do Sul.

Convencer o Ocidente

Se assim for, o Vietname terá efectuado a primeira etapa da sua grande ofensiva de paz do após-guerra. Esse desejo de abertura já se concretiza com a visita a França de Pham Van Dong. Hanói quer convencer o Ocidente da sua boa vontade, das suas intenções pacíficas, do se desejo de acolher, não só o auxílio, a cooperação ou o comércio com países não socialistas, mas também — embora com certas condições — os investimentos estrangeiros. Uma alta individualidade da diplomacia dizia: «A nossa política externa deve estar ao serviço da construção do socialismo, deve ajudar a curar os ferimentos de guerra e a executar o plano quinquenal».

O Vietname elabora uma legislação que prevê a instalação de empresas estrangeiras no seu território. O capital dessas empresas poderá mesmo ser 100 por cento estrangeiro desde que a sua produção seja destinada à exportação. Se o não for o capital não poderá ultrapassar os 49 por cento. O projecto de lei encara três tipos de operações: 1. A cooperação na produção com partilha dos produtos; 2. As empresas ou sociedades mistas; 3. Os investimentos na produção das mercadorias exclusivamente destinadas à exportação. São previstas isenções de impostos, assim como repatriamento dos lucros e até, em certos casos, importação, com franquia, do material, das matérias-primas e até do carburante.

A quem lhes pergunta se este sistema não é, afinal de contas semelhante aos das zonas francas outrora abertas em Taiwan, Singapura e até Saigão, os responsáveis respondem: «Nada disto deve, de modo algum, atentar contra a nossa independência e a nossa soberania. Não se trata de empresas permanentes e tomaremos posse delas dentro de um prazo aceitável para ambas as partes». Hanói conta reabsorver assim o desemprego, formar especialistas, conseguir novas técnicas, fazer entrar divisas. A mão-de-obra vietnamivisas. A mão-de-obra vietnamita e muito apreciada. «Ela é muito barata», diz-se. «E se a firma europeia P. quiser fazer concorrência à firma japonesa S. vem montar os seus produtos no nosso país».

Ho Chi Minh

Estabilidade regional

Claro que tudo isto exige que a situação no Vietname se mantenha estável, que Hanói possa consagrar-se ao seu próprio desenvolvimento sem se achar metido em aventuras militares. O Vietname quer surgir na Asia como um país que procura estabelecer, ou manter, relações de boa vizinhança, sem por isso pôr em questão o apoio moral ou político — mas não militar — que dará aos movimentos de libertação locais.

A situação na Tailândia e nas fronteiras tailando-laociana e tailando-khmer preocupa os dirigentes da República Socialista do Vietname. Para eles, assim como para os outros países socialistas, apesar das dificuldades e dos erros do regime laociano, apesar das actividades das guerrilhas anticomunistas, exclui-se a hipótese de poder instalar-se outro Poder em Vientiana, quebrando um equilíbrio duramente conseguido após trinta anos de guerra. O mesmo acontece com o Camboja, embora os vietnamitas continuem a interrogar-se sobre a espécie de sociedade com que sonham os revolucionários khmeres.

Porquê, perguntam alguns deles, estes ataques contra dois países-tampões cuja queda seria inaceitável para Hanói, Moscovo e Pequim? Tratar-se-á de iniciativas tailandesas para afastar das suas fronteiras um perigo comunista que desde o ano passado se agravou com a partida de milhares de opositores para a guerrilha? Ver-se-á nisso um sombrio desígnio de certos meios americanos? Aqui as ideias divergem muito. Uns acham que o Pentágono nunca mais enviará tropas para a região, outros receiam que os americanos dêem um apoio discreto aos antigos soldados do exército real laociano, aos guerrilheiros méos ou khmeres.

O certo é que os recentes incidentes ocorridos perto de Vientiana preocupam as pessoas, e poucas desejam ver os filhos partir para uma nova frente neste momento em que o país está ocupado na reconstrução. «Por causa da situação instável do Sudeste temos de manter um exército relativamente grande, mais numeroso do que é normal em tempo de paz» diz Hoang Tung, chefe de redacção do quotidiano do Partido Comunista **Nhan Dan**, e membro do Comité Central.

Quanto aos militares vietnamitas, esses têm uma posição clara. «Se um dos nossos vizinhos for agredido e se essa agressão ameaçar a nossa segurança, temos de ter as reacções que se impõem», declara-nos o coronel Tran Minh Bac, chefe de redacção adjunto do jornal das forças armadas, **Quan Doi Nhan Dan**.

E acrescenta: «As forças imperialistas procuram por todos os meios sabotar a nossa causa e as causas revolucionárias [illegible] os seus satélites [illegible] as suas ordens [illegible] países da região [illegible] países [illegible] a Tailândia [illegible] isa, que faz uma política hostil as forças progressistas revolucionárias na Ásia do Sudeste» E acrescenta também: «Muitos barcos, que se dizem de pesca, na sua maioria tailandeses, entram nas nossas águas territoriais».

«Queremos uma situação es-

2 ANOS DEPOIS

tável para podermos resolver os nossos problemas», dizem-nos outras pessoas. «Se quisessemos intervir na Tailândia, teriamos meios para o fazer. Mas não é esse o nosso método. O certo, porém, é que também não podemos cruzar os braços perante a situação cada vez mais tensa nas fronteiras do Laos e do Camboja». É muito provável que os «meios» já tenham sido enviados, principalmente para o Laos.

O golpe de Estado militar de 6 de Outubro trouxe de novo à discussão do processo de normalização entre Banguecoque e Hanói, iniciado pelos governos civis de Kukrit, depois de Sen. Pramot, e teve como consequência imediata um aumento de tensão na região. O Vietname não é o único a preocupar-se com isso. Djakarta, Singapura e Kuala-Lumpur também não vêem com optimismo a evolução da situação na Tailândia.

Se Hanói está disposta a apoiar os outros regimes socialistas indochineses, protegendo assim os seus próprios interesses, isso não significa que o acordo seja completo entre as três capitais. «Felicitamo-nos por só termos fronteiras com países amigos. Passe-se lá o que se passar, são países irmãos. Podem haver problemas mas o bom senso leva-nos a imaginar o que se passaria se um adversário lá se instalasse», disseram-nos.

Os problemas com o Camboja são problemas fronteiriços. Quanto ao que se passa no interior do país, e que não parece entusiasmar Hanói «é a política deles, não nos diz respeito, mas não é simples».

Outro vizinho, mais poderoso e incómodo, é a China que, embora socialista, embora tendo sido durante a guerra a «grande aliada» do Vietname, nem por isso deixa de ocupar aquilo que os vietnamitas consideram uma parte do seu território: as ilhas Paracels, no mar da China Meridional.

«Os chineses têm muitos problemas internos. Mas a nossa esperança e o interesse deles é que estejamos em boas relações. Ao longo da fronteira há às vezes problemas, mas é ridículo falar de incidentes, de batalhas».

No entanto, a construção da ponte de Hanói, pelos chineses, nunca mais acaba, e os produtos chineses, ontem abundantes, tornam-se raros.

O peso da geopolítica e essa vontade de permanecer fora do conflito sino-soviético, junta a uma certa decepção perante o volume, o preço e a qualidade do auxílio soviético fornecido depois da guerra, incitam, no entanto, Hanói à prudência. O quarto congresso do partido, em Dezembro, insistiu na necessidade de contribuir para «a restauração e a consolidação da unidade do movimento comunista e operário internacional».

Uma grande actividade diplomática

A enorme actividade diplomática de Hanói contrasta, em todo o caso, com a das outras capitais indochinesas: a enigmática Phnom-Penh, onde a erva cresce nas ruas abandonadas, e Vientiana, onde os soviéticos cada vez estão mais isolados.

No centro da capital do Vietname, o velho hotel Thong Nhat, o **Metropole** da época francesa, tornou-se uma Babel internacional.

Vamos descobrindo embaixadas ocidentias e asiáticas, residências de embaixadores e de diplomatas, sedes de organizações internacionais. Só os «países irmãos» e alguns privilegiados, como a França ou a Suécia, dispõem de sedes nas cidades. Não causa aqui espanto ver um chefe de missão atravessar em pijama o corredor do Thong Nhat, a fim de entrar no seu escritório.

Se os provincianos ainda olham com espanto os estrangeiros, raros, os habitantes de Hanói já estão habituados a eles. Às vezes até de mais, como o dono de um restaurante bem conhecido, que estaria preso por fazer mercado negro.

2. DE SAIGÃO A HO-CHI-MINH -VILLE

. . **Ho - Chi - Minh - Ville. Saigão vai-se transformando a pouco e pouco em Ho - Chi - Minh - Ville.** Esta frase do intelectual de Hanói Nguyen Khac Vien define bem o processo de mudança que se realiza naquilo que é hoje a parte meridional da República Socialista do Vietname. A pouco e pouco a bicicleta vai suplantando as motos e as scooters, o artesanato, os produtos de importação, os fatos ocidentais e a tradicional túnica feminina, o **ao dai**, vencem as calças e a camisa, traje dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo, a antiga capital do Sul descongestiona-se, segundo a expressão aqui utilizada, o que cria dificuldades, erros e até oposição ou resistência. Mas nada parece deter a marcha para o socialismo iniciada pelo novo regime.

A primeira dificuldade a resolver é alimentar, portanto agrícola. É preciso alimentar uma população que cresce ao ritmo de 3 % ao ano, cuidar de terras cujas culturas a guerra destruiu, substituir as centenas de milhares de toneladas de arroz ainda ontem importadas apesar de o centro do país ter sido vitimado por dramáticas catástrofes naturais: secas, depois inundações. É pois necessário enviar de novo para os campos milhões de camponeses «reagrupados» nas cidades pela política de urbanização forçada dos americanos. Em 1960 havia 85 %de camponeses; em 1975 só restavam 35 % . Este número deve subir até 70 % . Para tal, afirma-se contar antes de mais com a «persuasão», palavra esta que não é compreendida do mesmo modo por todos os dirigentes.

Bo - Bo encontra-se na província de Long - An, a sul de Saigão, na periferia da planície dos Juncos. Três mil e quinhentos «jovens voluntários» da região, realizam aí grandes trabalhos de irrigação. É necessário romper canais para regar 4.000 hectares de uma terra tão árida que nunca foi cultivada. Pensa-se plantar aí ananases.

Os jovens rompem a terra, debaixo de sol, durante um mês, movendo dez toneladas de argila por dia. Têm cama e mesa e recebem algum dinheiro. A vida é difícil e a água potável tem que vir de muito longe. Quando os trabalhos estiverem terminados Bo - Bo será uma herdade do Estado.

A algumas dezenas de quilómetros, Huyn Vang Hung cultiva os seus 5 hectares de ananases. É proprietário e «camponês médio» porque não tem assalariados. Acaba de construir uma casa de pedra e cal. Hung tem todas as estações uma colheita de várias dezenas de milhões de dongs do sul. Pagou a um pintor local para que este escrevesse sobre o altar familiar dos antepassados: **A riqueza vem do trabalho**. De momento a sua aldeia, tal como as outras, está organizada em **grupos de câmbio de produção**. As cooperativas ficarão para mais tarde, mas hão-de chegar. Claro que há camponeses e antigos homens do campo urbanizados que voltaram para os campos, para quem a vida não é tão cor de rosa.

Um telhado e quatro pilares

Na futura herdade estatal de Phan Van - Coi, Cu - Chi, perto de Saigão, mil e trezentas famílias trabalham arduamente para que uma terra árida, desfoliada e bombardeada pelos àmericanos, volte a produzir. Um ano e meio depois, continuam a cargo das autoridades, mas não desistem. O telhado e os quatro pilares que lhes deram, foram cercados por paredes de tijolos artesanais. Os legumes e as flores começam a crescer nos quinhões individuais. Os habitantes são, na sua maioria, pobres do Saigão atraídos pela promessa de uma casa e de um bocadinho de terra. **É muito duro**, diz Nguyen Van Hong, cuja mulher tem uma barraca de bebidas ao ar livre. Huynh Thi Kim Lien, antiga costureira, acompanhou o marido. Ela não sabe grande coisa de política. À pergunta: **Quem é o primeiro-ministro?**; responde corando: **Esqueci-me.** Em breve todos eles serão operários agrícolas na herdade do Estado. Que produzirá na herdade? **Vamos fazer criação de gado e cultivar milho.**

Para criar estas herdades de Estado na «cintura verde» de Saigão, tal como as «novas zonas económicas» das províncias vizinhas, é preciso despovoar a metrópole que, em 4 milhões de habitantes tem entre 500.000 e 1 milhão de desempregados. Oficialmente, 700.000 pessoas já partiram para os campos e 400.000 regressaram às suas terras natais. Perto de 200.000 pessoas encontram-se na zona de Song-Be, em condições rudimentares e, por vezes, difíceis.

Padres . . camponeses

O plano prevê que, entre 1975 e 1980, 1 milhão e meio de Saigoneses tenham deixado a cidade. Trata-se principalmente de pobres que, levados pela necessidade económica, se vão embora. As autoridades apelam para a «mobilização» e solicitam o apoio da hierarquia católica e budista. Bonzos (homens e mulheres), padres, religiosos e freiras, partem às centenas para os trabalhos hidráulicos. **Queremos padres - camponeses** dir-nos-ia o arce-

VIETNAME
DOIS ANOS DEPOIS

bispo de Saigão, Monsenhor Nguyen Van Binh.

À excepção dos velhos e das crianças, todos terão doze dias de trabalhos de interesse público por ano. **É um projecto magnífico!** exclama Monsenhor Binh. **Não há razão para que os católicos não colaborem na reconstrução do país.** Claro que há problemas, mas **tudo o que o governo pede é absolutamente justo. Ele preocupa-se muito com a população.** Encoraja os clérigos que querem trabalhar na nova Frente Patriótica. **É uma maneira de servir o país.** É certo que **nem toda a gente compreende isto, mas a maioria está de acordo.**

Os responsáveis pelo Comité de ligação dos «Budistas patriotas» que reagrupa dezassete seitas diferentes recebem-nos no grande pagode de Vinh - Nghiem, em Saigão.

Fundamentalmente o nosso ponto de vista é o mesmo do socialismo, afirma-nos um deles. Outro acrescenta: **A nossa tarefa é regressar à antiga concepção de vida budista, com base no trabalho. É preciso ligar as meditações ao trabalho agrícola.**

O número de bonzos diminuiu porque durante a guerra, dizem eles, **muitos tomaram ordens para evitar fazer o serviço militar.** Quanto aos crentes, eles representariam dois terços da população do Sul.

Alguns budistas continuam, no entanto, a criar sérios problemas às autoridades. Conduzidos pelos dirigentes do pagode An Quang, que fora a ponta de lança da luta contra os regimes precedentes, opõem-se ao novo poder. No passado mês de Março um a mulher - bonzo, Nhu Hien, suicidou-se. Embora em An Quang se diga que ela se matou para mostrar a sua oposição, afirma-se nos meios oficiais que ela estava grávida. Dois dirigentes budistas importantes recusam submeter-se. Um memorando incitou **os bonzos a estarem prontos para o sacrifício a fim de salvaguardar a dignidade e a doutrina, porque o poder procura humilhar a seita.** Houve prisões, mas o Governo, consciente do risco, hesita em atacar os chefes. Esta ebulição só parece tocar uma fraca minoria dos budistas, e representa a única oposição aberta ao poder, se se exceptuar os poucos bandos que andam pela montanhas e que às vezes atacam a tiro os autocarros.

Os oficiais parecem, no entanto, fazer muito caso dos problemas de insegurança, talvez para justificar a manutenção do aparelho de Polícia. Mas, apesar dos tradicionais boatos, a situação em Saigão parece calma. As medidas de segurança e a burocracia são, em todo o caso, mal aceites por uma população menos dócil do que o poder desejaria.

Ao mesmo tempo, a situação económica continua a ser difícil em certos sectores, por exemplo industriais, por falta de matérias-primas, carburante e peças sobresalentes.

É uma maravilha isto continuar a andar, duz um funcionário. Fazem falta as centenas de milhões de dólares do auxílio americano, e os benefícios do socialismo ainda não são evidentes para todos. Foi duro o debate entre aqueles que queriam caminhar com tempo, como certos dirigentes do G.R.P., e os que queriam conseguir tudo de um momento para o outro. Por fim, optou-se por uma solução média, mas é difícil lutar contra a desconfiança recíproca, e, muitas pessoas, pelo menos em Saigão, hesitam em participar activamente nas novas actividades. Por exemplo, o chefe das forças de segurança da cidade, Mai Chi - Tho, ordenou aos seus subordinados que fizessem autocríticas públicas, isto por ter havido alguns abusos. Num caso, o chefe local ficou longo tempo diante da população mudo, não se atrevendo a fazer as suas críticas à Polícia.

Quadros suspeitosos e Polícia poderosa

O autoritarismo, a falta de contacto e de psicologia de que foram censurados muitos quadros menos habituados aos reflexos da gente do Sul do que da do Norte, também criam dificuldades por vezes involuntárias, por exemplo esses antigos reeducados libertos, convocados de urgência, de um dia para o outro, e que fizeram a trouxa e regressaram ao campo. Tratava-se, na verdade de lhes fazer prencher formulários para a restituição dos seus direitos cívicos. Não é de espantar que o responsável do partido na cidade, Vo Van Kiet membro suplente do secretariado político e em quem o primeiro-ministro tem toda a confiança, tenha feito, em público, a seguinte pergunta: **Quem governa aqui, a Polícia ou o partido?**

As autoridades, mas sobretudo os quadros desconfiados e uma Polícia muito poderosa refreiam a reintegração dos antigos «fantoches», sobretudo de técnicos de que o país tanto precisa. Não é difícil encontrar tecnocratas sem emprego que só queriam servir ou empregados que não tinham responsabilidades sob o antigo regime. Muitos ficam em reeducação como médicos ou como esse antigo governador do Banco Nacional, cuja firmeza impediu o roubo de «stocks» de ouro antes de ter abandonado Saigão. Vive num campo e só viu a família duas vezes em perto de dois anos.

A reeducação continua a ser uma realidade. Decerto e é isso constantemente lembrado que nunca houve nenhuma execução capital, mas segundo fontes oficiais ainda havia em fins de 1976 sessenta mil detidos. Os que ficam são, bem entendido, os oficiais e os funcionários de alta patente, na sua maioria de Saigão. Estão sob o controlo do Exército e não do Governo nem do partido. Há cada vez mais campos que dependem, todos eles, do Ministério do Interior, com amigos aliados do regime Thieu ou alguns dos que tentaram fugir do Vietname.

O campo que visitámos, o T — 2, em Hoc - Mon, perto de Saigão, agrupa quinhentos e cinquenta oficiais, em condições que parecem decentes e que de toda a maneira não têm nada de comum com as jaulas de feras ou os calabouços do antigo regime. Passarão ali três anos. Este tempo foi diminuido para quinhentos e seis **Bons indivíduos**, por vezes **Saídos de famílias laboriosas**, que ao que nos disseram, já foram libertos. Passam o seu tempo entre a jardinagem e a educação política. Parece que, em certos casos, houve pressões para que os libertos escolhessem ir para «novas zonas económicas», mas o segredo militar acerca da sua situação, a reticência das autoridades em dar informações antes de os maiores boatos terem dado a volta a Saigão, tornam difícil uma apreciação de conjunto. Para Monsenhor Binh é, em todo o caso, **melhor do que aquilo que aconteceu noutros países.** Os veteranos da ex-terceira força beneficiam de um tratamento e de uma confiança muito superiores aos dos antigos «fantoches», como o provam a impetuosa senhora Ngo Ba Thanb, que ainda se encontra hospitalizada ou a senhora Keo Wong Tu, antiga deputada budista, deputada-membro da comissão constitucional, dirigente da Frente Patriótica.

A senhora Thanh acha que **faz o seu papel**, que **continua a ser solicitada. Não estou na oposição,** diz ela, **não me identifico com o partido comunista, mas também não me oponho a ele. Independentemente mas os nossos objectivos são convergentes. Acho-os mais humanos. Eles consideram-nos mais civilizados, racionais, científicos, sintéticos.** Como uma centena de outras «terceira força» ou altos dignatários do antigo regime, segue, há já quase um ano, três vezes por semana, um curso de marxis,o-leninismo.

O jornal «Ting Sang» dos antigos deputados Ngo Cong Duc e Hong Oc Nhuan, interdito pelo general Thieu, continua a publicar-se. A sua tiragem desceu de oitenta mil para quarenta mil exemplares, por falta de papel. Nhuan também é membro de várias organizações. A sua posição é clara: **Não podemos sair da linha que é o sentido da nova vida: contribuir para o progresso do país. Não temos escolha. Vê-se bem que é preciso escolher entre o capitalismo e o socialismo. A revolução vietnamita é obra do povo vietnamita. Ninguém tem o monopólio do patriotismo nem da revolução.**

O **Ting Sang** continua a fazer concorrência à imprensa oficial mas nem sempre tem a possibilidade de ser distribuidor em Hanói. É gerido como uma **empreza colectiva e faz parte do sector cooperativo.** Os dois directores mostram-se confiantes e pensam que têm o seu lugar nos sistema: **Os dirigentes dizem-nos que devemos conservar o nosso carácter a nossa originalidade.** Praticam a crítica constructiva e Ngo Cong Duc gosta de repetir uma das suas fórmulas que resumem perfeitamente o papel dos não - comunistas na nova república socialista: **Antes éramos lenhadores. Cortávamos madeira, minávamos os alicerces do antigo regime. Hoje somos marceneiros.**

Apesar de enormes dificuldades económicas, políticas, psicológicas, erros e lentidões, consequências do descontentamento latente de numerosos saigoneses, os dirigentes matêm-se optimistas. Pham Van Dong dizia o ano passado que já era extraordinário ter no Sul o apoio de 70 % da população. ●

FIGURA EM DESTAQUE

DOLORES IBARRURI

(La Pasionaria)

LA PASIONARIA. O regresso à Espanha de Dolores Ibarruri, agora uma calma, tranquila e pacata senhora de 82 anos de idade evocará, para todos os que conheceram «in loco» os anos terríveis de 1937 - 1938, a guerra civil, da qual ela foi um dos participantes e chefes mais combativos.

Neta, filha, irmã e mulher de mineiros, «La Pasionaria» conheceu muito cedo as impiedosas lutas da classe operária espanhola, nomeadamente as suas greves insurrecionais das Astúrias, em 1917 e 1935, reprimidas com dureza por um até então anónimo oficial chamado Francisco Franco.

Jornalista, foi ela própria quem escolheu, em 1918, o pseudónimo de «Pasionaria», nome espanhol de uma planta chamada passiflora ou «Fogo de Paixão», pseudónimo que acabaria por se lhe colar à pele pois assentava como uma luva à sua actuação e ao seu temperamento.

Esta mulher, de eloquência apaixonada e arrebatadora, de porte quase masculino, cujo perfil grego e traços finos já fez com que alguém a comparasse a Georges Sand, assumiu plenamente o papel de chefe revolucionário aos 41 anos.

Eleita deputada por Oviedo, nas suas Astúrias, atacou os seus «pares» da direita, Gil Robles e Calvo Sotelo, este último, ideólogo da direita tradicionalista, com uma violência e com um ódio, que já deixavam antever a guerra civil que viria a estalar.

«Vossa Senhoria falou aqui pela última vez», disse Dolores, um dia a Calvo Sotelo, pouco antes deste ser assassinado. Logo depois, declarava-se partidária da supressão de todos os obstáculos que retardassem ou impedissem a chegada da classe operária ao Poder.

Quando rebentou a guerra civil vil, a sua figura adquiriu uma nova dimensão. Aos microfones da rádio fazia discursos vivos, apaixonados e encorajadores, nos quais proferia duas das suas sentenças imortais: «Mais vale morrer de pé do que viver de joelhos», conclamando o povo para a luta, e «É preferível ser viúva de um herói a ser mulher de um cobarde», dirigindo-se às mulheres que pretendiam impedir os seus maridos de partirem para a frente, e mesmo para os que vacilavam na hora de saír.

Personagem legendária na luta antifascista, foi a organizadora das Brigadas Femininas (milicianas), mantendo o moral das tropas muito elevado com os seus inflamados discursos. Ao mesmo tempo, as suas relações com os dirigentes comunistas foram por vezes, bastante tumultuosas, como por exemplo, o argentino Vittorio Codovilla que, então, foi chamado de «porco imundo das pampas». Quase que só foram poupados os militares como Lister ou Odesto e o secretário-geral do partido, José Diaz.

Do lado oposto, a imprensa de direita despejava sobre ela injúrias e calúnias. «Carrefour», semanário francês, mostrava Dolores Ibarruri, antiga católica, vestida de vampiro a sugar o sangue de um padre. Entretanto, mais imparcial, o norte-americano Ernest Hemingway tomou «La Pasionaria», por modelo da personagem comovente de Pilar, no seu livro «Por quem os sinos dobram».

Membro do executivo do Komintern, passa por ser «o braço secular de Moscovo» e refugia-se na U.R.S.S. após a derrota dos republicanos, em Março de 1939. O único sobrevivente dos seus cinco filhos, mortos jovens, cairia na defesa de Stalinegrado, durante a Segunda Guerra Mundial. Os seus três netos nasceram na URSS, pois sua única filha casou-se com um oficial soviético.

Dolores Ibarruri defenderá, apesar de tudo, a independência do seu partido, do qual é a presidente.

Somente agora, a antiga líder revolucionária abrandou um pouco as suas frases, talvez pela perspectiva do regresso à Espanha, onde há cinco anos já está o seu marido, Julian Ruiz: «Está a nascer uma nova Espanha»... «Regressamos sem ódio e sem rancor»... «É preciso lutar para libertar os vivos do jugo dos mortos»... ●

A MAURITÂNIA EM PERIGO

■ **Le Monde**

. Mais uma vez Paris está directamente implicada num conflito interno africano. O rapto, pela Frente Polisário, que luta pela independência do Sara Ocidental, de seis franceses que trabalhavam em Zovérate, coloca as autoridades francesas numa situação delicada.

Estas proclamam, por várias vezes, a sua «neutralidade» no litígio que opõe Rabat e Novakchott a Alger. Mas estas tomadas de posição oficiais escondem dificilmente uma simpatia actuante para com os regimes do rei Hassan II e do presidente Ould Daddah. A cooperação com a Mauritânia e Marrocos tem-se reforçado nos últimos meses, enquanto que as relações com a Argélia se mantinham tensas. Uns sete mil colaboradores franceses trabalhavam no reino xerifiano. Trezentos desses franceses estão presentes na Mauritânia onde também se encontram numerosos quadros contratados.

Como a guerra se intensificava, era inevitável que um ou outro dia alguns deles fossem vítimas do conflito. A Polisário multiplicara as suas chamadas de atenção.

Estas eram tanto mais dignas de crédito quanto os guerrilheiros sarauis, multiplicando os ataques, as emboscadas e as sabotagens, provavam cada vez mais claramente que tinham a iniciativa na luta que os opõe às forças marroquinas e aos dez mil soldados mauritanianos. De resto, estes últimos sentem-se cada vez mais incapazes de controlar efectivamente um território que tem duas vezes o tamanho da França, e que é, em grande parte, desértico. Tanto mais que uma parte da população não esconde a sua simpatia pelos guerrilheiros. O êxito do ataque feito contra Zovérate, objectivo notavelmente bem defendido, só pode explicar-se por os assaltantes terem cumplicidades na praça. Como acreditar também que os comandos que estas últimas semanas atacaram os aglomerados populacionais de Nema e de Tichitt, e que percorreram milhares de quilómetros em território mauritaniano, não foram ajudados?

A Polisário mantém a insegurança em três quartos do território mauritaniano, o que teve consequências desastrosas nas finanças de Nonakchott. As pesquisas de minério que condicionam o futuro e o desenvolvimento do país, não poderão prosseguir durante muito tempo nestas condições. Ao atacar Zonérade, os guerrilheiros sarauis deram novo golpe à economia do país. A sociedade nacional Coninor fornece um sexto do orçamento mauritaniano.

O regime de Ould Daddah só pôde resistir até agora a tantos assaltos graças ao auxílio militar fornecido pelo vizinho marroquino e ao apoio financeiro dos regimes conservadores árabes. A Arábia Saudita, o Koweit, os Emiratos, deram no último ano ao governo de Nonakchott, somas equivalentes ao orçamento total do país. Durante quanto tempo se poderá prolongar uma tal situação, quando Rabat deve também fazer face a crescentes dificuldades económicas?

. Como todas as tentativas de negociação fracassaram, não é de excluir um novo agravamento da tensão na região. É nessa óptica que se pode interpretar a recente intervenção marroquina no Zaire. O rei Hassan II, acusado na O.U.A., decidiu jogar a carta do endurecimento, pondo-se à cabeça dos regimes assustados pela «ascensão do marxismo» em África. Ele espera, sem dúvida, recolher os frutos dessa determinação para assegurar definitivamente a sua força sobre o Norte do Sara Ocidental. O risco de uma internacionalização do conflito aumenta continuamente. Poderá a França jogar ainda a carta do apaziguamento e da conciliação? ●

SEMANA INTERNACIONAL

O DOMÍNIO

. Com a presença de dois presidentes, doze primeiros-ministros e quinze ministros dos Negócios Estrangeiros, os países membros da NATO estiveram reunidos em Londres, sob a direcção do general Ramalho Eanes, que no discurso de abertura, proferido pelo anfitrião, James Callaghn, estranhamente foi confundido com um desconhecido «presidente da nova democrcia do Brasil». Os jornalistas de todo o mundo foram unânimes: este encontro serviu para demonstrar que os Estados Unidos dominam a Aliança Atlântica, a tal ponto, que o primeiro-ministro britânico, realmente muito «inspirado» nesta reunião cognominou Jimmy Carter como «o verdadeiro chefe do Mundo Ocidental». Efectivamente, num facto considerado como uma grande vitória pessoal e política nesta sua primeira viagem ao estrangeiro como presidente dos EUA, Carter conseguiu o apoio de todos os aliados europeus às suas propostas que visam, fundamentalmente, o reforço militar da NATO para «enfrentar o desafio dos anos 80».

A LICENÇA

Na quinta-feira, finalmente o supersónico franco-britânico Concorde, que já opera para diversas partes do mundo, viu o seu sonho dourado dar um passo rumo à realização: um juiz federal norte-americano decidiu que o avião tem o direito de pousar em Nova Iorque, por um período experimental de 16 meses. A licença para o Concorde aterrar na maior cidade dos Estados Unidos é a salvação do projecto mas as autoridades portuárias (que têm autoridade sobre o aeroporto) e largos sectores da população, organizados em associações, não estão disposots a permitir que o elegante mas barulhento avião venha perturbar o seu sossego. Enquanto os protestos se avolumam e o Supremo Tribunal se prepara para tomar conta do caso, a Air France e a British Airways afirmam que a ligação Paris-Nova Iorque-Paris começa no próximo dia 20

O direito

Regressado da reunião da NATO, o presidente norte-americano concedeu uma conferência de Imprensa na qual afirmou que não pode haver qualquer hipótese razoável de solução do problema do Médio Oriente sem que passe a existir uma «pátria» para os palestinianos. Para contrabalançar, declarou que isso não implicava numa redução de apoio militar a Israel nem na abertura de contactos com a OLP, dirigida por Yasser Arafat. As suas ressalvas não foram suficientes para aplacar as iras do ministro dos Negócios Estrangeiros sionista, Yigal Allon, que aos murros numa mesa, berrava que não aceitaria a criação de um «terceiro». Os EUA condicionam o início de conversações com a OLP a um reconhecimento, por parte desta, do direito de Israel, à existência, facto que aquela organização palestiniana desmentiu que tivesse ocorrido durante esta semana.

A aproximação

Ainda no Médio Oriente, o fim-de-semana trouxe uma surpresa: no sábado, o presidente do Egipto, Anwar Sadat, que recebeu a visita do presidente romeno Nicolai Ceausescu, deixou antever que «alguma coisa» estava para acontecer e melhorar as relações entre o seu país e a União Soviética, visivelmente deterioradas nos últimos tempos. Aliás, consta que um dos assuntos tratados durante as conversações Sadat-Ceausescu foram, precisamente, estas relações, com o presidente da Roménia a fazer o papel de mediador. Recorde-se a campanha movida por Sadat contra a URSS, em vários ocasiões e as acusações que fez contra os comunistas, por ocasião de graves distúrbios no Cairo.

O avanço

. A esquerda em França continua a dar sinais de força e vitalidade. Na semana que, para nós, hoje termina, a CGT, a CFDT, a FEN e a FO convocaram para o dia 24 a maior greve geral a que o país já assistiu nos últimos 20 anos, como protesto contra a austeridade do primeiro-ministro Barre. Este, por sua vez, defrontou François Mitterrand, secretário-geral do PSF, num debate televisivo, em que o dirigente socialista atacou violentamente todo o sistema capitalista e em que o primeiro-ministro francês se defendeu bem, revelando dotes polémicos até então desconhecidos. Entretanto, o domingo trouxe mais um golpe na direita: «gaullistas de esquerda» reunidos em Nice, resolveram subscrever o programa da União de Esquerda.

C. O.

PELO MUNDO

INSÓLITO

O primeiro-ministro indiano Desai, declarou numa entrevista publicada pelo magazine americano «Time» que «embora as mulheres em geral não sejam tão diabólicas como os homens, uma mulher verdadeiramente diabólica não pode ser igualada por homem nenhum».

•

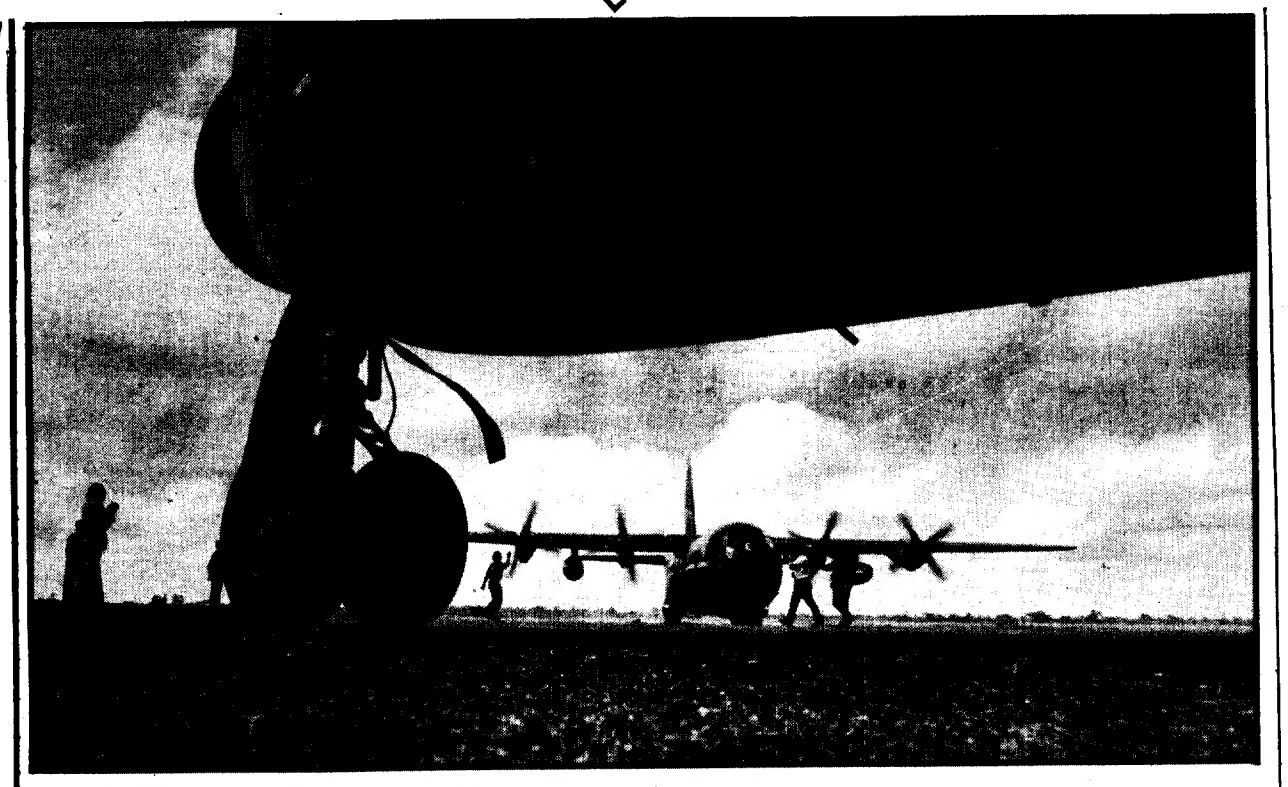
Muitas pessoas se têm servido, desde sempre de caixões, para todas de negro vestidas e com a tristeza estampada nos rostos carregam armas, alcool, ou qualquer outro contrabando rentável e de utilidade imediata. A notícia que nos chega de Nairobi trás-nos uma novidade no material contrabandeado. Ugandeses estão a servir-se de caixões para fazer sair café do país. Quando a polícia deu pela coisa, já vários prestitos fúnebres haviam passado para o Quénia. Mas, de futuro, contrabando de café (que é a principal fonte de divisas do Uganda) significa fuzilamento.

Nós também já tinhamos reparado que a bica está pela hora da morte.

•

Acrescentou que fora feminista durante algum tempo mas que mudara de opinião depois de ter visto mulheres em lugares de primeiro-ministro, principalmente no Sri Lanka e em Israel, e ainda que aconteceria o mesmo se a senhora Margaret Thatcher (conservadora britânica) se tornasse primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Curiosamente, o senhor Desai não se referiu a Indira Gandhi.



. Mobutu já anunciou que a guerra do Shaba tinha terminado. No entanto, continua com o seu governo sediado em Kolwezi e a França anunciou que ia reforçar o envio de material. Também pouco se sabe dos elementos da Frente de Libertação que desencadearam as acções no antigo Catanga. Suspeitando-se que estão a abandonar as cidades conquistadas para não serem massacrados pelos bombardeamentos dos Mirage pilotados por egípcios, e iniciarem nas matas uma luta de guerrilhas, que pode ser prolongada. Entretanto, continuam a afluir homens e materiais vindos de diversos países africanos pró-capitalistas e da França, especialmente. O transporte é assegurado em gigantescos aviões Hercules americanos como os da gravura, estacionados algures numa pista do Zaire.

REFORÇOS PARA O ZAIRE EM AVIÕES AMERICANOS

A CULTURA DO CHÁ EM MOÇAMBIQUE

. O chá é um dos principais artigos de exportação de Moçambique.

Actualmente, cerca de 90 por cento das plantações de chá estão nas mãos do Estado. Apesar de, a seguir à independência, em 1975, os actos de sabotagem dos especialistas europeus terem provocado uma baixa de 13 mil toneladas na produção, relativamente ao ano precedente, as medidas de urgência tomadas no sector permitiram ultrapassar a situação deficitária.

Foi introduzido um sistema de estímulo material para os operários destas plantações, tendo em vista o aumento da produtividade do trabalho. Ao mesmo tempo, para aumentar a produção, iniciaram-se plantações nas regiões montanhosas da província de Quelimane. Os camponeses das aldeias em trabalho colectivo começaram também a cultivar chá.

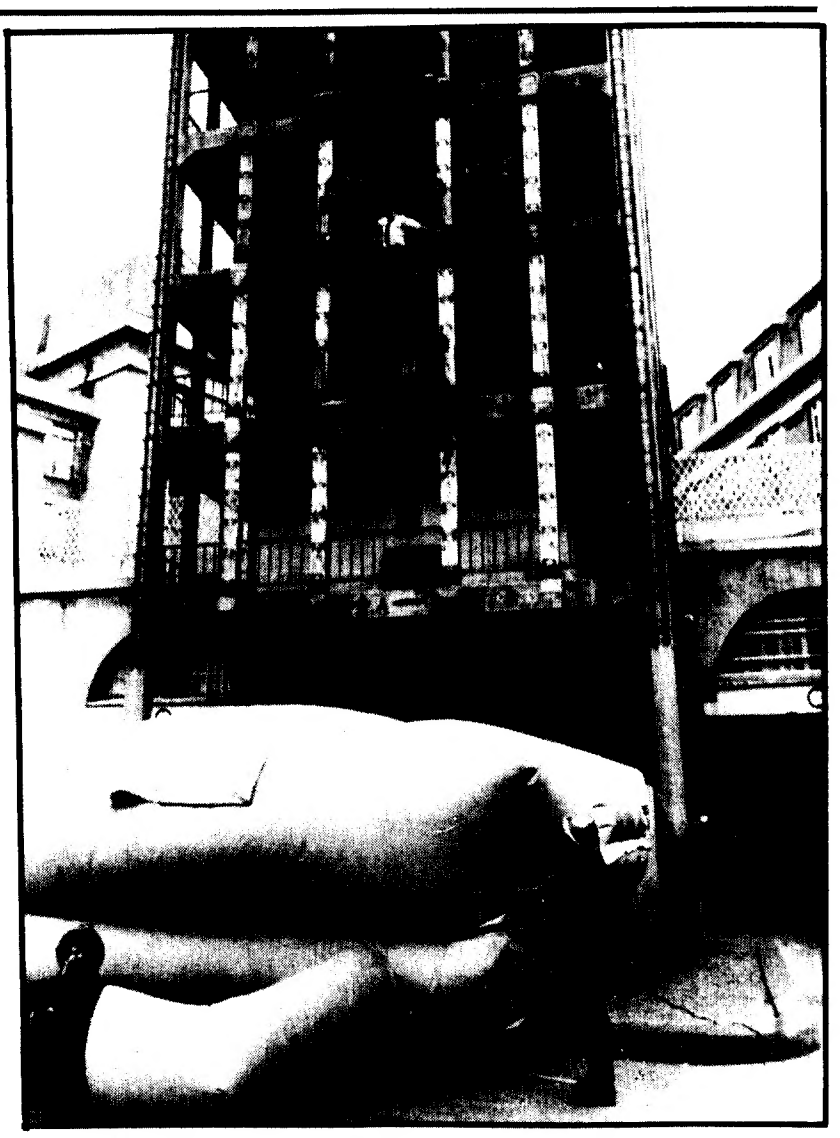
Os resultados não se fizeram esperar. Já em 1976, Moçambique produziu 17 mil toneladas de chá. Este ano, ao apelo do III Congresso da FRELIMO, os trabalhadores das plantações de chá da República querem atingir a meta das 19 mil toneladas, nível dos anos precedentes.

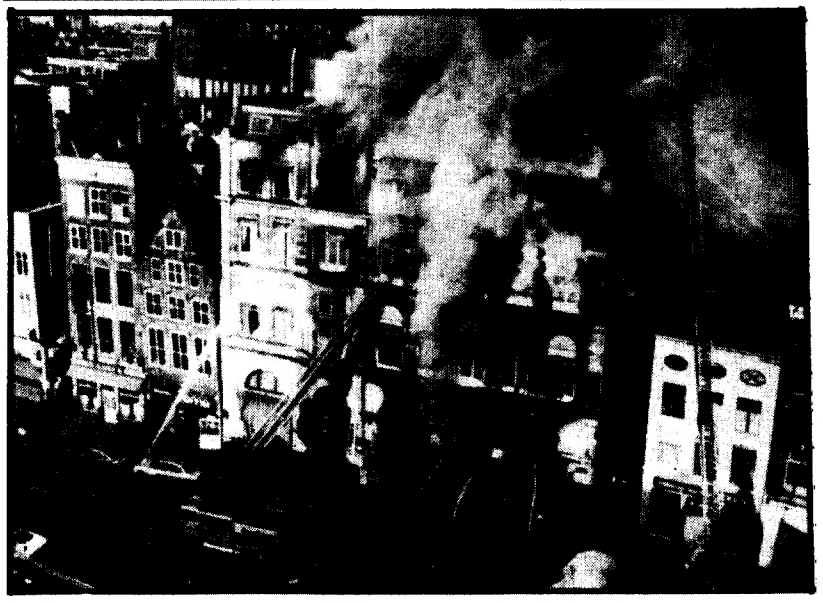
A FAVOR DE BEN CHAVIS

. Geroges Marchais participou, no dia 5 de Maio, na Mutualité, em Paris, num «meeting» organizado pelo Partido Comunista Francês, a favor do pastor negro americano Ben Chavis e de nove camaradas seus, militantes dos direitos cívicos, que estão actualmente a cumprir na Carolina do Norte penas de prisão que totalizam duzentos e oitenta e dois anos. «O caso dos «dez de Wilimington» mostra a gravidade e a extensão dos ataques aos direitos do homem nos Estados Unidos», declarou o secretário-geral do PCF, que acha que o pastor Ben Chavis e os seus companheiros foram condenados «com base numa provocação e falsos testemunhos organizados». O dirigente comunista disse, no entanto, que «ao pedir justiça para as vítimas de tal arbitrariedade», não estava animado de nenhum «sentimento de hostilidade para com o povo americano».

Marchais acrescentou: «Queremos preservar, enriquecer, colocar mais alto ainda as relações que a história teceu entre as nossas duas nações. Isso exige, que seja respeitado o direito inalienável de cada um dos nossos povos determinar o seu futuro com toda a independência, escolher livremente o sistema político, económico e social que deseja. Isso também exige que as suas relações se baseiem no total respeito pela independência de cada um dos nossos países, da sua igualdade em direitos, dos seus interesses nacionais respectivos.

Por seu lado, Angela Davis, membro do Comité Central do Partido Comunista Americano e co-presidente da Aliança contra a repressão política e racista nos Estados Unidos, e que estava presente no «meeting», afirmou que «a história absurda e de autêntico pesadelo, do encarniçamento das autoridades da Carolina do Norte contra o pastor Ben Chavis, revela-nos uma parte importante, direi mesmo aterradora, da realidade política americana».





O FOGO NO HOTEL

. O número de mortos no incêndio do Hotel Polen, em Amsterdão, já ultrapassou os 30, mas ainda há desaparecidos. Não podem ser fornecidos números exactos por duas razões: ainda poderão ser encontrados mais cadáveres nos escombros e alguns dos desaparecidos poderão ser apavorados turistas que, imediatamente, foram para o aeroporto e encerraram as suas férias, factos que prejudicam um balanço final exacto. Sete dos mortos já estão identificados, três hóspedes suecos, três argentinos e uma octogenária residente no edifício vizinho, que também foi destruído pelo fogo.

MAUS CRISTÃOS?

Os dois mil e quinhentos habitantes de uma aldeia colombiana, andaram durante algum tempo a juntar dinheiro para a construção de uma igreja. Mas pensaram melhor, e acabaram por resolver utilizar a soma conseguida em várias obras sociais de que o povo estava muito necessitado. O bispo de quem a aldeia depende, é que não gostou da atitude destes «maus cristãos» considerou-a uma ofensa a S. Sebastião (a quem a igreja era dedicada) e decidiu levar o caso perante o Papa Paulo VI.

COLCHÃO SALVADOR

Os bombeiros de Paris apresentaram a sua última aquisição em matéria de salvamentos: um colchão pneumático gigante, com 41 metros quadrados de superfície, graças ao qual poderão ser salvos os ocupantes de um prédio incendiado que estejam a 60 metros do solo, o equivalente à altura de um edifício de 20 andares. A primeira demonstração do colchão salvador foi feita na própria caserna dos bombeiros de Paris e a foto é da agência Keystone.

EXCLUSIVO
N.º 15/77